

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ - UEM
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO – PPA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE ADMINISTRAÇÃO

ALEXANDRE DE ALMEIDA CASTRO

AS-SALAMU ALAYKUM! COMPREENDENDO O SISTEMA DE
ATIVIDADE DE ACOLHIMENTO, INSERÇÃO E ADAPTAÇÃO
DOS REFUGIADOS SÍRIOS AO BRASIL

Maringá

2016

ALEXANDRE DE ALMEIDA CASTRO

**AS-SALAMU ALAYKUM! COMPREENDENDO O SISTEMA DE
ATIVIDADE DE ACOLHIMENTO, INSERÇÃO E ADAPTAÇÃO
DOS REFUGIADOS SÍRIOS AO BRASIL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Estadual de Maringá – PPA/UEM, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Administração.

Orientador:
Prof. Dr. Marcio Pascoal Cassandre

Maringá

2016

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá – PR, Brasil)

C355a Castro, Alexandre de Almeida
As-salamu alaykum! compreendendo o sistema de atividade de acolhimento, inserção e adaptação dos refugiados sírios ao Brasil / Alexandre de Almeida Castro. -- Maringá, PR, 2016.
98 f. : il. color.

Orientador: Prof. Dr. Marcio Pascoal Cassandre.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Departamento de Administração, Programa de Pós-Graduação em Administração, 2016.

1. Síria - Migração. 2. Refugiados de guerra. 3. Teoria da atividade. 4. Organizações. 5. Abordagem macro e histórico-estrutural da migração. I. Cassandre, Marcio Pascoal, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Sociais Aplicadas. Departamento de Administração. Programa de Pós-Graduação em Administração. III. Título.

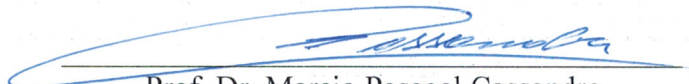
CDD 23.ed. 325.569

MRP-003550

**AS SALAMU ALAYKUM! COMPREENDENDO O SISTEMA DE ATIVIDADE DE
ACOLHIMENTO, INSERÇÃO E ADAPTAÇÃO DOS REFUGIADOS SÍRIOS AO
BRASIL.**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em Administração, do Programa de Pós-Graduação em Administração, da Universidade Estadual de Maringá, sob apreciação da seguinte banca examinadora:

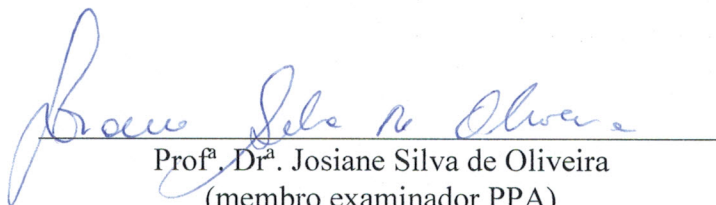
Aprovada em 19 de dezembro de 2016



Prof. Dr. Marcio Pascoal Cassandre
(presidente)



Prof. Dr.^a Isabel Cristina Rodrigues
(membro examinador convidado – DHI/UEM)



Prof.^a Dr.^a Josiane Silva de Oliveira
(membro examinador PPA)

Dedico este trabalho aos meus avós Helena (in memoriam) e Geraldo (in memoriam); Delico e Mara (in memoriam), especialmente Geraldo e Mara, que partiram recentemente ao longo do curso. Todos exemplos de vida.

AGRADECIMENTOS

À Deus, criador de tudo e alicerce da vida, por permitir as pequenas conquistas do dia-a-dia, bem como as grandes vitórias.

Agradeço aos meus pais, Geraldo e Sandra, que sempre foram incentivadores, apoiadores e entusiastas na caminhada pelos estudos, transmissores da ética e valores cristãos que comungo.

À Barbara por sempre me apoiar ao longo deste Mestrado e compreender a importância que ele tem para minha vida.

À Laurinha, minha filha, o amor incondicional, mais puro e inocente já experimentado.

Agradeço ao professor Marcio Pascoal Cassandre, pela infinita paciência, pela orientação deste trabalho, pelos momentos de reflexão que proporcionaste. Chegar aqui só foi possível pois caminaste junto.

A todos os familiares e amigos, por reconhecerem meu esforço e empenho nesta jornada que se encerra.

Agradeço a Marcela Milano, que foi um elo entre mim e os sírios, e que seu Projeto Linyon continue seu caminho, amparando os refugiados.

Aos sírios que testemunharam toda minha gratidão.

Aos professores Josiane Silva de Oliveira e William Borges pelas contribuições oferecidas na banca de qualificação. Com certeza elas foram fundamentais para a elaboração do trabalho final.

A todos os professores do PPA/UEM, especialmente José Paulo de Souza e Elisa Yoshie Ichikawa, inspiradores por uma vida docente.

Na pessoa do Bruhmer Canonice, agradeço a todos os servidores da Universidade Estadual de Maringá.

Agradeço ao amigo Francisco Nogaroli, apoiador da ideia de ser mestre desde o primeiro minuto após a aprovação no processo seletivo.

À Ebc, nas pessoas de David Pecker e Marcelo Souza, que compreenderam e supriram minhas ausências na busca pelos créditos.

Agradeço aos colegas de curso, que marcharam juntos, tenham certeza que contribuíram para minha formação acadêmica e humana.

Aos meus amigos dos tempos de graduação, seja Administração, Ciências Sociais ou Ciências Contábeis, cada palavra de incentivo valeu a pena.

“Se tens um coração de ferro, bom proveito. O meu, fizeram-no de carne, e sangra todo dia”

José Saramago (1987)

RESUMO

A recente guerra civil que assola a Síria obrigou milhares de pessoas a deixarem suas cidades e seus lares, e em busca de sobrevivência eles foram obrigados a procurarem refúgio em outros países, em uma tentativa de dar continuidade a vida. Muitos destes sírios, na condição de refugiados, vieram para o Brasil, pois este país abriu formalmente suas fronteiras para que os cidadãos sírios para cá viessem. A condição de refugiado garante, via tratados internacionais aos quais o Brasil é signatário, condições especiais para que estes cidadãos tenham condições de serem acolhidos, inseridos e adaptados à sociedade que os recebem. Ocorre que de fato é o governo quem abre as fronteiras, no entanto as demais condições são oferecidas pela sociedade brasileira, seja por ONGS, Projetos sociais, Igrejas de várias denominações e a boa-fé de pessoas anônimas. Exatamente na busca por compreender como se dão o acolhimento, a inserção e a adaptação destes sírios ao Brasil, com especial atenção às organizações e pela ausência de estudo sobre o tema nos Estudos Organizacionais surgiu a proposta para esta dissertação de Mestrado em Administração. O estudo buscou um olhar micro, situado, local, um olhar focado na realidade de pessoas que para cá veio. Para tal fim, buscou-se a compreensão de como este povo migrou para o Brasil, e como se desenvolveu cada ponto acima mencionado. Na esfera teórica lançou-se mão de duas teorias: a Abordagem Macro e Histórico-Estrutural da Migração e a Teoria da Atividade. A primeira suportou a compreensão macro dos movimentos migratórios, ou seja, como e porque os sujeitos deixam um país ou território e se deslocam para outro. Esta abordagem limita-se a compreender as circunstâncias macro da migração, no entanto para atingir a proposta de um olhar situado esta abordagem não é suficiente e assim emerge a segunda teoria que é desenvolvida aqui: a Teoria da Atividade. A Teoria da Atividade encontrada no presente trabalho remete-se aos trabalhos do Professor Engeström, que se convencionou chamar de terceira geração da Teoria da Atividade. Esta teoria opera como um aporte teórico e um lente de análise e se propõe a estudar toda atividade humana como um sistema de atividade ou atividades, onde há diversos entes, entre eles o sujeito e um objeto – ao qual dá sentido ao sistema – e onde é possível compreender a dinâmica deste sistema. Em busca destes sírios, a abordagem adotada foi a história oral de vida, tendo como estratégia o testemunho, que possibilitou aos refugiados sírios contarem suas histórias; puras, simples e reveladores, sendo a verdade desvelada na dissertação. Assim foi delineado o sistema de atividade dos sírios no Brasil, em busca de compreender como estes estão se desenvolvendo no país, contribuindo para os Estudos Organizacionais e aproximando a Administração enquanto disciplina acadêmica à Teoria da Atividade e a História Oral de vida.

Palavras-chave: Migração. Refugiados. Teoria da Atividade. Organizações.

ABSTRACT

The recent civil war in Syria forced thousands of people to leave their cities and homes, and in pursuit of survival they were forced to seek refuge in other countries in an attempt to give continuity to life. Many of these Syrians, as refugees, came to Brazil, as this country formally opened its borders for Syrian citizens to come here. Refugee status guarantees, through international treaties to which Brazil is a signatory, special conditions for these citizens to be accepted, inserted and adapted to the society that receives them. Even though it is the government that opens up the borders, it is the Brazilian society who provides conditions for these refugees, through organisations such as: NGOs, social projects, churches of various denominations and the good faith of anonymous people. In order to understand the questions about reception, insertion and adaptation of these Syrians' refugees in Brazil, with special attention to the organizations and by the absence of study on the subject in the Organizational Studies, the proposal for this dissertation of Master in Administration was born. The study sought a micro, situated, local look focused on the reality of these people who came here. To this end, we sought to understand how these people migrated to Brazil, and how each point mentioned above was developed. In the theoretical sphere, two theories were put forward: the Macro and Historical-Structural Approach to Migration and the Theory of Activity. The first supported the macro understanding of migratory movements, that is, how and why people leave one country or territory and move to another. This approach is limited to understanding the macro circumstances of migration, however to achieve the proposal of a situated look this approach is not enough and thus emerges the second theory that is developed here: The Theory of Activity. The Theory of Activity found in the present work refers to the work of Professor Engeström, which is conventionally called the third generation of Activity Theory. This theory operates as a theoretical contribution and a lens of analysis and proposes to study all human activity as a system of activity or activities, where there are several entities, including the subject and an object - to which gives meaning to the system - and where is possible to understand the dynamics of this system. In search of these Syrians' refugees, the adopted approach was the oral history of life, having as a strategy the testimony, which made it possible for the Syrians' refugees to tell their own stories; pure, simple and revealing, the truth being revealed in the dissertation. Thus, the system of Syrians' activity in Brazil was delineated in order to understand how these people are developing in the country, contributing to the Organizational Studies and approaching the Administration as an academic discipline to the Theory of Activity and Oral History of life.

Keywords: Migration. Refugees. Theory of Activity. Organizations.

ملخص

الحرب الأهلية الاخيرة التي اجبرت الالاف من المواطنين ان يتركوا مدنهم و يوتهم بدحا عن ملجأ من اجل العيش في امكان اخرى غير بلدهم محاولة ان يعطوا لانفسهم بداية حياة في مكان اخرى

حاليا العديد من هذه السوريين في حالة اللجوء الذين جاء الى البرازيل لأن هذا البلد افترس رسميا حدودها لمواطنين السوريين ان يأتي

تضمن حالة اللجوء بين عبر المعاهدات بين الدول التي البرازيل هي جزء من الشروط الخاصة لهؤلاء المواطنين لديهم ظروف أن تكون مقبولة في الامم المتحدة بالهم. ومن ودي بين أن في الواقع هي الحكومة أتفتح الحدود ولكن يتم تقديم المساعدة قبل الامم المتحدة البرازيل من خلال المؤسسات والمشاريع الاجتماعية والكائنات وحسن النية من الناس المجهولين.

البحث أنا فهم كيفية داواسد تضافاة الإدراج والتفاعل منهم في الامم المتحدة البرازيل ومع إيلاء اهتمام خاص لملنظمات وعدم وجود دراسات حول هذا الموضوع على درجة الماجستير هذا المجردي في الإدارة اقترح للحصول سعيت الدراسة نظرة حذرة في الامكان، وركزت على واقع الناس من أين أتوا وسعت فهم كيف هجر هؤلاء إلى البرازيل، وكيف أنها وضعت كل حالة في المجال نظرياً أطلقت لتسليم نظريتين النهج الكلي والتاريخي للهجرة ونظرية النشاط

لنظرية الأولى على فهم حركات الهجرة، أو لأن هذا الموضوع يترك البلد أو ويستند الاقلام والانتقال إلى أخرى، وهذه حدود مقاربة لفهم أسباب الهجرة وتحقق الاقتراح لإلقاء نظرة تقع لا يكتفي وهكذا يظهر أن النظرية الثانية وضعت نظرية النشاط

إلى عمل المعلم mortsegnE، الذي يعمل تشير نظرية النشاط وجدت في هذا العمل كمساهمة النظرية والتحديات لدراسة جميع النشاط البشري كنظام النشاط الذي يقترح فهم ديمانيات هذا النظام

بدحا عن هذه السوريين، كان النهج الممتد في التاريخ الشفوي الحقيقي يروون قصصهم نقية للحياة، مع استراتيجة الشهادة، والتي مكننت من اللجوء وبسبب وكشف الحقيقة التي كشف النقاب عنها هذا الملخص لذلك كان مابين عليه أن شطة منظومة السوريين في البرازيل، والسعي لفهم الكيفية التي يتم بها وضع في البلاد والمساهمة في الدراسات

الكلمات الرئيسية

هجرة
اللجوء
نظرية الأنشطة

المنظمات

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 - Modelo Triádico de Vygotsky.....	29
Figura 02 - Sistema de atividades.....	31
Figura 03 - O sistema de atividades dos refugiados sírios.....	60

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 - Gerações da Teoria da Atividade.....	27
Quadro 02 - Contribuições e avanços em relação a Teoria da Atividade.....	33
Quadro 03 - Pressupostos da Abordagem Qualitativa.....	36

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
1.1	ESTRUTURA DO TRABALHO	15
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	22
2.1	O POVO SÍRIO	22
2.2	TEORIA DAS MIGRAÇÕES	25
2.3	TEORIA DA ATIVIDADE.....	26
3	INDICATIVOS METODOLÓGICOS	35
3.1	HISTÓRIA DE VIDA E HISTÓRIA ORAL	38
3.2	TESTEMUNHO	43
3.3	PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS	44
3.4	AS TRANSCRIÇÕES DOS TESTEMUNHOS	48
3.5	COLETA DE DADOS OU TESTEMUNHOS	48
3.6	ORGANIZAÇÃO DOS DIÁLOGOS TESTEMUNHAIS À LUZ DA TEORIA DA ATIVIDADE	50
4	ANÁLISE DO SISTEMA DE ATIVIDADES: A VIDA DOS SÍRIOS NO BRASIL	53
4.1	ACOLHIMENTO	55
4.2	INSERÇÃO	55
4.3	ADAPTAÇÃO	58
4.4	CARACTERIZAÇÃO DOS ELEMENTOS DO SISTEMA DE ATIVIDADE	59
4.5	AS CONTRADIÇÕES NO SISTEMA DE ATIVIDADE	63
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	66
	REFERÊNCIAS	69
	APÊNDICE A	73
	TESTEMUNHO MARIA	73
	APÊNDICE B	82
	TESTEMUNHO SILVIA	82
	APÊNDICE C	90
	TESTEMUNHO JOSÉ	90

1 INTRODUÇÃO

As-Salamu Alaykum ou “Que a paz esteja sobre vós”, é uma expressão tradicional de cumprimento entre os povos árabes, especialmente os que professam a fé islâmica. E entre outras coisas é isso, a Paz que muitos refugiados, sírios ou não, árabes ou não, mulçumanos ou não, buscam no Brasil.

A ciência busca, ao longo dos anos, responder questionamentos que não foram respondidos pelas demais áreas do saber, como o conhecimento religioso, ou se foram respondidos, não atendiam de forma satisfatória os preceitos da ciência clássica, como o método, a objetividade e o modelo. Para Alves (2013, p.67), “a inteligência está diretamente relacionada à nossa capacidade para inventar e operar modelos”.

Para uma melhor compreensão e leitura deste trabalho, é necessária uma caracterização sobre o que se acredita acerca da objetividade da ciência e especialmente das ciências sociais, bem como os pressupostos ontológicos, epistemológicos e metodológicos aqui empregados. Para Weber (2003), não existe qualquer análise científica puramente objetiva da vida social, pois ainda que haja toda uma atenção metodológica, um distanciamento “seguro” dos fenômenos sociais, os pressupostos que determinaram, consciente ou inconscientemente, as escolhas do pesquisador (aporte teórico, metodologia, sujeito/ objeto de pesquisa) apontam indicativos de quem é este pesquisador, de onde ele está falando e qual seu público.

A definição de objetividade, ou a ausência dela, apresentada por Weber (2003), é compartilhada pelo autor do presente trabalho, pois ambos acreditam na capacidade de construção de conhecimento na esfera científica, embora não repousem sua crença em uma objetividade pura. Isso significa que a ciência realizou, realiza e realizará muitos trabalhos para o desenvolvimento da sociedade, mas as inquietudes, as indagações, as motivações que levam os pesquisadores a moverem-se rumo ao objeto não são objetivamente explicados, pois sempre haverá as perspectivas especiais e parciais destacadas por Weber. Tais perspectivas conduziram para a definição do sujeito de pesquisa, teoria e caminhos metodológicos, e que serão melhores expostos mais adiante.

Os pressupostos epistemológicos e ontológicos são aqui apresentados, visto que, como citado, são elementos relevantes e reveladores da postura do pesquisador. Conhecer quais são estes pressupostos auxilia a leitura do trabalho, pois situa quem o escreve, bem como sua visão de mundo e valores compartilhados. Uma forma didática de apresentar estes pressupostos são os modelos gráficos, e demonstrando aderência aos valores compartilhados surge o Círculos

das Matrizes Epistêmicas de Paes de Paula (2016), que demonstra por meio de três eixos filosóficos e lógicos as tomadas de posições dos autores da Administração. São eles:

- a) Matriz Empírico-analítica: filosofia positiva, lógica formal e interesse técnico;
- b) Matriz Hermenêutica: filosofia hermenêutica, lógica interpretativa e interesse prático e
- c) Matriz Crítica: filosofia negativa, lógica dialética e interesse emancipatório.

E dentre os três eixos, pode-se afirmar que a pesquisa está alinhada com a Matriz Hermenêutica, onde busca interpretar o sistema de atividade dos refugiados sírios com interesse práticos de compreender como ocorre seu acolhimento, inserção e adaptação ao Brasil. Paes de Paula (2016), no entanto, ressalta que o modelo não é estático, mas sim dinâmico e que as ideias e os idealizadores (autores) não estão fadados ou determinados a permanecerem em um eixo da matriz, ao contrário, há uma dinâmica muito ativa que permeia o círculo que está em constante mudança. Esta é uma forma de ver o mundo, feito por humanos em suas múltiplas determinações, um homem que por vezes parece subjugado, mas que procura alternativas para se desenvolver.

Assim, é reconhecido pelo pesquisador a importância da busca pela compreensão de quem são estas pessoas que estão vindo ao Brasil e suas condições. É um tema que comove o autor.

O presente trabalho impõe-se uma tentativa de interpretar e compreender este povo sírio que se refugia no Brasil, através das categorias do acolhimento, inserção e adaptação. Uma provável contribuição encontra-se nas categorias de sentido do intelectual cubano González Rey (2015).

Esta categorização ajuda a qualificar e enriquecer a pesquisa e está presente em González Rey (2015), quando este autor recupera e trabalha as categorias de sentido de Vygotsky e Leontiev. Ao apresentar a categoria de sentido pessoal, González Rey aponta a forma pensada por Leontiev. Para este, o sentido pessoal é definido como a relação entre o motivo e os objetivos da atividade, ou seja, as motivações pessoais, em nível psíquico podem não encontrar relações plausíveis no campo da razão. Pode ser, inclusive, de ordem psicológica. Destarte, o autor corrobora com o fato de os fenômenos terem compreensões distintas no plano individual, pois cada ser apreenderá a realidade de uma forma, assim como irá reagir e interagir de maneira única.

A aplicação desta teoria pode expandir a capacidade de análise do individual, que embora seja esperado conter a essência de um povo sírio, que se encontra na condição de refugiado, tem uma história de vida particular, uma marca que lhe é própria e este indivíduo irá atribuir sentidos subjetivos aos experimentos vividos. González Rey (2007) aborda o caráter inédito das categorias de sentido em Vygotsky:

O conceito de sentido não aparece nos primeiros trabalhos de Vygotsky. Ele vai aparecer na última fase de sua obra e, em pouquíssimo tempo, vai se expressar de formas diferentes, desprendendo-se progressivamente da palavra, em relação à qual aparece definido em Pensamento e Linguagem. É nesse momento que Vygotsky toma o termo do psicólogo alemão Paulhan, que tinha avançado na construção da relação entre o significado e o sentido da palavra no marco do uso da linguagem. Nesse contexto Vygotsky afirma (1987):

Paulhan afirma que o sentido da palavra é complexo, fluido e está em mudança permanente. De alguma maneira ele é único para cada consciência e para uma consciência individual em circunstâncias diferentes. Nesse aspecto, o sentido da palavra é inesgotável. A palavra adquire sentido numa frase. A frase em si mesma adquire sentido, porém no contexto do parágrafo, o parágrafo no contexto do livro, e o livro no contexto dos trabalhos escolhidos do autor. Finalmente, o sentido da palavra é determinado por tudo o que na consciência está relacionado com aquilo expresso na palavra. (GONZALEZ REY, 2007, p. 276)

É notável a preocupação de Vygotsky, brilhantemente recuperada por González Rey, com as categorias de sentido, porque a apropriação dada pelo indivíduo às coisas são marcas únicas, fruto de sua experiência cultural, histórica e social. Desta forma, torna-se tão importante considerar as categorias de sentido para a elaboração deste trabalho, que objetiva olhar com uma lente singular, enxergar na vasta população migratória o olhar ímpar de um indivíduo que sofre ao deixar sua pátria em busca de uma nova vida.

Portanto, duas teorias, a Teoria Histórico Estruturalista das migrações e a Teoria da Atividade, somadas a contribuição epistemológica oferecida pelas categorias de sentido, deverão ser capazes de atingir a proposta deste trabalho ao fornecer respostas para objetivo que será proposto. Nesta jornada reflexiva parte-se do macro, ou seja, da explicação suportada pela Teoria Histórico Estruturalista que vai apontar os elementos que motivam a saída da Síria e a vinda ao Brasil. Para Ortelinda Barros (2009), ao refletir sobre a perspectiva da Teoria Histórico Estruturalista, ela discorre que “o contexto econômico-social, qual estão inseridos os potenciais migrantes, é mais importante para a análise das causas da migração do que a simples análise de custos/ benefícios, sugeridas pela abordagem micro¹”.

Embora a Teoria Histórico Estruturalista das migrações considere elementos para além da relação de equilíbrio econômico, ela se ocupa da compreensão macro, dando luz aos

¹ Os modelos neoclássicos de análise sobre migrações englobam uma estrutura de custos e benefícios contabilizados sob o ponto de vista do indivíduo nos locais de origem/destino e, em alguns casos, sob o ponto de vista da família (Wood, 1982: 54. *apud* Ortelinda Barros, 2009: 26).

fenômenos migratórios como um todo e não aos pequenos grupos ou indivíduos que os compõem. Também preocupada com as relações históricas, culturais e sociais, apresenta-se a Teoria da Atividade, porém esta ocupa-se da compreensão das relações micro, o olhar situado, que será capaz de demonstrar os elementos e as relações entre eles por intermédio do sistema de atividades, considerando as categorias de sentido, que atribuem ao particular, ao situado, a atribuição de sentido, que é própria e individual de cada sujeito dentro da atividade. Esta Teoria, em sua terceira geração, lança a possibilidade de compreender o situado através das relações entre os entes do sistema. Bem como através das contradições existentes, compreender os pontos de tensão e superação do sistema (ENGESTRÖM, 1987).

Mas que sujeito é este? O sujeito de pesquisa ou sujeitos são imigrantes sírios, especificamente refugiados, que vieram para o Brasil após os últimos acontecimentos que deflagraram uma grande guerra neste país (NAÇÕES UNIDAS, 2016).

A Síria sofre com os desdobramentos da guerra civil, que assola e divide o país, desde janeiro de 2011, forçando mais de 13 milhões de pessoas a deixarem suas casas e outras milhares sendo mortas (NAÇÕES UNIDAS, 2016). Assim, iniciou-se uma jornada do povo sírio por busca de novos locais onde possam recomeçar a vida e, desta forma, na condição particular de refugiados, amparados por legislações brasileiras e internacionais. Assim, muitos sírios chegaram ao Brasil, uma vez que, segundo o Ministério da Justiça, o país tem cerca de 8.530 estrangeiros reconhecidos como refugiados pelo Governo do Brasil, sendo eles, os sírios, o maior grupo composto por 2.097 pessoas (BRASIL, 2015).

As migrações fazem parte da própria história humana (ORTELINDA GONÇALVES, 2009). Enquanto grupos coletores, os humanos viviam em núcleos que migravam de tempo em tempo, em busca de comida. Uma vez que as frutas, verduras, e demais alimentos acabavam em um determinado local, eles eram obrigados a se mudar para outro que houvesse alimento. Com o passar dos anos, os homens coletores descobriram que eles também, e não somente a natureza, poderiam promover a plantação e não somente a colheita. Desta forma, eles começaram a fixar em determinado espaço, pois passaram a dominar a agricultura e reproduzir na terra o alimento que fora colhido. Ainda, logo desenvolveram a caça e a pesca, o que ampliou a capacidade de alimentar todo o grupo, sem a necessidade de deslocamentos. Assim o homem resolveu o primeiro grande dilema migratório da espécie.

Ocorre que, provavelmente não muito tempo depois, os homens necessitaram novamente migrar. Os motivos podem ser os mais variados, como: doenças, clima, adversidades da natureza, guerras e etc. E assim a migração acompanha o homem desde então.

Segundo Ortelinda Gonçalves (2009), a emigração é um fenômeno social que, sob diferentes formas, aparece ao longo da história humana. Embora os migrantes² tenham experiências comuns, a própria migração é um fenômeno diverso e complexo. Os migrantes podem ser diferenciados pelo gênero, classe social, etnicidade, pela razão da migração, pela idade, pela forma de migração, pela natureza e pela influência na economia global.

Anualmente, milhões de pessoas deslocam-se forçadamente dentro de países e entre países e territórios em busca de melhores condições de vida, oportunidades e sobrevivência (ACNUR, 2015); todos procurando um patamar mais elevado que garanta a ele e a sua família uma situação melhor do que a deixada para trás. Situação esta que proporcione estabilidade e possibilidade de vislumbrar um futuro melhor, uma vez que, em muitos casos, a vida deixada para trás solapou sonhos, oportunidades e a única esperança é continuar a vida em outro lugar. Segundo dados do ACNUR, em 2014 os deslocados atingiram o patamar de 59,5 milhões, maior número apurado desde o fim da Segunda Guerra Mundial, adicionando 8,3 milhões de pessoas nestas condições, comparando com os 51,2 milhões de deslocados do ano de 2013 (ACNUR, 2015).

Dentre muitas dificuldades que podem ser encontradas pelos imigrantes, a cultura destaca-se. A diversidade cultural sempre impôs a humanidade uma condição *sine qua non* de adaptação, concessão e negociação. Composta por inúmeras denominações religiosas, uma infinidade de idiomas, somados à alimentação, hábitos, relação com a natureza, vida em sociedade e entre sociedades, entre outros elementos, a cultura é a soma de muitas variáveis que interagem e dão contornos e formas a muitos povos ao redor do mundo.

Cultura são sistemas (de padrões de comportamento socialmente transmitidos) que servem para adaptar as comunidades humanas aos seus embasamentos biológicos. Esse modo de vida das comunidades inclui tecnologias e modos de organização econômica, padrões de estabelecimento, de agrupamento social e organização política, crenças e práticas religiosas, e assim por diante. (LARAIA, 1986, p.59)

Assim, os elementos culturais estão presentes em todas as manifestações humanas, sejam elas individuais ou coletivas, pois ainda que sejam transmitidas socialmente, podem ser experimentadas na individualidade.

Portanto, o choque cultural está presente no processo de migração, pois compõe um leque de variáveis que parecem tornar a adaptação do estrangeiro à nova terra ainda mais difícil.

² Serão encontrados ao longo do trabalho os termos: migração, emigração e imigração. Aos quais remetem-se aqui, para fins de entendimento ao mesmo significado: o de explicar os movimentos de pessoas de um lugar para outro. As três formas estão presentes aqui por respeito às citações.

Dentre estas variáveis já citadas, destacam-se: o idioma; como será apreciado oportunamente através dos testemunhos, há sírios que jamais haviam dito ou ouvido uma palavra sequer em português, além disso, as grafias são amplamente distintas (árabe e português), pois pertencem a famílias linguísticas diferentes. O idioma pode parecer uma variável óbvia, o estranhamento clássico, mas será percebido também diferenças mais sutis, como o “dia-a-dia” do sírio e do brasileiro; em certa altura de um diálogo testemunhal encontra-se a seguinte comparação: “o dia a dia assim, do sírio é muito mais tranquilo que a correria aqui deste Brasil”. Sihan Massouh, síria brasileira, em sua autobiografia assim relata suas impressões ao regressar a Síria:

Sempre, depois do almoço, havia um período de descanso. Já que na Síria se cultivava o hábito saudável de dormir depois da refeição do meio dia, dorme de pijama, nunca consegui me acostumar, eu achava muita graça, tirar um cochilo tudo bem, mas colocar pijama e dormir de verdade, isso eu não conseguia conciliar, a cidade (Marmatita) toda dormia, ficava tudo muito quieto e parado. (MASSOUH, 2014, P.77)

Ou seja, a vida ganha outro *time*, marcado pela cultura do outro, pela cultura local. Assim, o trabalho deverá caminhar pelo caminho do cultural, pois é necessário compreender razoavelmente os elementos que o compõe, para compreender este sujeito.

Desta forma, este trabalho estará organizado da seguinte forma: a presente introdução, adicionalmente o problema de pesquisa, as justificativas e os objetivos compõem a primeira parte; a segunda parte será apresentada a fundamentação teórica, a terceira parte trará os indicativos metodológicos que serão utilizados na pesquisa, a quarta parte trará a análise das atividades por meio do sistema de atividades proposto por Engeström (1987), e por fim a quinta parte com as considerações finais.

1.1 ESTRUTURA DO TRABALHO

O trabalho aqui apresentado tratará da questão da recente migração de sírios ao Brasil, mas trata-se de uma condição particular de migrante, o refugiado. Segundo o ACNUR – Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados:

Um refugiado é alguém que temendo ser perseguido por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas, se encontra fora do país de sua nacionalidade e que não pode ou, em virtude desse temor, não quer valer-se da proteção desse país. (ACNUR, 2015)

Este é o caso específico e especial de boa parte do povo sírio. A Síria passa por um momento de instabilidade interna que, como se sabe, levou o país a uma sangrenta guerra civil, contrapondo, de um lado o governo do atual Presidente Bashar al-Assad e, de outro lado, um grupo paramilitar que almeja a queda deste governo. Ainda, um terceiro elemento de extrema relevância surge no cenário: dadas as circunstâncias descritas acima, parte do território sírio é dominado pelo autointitulado Estado Islâmico (ISIS em inglês), um grupo armado fundado por sunitas que pregam a criação de um Estado islâmico radical no Oriente Médio, que atualmente domina partes da Síria e do Iraque (BBC BRASIL, 2015).

Neste bojo encontra-se a população civil que vê a destruição, a morte e a falta de perspectiva baterem à sua porta todos os dias, e ajudados por instituições como a ONU, por meio da sua agência para refugiados, o ACNUR, e outras organizações como o Crescente Vermelho (Organismo humanitário de proteção à vida, presente nos países muçulmanos e coirmã da Cruz Vermelha). Estes sírios vislumbram a possibilidade de migrarem, na condição de refugiados, para outros países, como Alemanha, Canadá e Brasil. O Brasil, por meio do CONARE – Comitê Nacional para os Refugiados - havia aprovado, em setembro de 2013, a resolução nº17 que dispõe sobre a concessão de visto especial, por razões humanitárias, as pessoas afetadas pelo conflito armado na Síria. A Resolução nº17 traz, entre outras normas, a facilitação da emissão do visto, a partir da dispensa da apresentação da carta-convite, passagem de ida e volta, prova de capacidade financeira, comprovante de emprego e/ou de atividade econômica quando os cidadãos da Síria submetem seus pedidos. Esta resolução foi renovada por mais dois anos, em setembro 2015 (PORTAL BRASIL, 2015).

Embora o governo do Brasil tenha suspenso negociações com a União Europeia (BBC, 2016) para receber um maior número de refugiados sírios, a resolução nº17 continua vigente.

Sendo assim, ao final desta jornada, para muitos refugiados, está o Brasil, que embora não esteja em seu melhor momento, sob o ponto de vista econômico, é historicamente reconhecido pelo convívio pacífico entre os povos e pela receptividade. Não é inédita a migração de árabes e especificamente sírios ao Brasil, pois as migrações destes povos, somados aos libaneses, datam das últimas décadas do século XIX (TRUZZI, 2000), eles já estão estabilizados em regiões como São Paulo-SP, Foz do Iguaçu-PR (tríplice fronteira) e outras regiões do Brasil.

Não há números oficiais sobre a presença e quantidade de imigrantes na Região de Maringá, mas segundo o documento “Migrantes, apátridas e refugiados: subsídios para o aperfeiçoamento de acesso a serviços, direitos e políticas públicas no Brasil (2015), elaborado

pelo Ministério da Justiça, em seu número 57 da Série Pensando o Direito, em Foz do Iguaçu foi identificada forte integração da comunidade árabe, formada especialmente por libaneses, os quais já são residentes permanentes ou brasileiros naturalizados. Destaca-se que esta comunidade possui poder aquisitivo mais alto e, dessa forma, pouco recorre aos serviços públicos essenciais. Os refugiados sírios não chegaram em número expressivo em Foz do Iguaçu. A estimativa da mesquita local é que haja cerca de cinquenta refugiados sírios apenas, segundo o mesmo documento elaborado pelo Ministério da Justiça.

Este elemento é relevante se considerarmos as redes de conexões que formam entre os patrícios aqui já estabelecidos e os que se aventuram por vir. Os primeiros auxiliam com apoio logístico, acomodação, aulas de português, procura de trabalho e serviços médicos.

Caracterizados migração e refugiado, é relevante destacar que o Brasil recebeu e recebe muitas outras nacionalidades (não necessariamente na condição de refugiados), como bolivianos, paraguaios, iraquianos e haitianos.

A migração haitiana guarda algumas proximidades com a migração síria, pois ambas foram beneficiadas pelo fato de o governo federal do Brasil ter aberto, de modo formal, as portas para que ambos viessem ao país, e ocorreram (e ainda ocorrem) no mesmo espaço de tempo, embora tenham ganhado status jurídicos distintos: os sírios estão enquadrados na condição de refugiados, ao passo que o governo brasileiro enquadra os haitianos no conceito humanitário e são chamados de migrantes econômicos (ZENI; FILIPPIM, 2014). Segundo Zeni e Filippim (2014):

A diferença entre migrantes econômicos e refugiados é que os primeiros decidem deslocar-se para melhorar as perspectivas para si e para suas famílias e os refugiados deslocam-se para salvar suas vidas ou preservar suas liberdades. (ZENI, FILIPPIM, 2014, p.15)

De fato, o motivo que fez com que os haitianos deixassem seu país foi ocasionado por uma catástrofe natural. Em janeiro de 2010, um terremoto de 7,3 pontos na escala Richter atingiu este país, que já enfrentava dificuldades políticas e recuperava-se de três furacões. Estima-se que morreram em torno de 230 mil haitianos e que 1,5 milhão ficaram desabrigados (GIRALDI 2012, *apud* MORAES; ANDRADE; MATTOS, 2013).

É importante destacar estes pontos de proximidades e distanciamento entre estes dois movimentos migratórios, o haitiano e o sírio, para elucidar dúvidas que são tão comuns, uma vez que são os maiores movimentos atualmente (2016) em direção ao Brasil.

Apresentado estes pontos, é necessário voltar-se as singularidades da migração síria. Há outras características que são particulares do povo sírio, que de certa forma, moldam a problemática da pesquisa, a saber: diferentemente dos haitianos, que tiveram neste fluxo migratório (2011) o primeiro grande deslocamento de habitantes para o Brasil, os sírios (e demais povos árabes vindos do Oriente Médio, como Líbano e Jordânia) já eram muito presentes no país, formando assim um sistema de cadeia ou rede que facilita a vinda dos sírios. O conceito de cadeias e redes em processos migratórios é apresentado por Truzzi:

De qualquer modo, o emprego dos termos cadeias e redes, em suas acepções mais restritas ou abrangentes, procura sublinhar a circunstância de que muitos decidiam emigrar após informarem-se previamente das oportunidades (e dificuldades) com imigrantes anteriores, seja por carta, seja quando retornavam. Estes podiam prover tanto informações, no tocante às perspectivas de emprego e alojamento iniciais, como recursos, por meio de remessas monetárias, que pudessem financiar e assim viabilizar a viagem. Cabe, nesse sentido, sublinhar o papel ativo dos emigrados na sociedade de origem, de modo a influenciar o comportamento de novos migrantes potenciais, estimulando ou refreando projetos, expectativas e investimentos futuros. (TRUZZI, 2008, p. 5)

Uma forma de compreender este processo migratório é identificando seus sistemas de atividades³ que podem ocorrer nas relações entre os próprios sírios e entre os sírios e a comunidade, ocorram elas nas relações de trabalho, de estudos, artes, culinária, ou religiosas, por exemplo. Assim, o fenômeno dos refugiados sírios carece de uma compreensão ampliada, ou seja, que compreenda não apenas o movimento migratório por si só como o objeto da atividade, mas sim um olhar mais expandido de como a atividade migratória está diretamente relacionada com outros elementos. Para tanto, a identificação dos chamados sistemas de atividades, presente na Teoria da Atividade desenvolvida por Engeström (1987), pode refletir sobre as atividades humanas dentro de um sistema complexo e inter-relacionado, onde há a interação entre os elementos, como o sujeito e o objeto mediados por instrumentos.

Portanto, estão reunidos muitos elementos que atribuem especificidade à migração síria ao Brasil, somados à necessidade de compreender como estes estrangeiros estão se inserindo no mercado de trabalho nacional, uma vez que, também, nos Estudos Organizacionais no Brasil são recentes as publicações que abordam temas que envolvam as minorias, o gênero, o estrangeiro e as organizações.

³ Serão encontrados no trabalho “sistema de atividade” e “sistemas de atividades”, pois poderão ser identificados ao longo da pesquisa de campo mais de um sistema, como proposto por Engeström (1987) em sua tese. Vários sistemas podem ter em comum um mesmo objeto de atividade, gerando interações e restrições, e neste movimento podem surgir as contradições, que estimulam o desenvolvimento expansivo do sistema.

O problema que será proposto é o ponto inicial da inquietude em relação a estes refugiados que desembarcam no Brasil e passam a viver e conviver com a sociedade, relacionando-se nos diversos níveis do cotidiano local: trabalho, lazer, entre tantas coisas... Recuperando de forma breve: a Teoria Histórico Estruturalista das migrações é aderente às escolhas ontológicas, mas insuficiente para a compreensão do situado; a Teoria da Atividade deverá fornecer este aporte teórico, bem como esta lente para observar este fenômeno de modo localizado, e as categorias de sentido darão sustentação ao reconhecer que os sentidos atribuídos às coisas são próprios do sujeito; e assim serão captadas nos diálogos testemunhais que serão apresentados no trabalho.

Por conseguinte, o problema de pesquisa que se apresenta é: **Como o sistema de atividades dos refugiados sírios se constituem, considerando o movimento migratório de acolhimento, inserção e adaptação ao Brasil?**

Aqui assumimos, para fim de compreensão e atribuição de significado os verbetes encontrados no Dicionário Aurélio (1988) a respeito das três categorias, a saber:

- a) Acolher: 1. dar acolhida ou agasalho a; hospedar. 2. Dar acolhida a, receber. 3. Atender, receber. 4. Dar crédito a, dar ouvidos a. 5. Admitir, aceitar. 6. Tomar em consideração; atender a. *Int.* 7. Abrigar, agasalar. P. 8. Agasalar-se, hospedar-se. 9. Abrigar-se, recolher-se. 10. Refugiar-se, amparar-se.
- b) Inserir: 1. Colocar, introduzir, intercalar, incluir. 2. Pôr, meter, entranhar. 3. Fixar-se, implantar-se.
- c) Adaptação: 1. Ação ou efeito de adaptar-se. 2. Ajustamento de um organismo, particularmente do homem, às condições do meio ambiente.

Os verbetes são o ponto de partida da compreensão sobre as categorias, mas seus significados foram desvelados no decorrer da análise. Assim, em uma compreensão mais ampla, pode se dizer que o Acolhimento é todo o movimento por parte das pessoas ou das instituições (públicas, privadas, com ou sem fins lucrativos) que sustente a chegada dos imigrantes em seus primeiros momentos, seja com contribuição material, afetiva ou espiritual. A Inserção pode ser compreendida como os atos dos sírios, de forma independente ou dependente de pessoas ou instituições, na direção de envolver-se com a sociedade brasileira que os recebe. Ocorre através da língua, da troca cultural, do trabalho e do lazer, por exemplos. E a Adaptação é a condição (e aqui só será reconhecida pelos próprios refugiados, em uma autoanálise de suas condições) em que os imigrantes se identificam em relação ao meio em que agora passaram a viver. Uma

variável relevante, embora não única, é a coexistência entre as culturas, síria e brasileira, de forma harmoniosa e respeito mútuo.

A adoção deste tema de pesquisa é uma tentativa de contribuir com os Estudos Organizacionais, dando luz à um fato que já repercute internacionalmente e envolve as organizações brasileiras na medida que estes refugiados são recebidos no Brasil.

Considerando do ponto de vista da relação entre sujeito e organizações, a) o mundo tem presenciado a guerra civil da Síria, conflito entre o governo e oposição, com a presença do Estado Islâmico, e que isso tem feito com que famílias inteiras busquem refúgio em outros países, e o Brasil é um deles, devido ao país ter aberto formalmente as fronteiras e já ter recebido sírios anteriormente; b) que a vinda dos refugiados tem um impacto na cultura do trabalho e das organizações brasileiras, porém ele é desconhecido; c) que o trabalhador sírio muitas vezes vem com uma profissão do seu país, porém nem sempre essa profissão é exercida no Brasil; d) que existe uma rede de migrantes que podem facilitar a vinda – nos diversos aspectos - dos refugiados; e) que a literatura das diferentes áreas têm trazido temáticas que tratam da migração e do refugiado, no entanto, na área de Estudos Organizacionais, por meio de pesquisa realizada, não foram encontrados artigos que abordam o tema. Em estudo realizado em bancos de dados acadêmicos, considerando o período de 2009 a 2015, foram encontrados entre teses, dissertações e publicações em periódicos, 30 trabalhos abordando a migração. No entanto, todos de áreas distintas à Administração e aos Estudos Organizacionais, como: Sociologia, Antropologia Social e Geografia, por exemplo.

Do ponto de vista teórico é uma oportunidade aderente de analisar estes sistemas de atividades sob a perspectiva da Teoria da Atividade. A Teoria da Atividade é simultaneamente um corpo teórico e uma lente de análise, a qual permite analisar os movimentos dinâmicos do sistema, bem como o comportamento de seus membros, revelando assim o objeto do sistema de atividade. Esta teoria contribui na compreensão de sistemas diversos das atividades humanas. Um exemplo pode ser a aplicação da Teoria da Atividade na observação e análise dos modelos de aprendizagens interculturais. Engeström (2001) preocupa-se em contemplar, em seu modelo de análise da aprendizagem, a capacidade de responder a quatro questões e cinco princípios, que para ele são peças fundamentais no modelo, as perguntas chave são, a saber: quem são os sujeitos da aprendizagem? Por que eles aprendem? O que eles aprendem? E Como eles aprendem?

Já os cinco princípios são: o sistema de atividade como unidade de análise, as multi vozes da atividade, a historicidade da atividade, contradições como força de mudança na atividade e os ciclos expansivos como possível forma de transformação em atividade.

O processo de aprendizagem é determinante em processos migratórios, pois um prisma de novidades surge diante dos sujeitos, impondo a eles novas condições sociais e de convívio, de trabalho, de estudo e outros mais.

Do ponto de vista epistemológico do autor que compartilha da visão de Weber (2003) sobre a objetividade do conhecimento nas Ciências Sociais e atribui ao estudo deste sujeito, o refugiado, um elevado grau de importância, devido às características humanitárias de sua condição. Assim, este trabalho pode ser capaz de alinhar as justificativas acima com coerência acadêmica, contribuindo com os Estudos Organizacionais a compreender uma questão contemporânea.

Ainda, o trabalho objetiva contribuir com os refugiados sírios do Brasil, já que apresentando suas histórias de vida, por intermédio do testemunho, possibilita melhor conhecê-los, como está ocorrendo o processo de acolhimento, de inserção e adaptação ao Brasil. Este contingente de pessoas que chegam ao Brasil deveria ter condições mínimas de continuar a vida, ainda que, considerando todo o trauma intrínseco à condição de refugiado, devem ter oportunidades reais de desenvolverem-se como humanos, integrados ao país.

Academicamente e em relação aos Estudos Organizacionais busca contribuir com a compreensão deste fenômeno migratório específico, considerando que este refugiado atua coletivamente e interage com os mais diversos sistemas organizacionais, como o trabalho, a educação, o lazer, a cultura, e o sistema de saúde, entre outros.

Mais precisamente sobre o mundo do trabalho, o estudo pode contribuir para que gestores de pessoas nas organizações possam enxergar este refugiado, um potencial trabalhador, em suas múltiplas determinações, compreendendo um pouco melhor quem é ele, de onde vem, qual sua história de vida.

Para tanto, foram elaborados o objetivo geral e os específicos a fim de orientar a pesquisa.

Conhecer e analisar o sistema de atividade presente na migração síria ao Brasil, nos movimentos migratórios de acolhimento, inserção e adaptação desses refugiados.

- a) Descrever como se desenvolve os movimentos migratórios da Síria para o Brasil;
- b) Identificar os elementos presentes nos movimentos migratórios, no tocante ao acolhimento, inserção e adaptação dos refugiados sírios no Brasil;
- c) Interpretar os movimentos migratórios dos sírios ao Brasil por meio de seu sistema de atividades.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 O POVO SÍRIO

Para o êxito da pesquisa é necessário compreender quem é o sujeito de pesquisa e qual sua história. Para tal, metodologicamente, será lançado mão da História Oral de Vida, onde este sujeito, o sírio, trará sua história de vida como ela é, descrevendo sua realidade na Síria, sua partida, seu acolhimento no Brasil e como está se dando a inserção e adaptação ao novo país. A palavra dita, a memória recuperada e revelada do sírio deverá ser considerada, é ela a realidade deste refugiado, devendo ser respeitada, seja por fidelidade à metodologia, seja por princípios éticos. Como orienta Thomson (2006), algumas situações devem ser evitadas, para que anseios do pesquisador não se sobreponham a realidade revelada:

Alguns praticantes da história oral, na ânsia de corrigir preconceitos e fabulações, deixaram de considerar as razões que levaram os indivíduos a construir suas memórias de determinada maneira, e não perceberam como o processo do relembrar poderia ser um meio de explorar os significados subjetivos da experiência vivida e a natureza da memória coletiva e individual. (Thomson, 2006, p.67)

Pontualmente, as histórias de vida serão expostas e analisadas, seguindo metodologicamente a coleta de dados oferecida pela citada história oral de vida e o testemunho. Ainda assim, se faz necessário compreender a história coletiva desse povo; para isso é relevante apresentar a história e a formação da Síria, enquanto nação, enquanto país. Os últimos cem anos são suficientes para compreender a formação síria, mas para fins ilustrativos e reflexão sobre a importância destas terras, ao longo do tempo, destacam-se: Alexandre, o Grande, Rei da Macedônia conquistou este território por volta de 331 A.C; entre 64 e 3 A. C. o território passa a ser domínio do Império Romano; São Paulo - Santo da Igreja Católica – se converteu ao Cristianismo em Damasco – hoje capital da Síria – em 33 D. C.; entre os anos 40 e 630 ocorrem as conquistas árabes, que convertem a região ao islamismo; em 1098 os cruzados vindos da Europa chegaram na região e após batalhas em Alepo e Damasco, rumaram para Jerusalém; em 1291 foi erradicada a última fortaleza cruzada no território; em 1516 ocorreu a conquista deste território pelo Imperador Otomano Selim, o Sombrio. Entre 1798 e 1799, Napoleão invade o Egito e em vão invade o território sírio; entre 1831 e 1841 o Egito ocupa temporariamente o território. Em 1876 é estabelecido o primeiro parlamento Otomano, e entre 1914 a 1918 o território se vê envolvido na Primeira Guerra Mundial (MCHUGO, 2015, p.11-12).

No desenvolver da guerra, o Império Otomano, dominador do território, combatendo ao lado de alemães, foi derrotado com a invasão das tropas aliadas em vários pontos estratégicos, entre eles Damasco, em outubro de 1918 (MCHUGO, 2015, p-51). Após o término da Primeira Guerra Mundial, e com a derrota do Império Otomano, toda a região do Oriente Médio é dividido pelos vencedores da guerra: Grã-Bretanha e França (MCHUGO, 2015, p.53), é a primeira vez que a Síria surge como país, ainda que não independente. Surgem também outros países, como o Iraque, Jordânia e Líbano. Inicia-se o período do mandato francês (1920-1946), onde o governo francês domina a Síria, assim como o Líbano, ao passo que Grã-Bretanha é mandatária da Palestina, do Iraque e da Jordânia. Nos anos que se seguem, houve movimentos de independência da Síria junto à França, mas todos em vão, reprimidos pelo exército francês (MCHUGO, 2015, p-92). Com o advento da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), as potências europeias começam a perder forças no Oriente Médio (MCHUGO, 2015, p.98), considerando que agora a guerra lhe bate às portas e os conflitos não ocorrem somente em outros países, mas sim em seus próprios países. Ainda durante o período em que a França caiu diante da Alemanha de Hitler (1940-44), tanto Líbano, como Síria foram dominadas pelo regime de Vichy, ou seja, um mandato francês dominado pelos interesses alemães (MCHUGO, 2015, p-106).

Após a Segunda Guerra Mundial a França reconhece a independência da Síria (1946), ou seja, embora tenha milênios de povoamento, a Síria só existe com este nome há cem anos, e independente há apenas 70 anos aproximadamente. Neste novo momento político, a Síria enfrentou muitas tentativas de golpes de estado, sempre convivendo com a instabilidade política e social. Em 1958, houve uma tentativa de estabilizar-se politicamente ao se unir ao Egito e constituir a República Árabe Unida (MCHUGO, 2015, p.139). Mas esta união, formada por países que não dividem fronteiras, não durou muito tempo. Nos anos seguintes (1971-2000) a Síria foi governada pelo Presidente Hafez al-Assad, do partido Baath. Hafez al-Assad era da minoria (+-13% da população) xiita, e governava um país de maioria sunita (+-70%), o que gerava conflitos e discordâncias religiosas. Em 2000, com a morte de Hafez al-Assad, assume um novo presidente, seu filho Bashar al-Assad, que embora faça pequenas concessões, mantém a linha dura e conservadora do pai. Em 2011 surge a Primavera Árabe, movimento social nos países árabes reivindicando maiores direitos civis e liberdades. Na Síria estes movimentos crescem e se convertem, ainda em 2011 na atual Guerra civil. Em 2013, o autoproclamado Estado Islâmico entrou nos conflitos, inicialmente lutando do lado dos opositores ao governo sírio, e posteriormente atacando em todos os *fronts* em busca de expandir território e fundar um grande Estado Islâmico. A partir destes fatos, iniciou-se uma diáspora de sírios pelo mundo,

fugindo da guerra e suas consequências (BBC BRASIL, 2015), e muitos deles tendo o Brasil como destino.

Como se sabe, a migração síria ao Brasil não é inédita. O movimento migratório de sírios e libaneses ao Brasil começa na segunda metade do século XIX (Khouri, 2013), e tiveram origem em circunstâncias político, religiosas e econômicas. Os não cristãos optavam por países como Egito e Sudão. Os cristãos fizeram outras rotas, que os conduziram a países como Austrália, Nova Zelândia e as Américas. Até 1892 os cidadãos oriundos destes dois países entravam no Brasil com o passaporte turco, pois eram dominados pelo Império Turco Otomano. Até 1926 os libaneses entraram no Brasil como sírios, e só a partir deste ano tiveram sua nacionalidade classificada à parte (Khouri, 2013). Desta forma, estabeleceu-se, deste então, no Brasil, uma grande colônia de imigrantes sírios e libaneses.

Já esta geração de sírios, pesquisados neste trabalho, trazem outras características, a motivação é, em quase sua totalidade, a guerra civil e a condição jurídica de refugiado. Estes sírios, ao entrarem no Brasil e serem reconhecidos juridicamente como refugiados passam a serem protegidos por tratados internacionais aos quais o Brasil é signatário, e este status lhe atribuem alguns direitos, como a não devolução, assim reza a Cartilha para Refugiados no Brasil (2014):

Os refugiados não podem ser devolvidos ou expulsos para um país onde sua vida ou integridade física estejam em risco e em hipótese alguma serão devolvidos para seu país de origem. O reconhecimento da condição de refugiado também interrompe qualquer processo de extradição e impede a expulsão do refugiado, salvo por motivos de segurança nacional ou ordem pública. Caso você venha a ser processado e tenha um processo de extradição ou expulsão instaurado, você tem direito à assistência jurídica gratuita de um Defensor Público da União. (CARTILHA PARA REFUGIADOS NO BRASIL, 2014, p.5)

Os refugiados também têm acessos a direitos semelhantes aos brasileiros, como carteira de trabalho, e assim acessarem o mercado de trabalho, submetidos às mesmas legislações trabalhistas; livre trânsito pelo território brasileiro; saúde, podendo ser atendidos em quaisquer hospitais e postos de saúde públicos em todo o território nacional; educação; praticar livremente sua religião; documentação; reunião familiar; residência permanente e outros (BRASIL, 2014, p.6-9).

Este conjunto de leis têm como objetivo oferecer condições mínimas para que o refugiado recomece sua vida no Brasil amparando-o e em alguns momentos equiparando seus acessos aos acessos dos brasileiros.

2.2 TEORIA DAS MIGRAÇÕES

Uma teoria que seguramente contribuiu para a compreensão proposta está inserida no que se convencionou chamar de Teorias das Migrações. Os fenômenos migratórios ocorrem desde muitos anos atrás, estão relacionados com a própria forma do homem em sociedade ocupar o espaço geográfico. Há várias teorias e abordagens que explicam estes deslocamentos de pessoas ao longo do tempo e do espaço. Entre elas destacam-se: a Perspectiva do Equilíbrio, o Modelo Microeconômico, a Teoria do Capital Humano, Teoria a Sistema e outras. Dentre estas, a que surge com maior capacidade de sustentar o fato parece ser a Abordagem Macro e Histórico-Estrutural da Migração. Segundo Ortelinda Barros (2009), os fluxos migratórios poderão sempre ser explicados em um contexto histórico e estrutural. Desta forma, tanto Brasil como Síria podem ser analisados sob a lente desta teoria.

Esta teoria mostra-se capaz de compreender os grandes movimentos migratórios com uma lente que capta o macro, ou seja, é capaz de apresentar uma visão panorâmica da realidade da migração no mundo. Ela será fundamental enquanto o olhar estiver disperso, generalizado e vislumbrando os deslocamentos humanos como fenômenos de massa, que incidem, de fato, pressão e mudança a milhares de pessoas todos os anos, fazendo com que estas abandonem suas casas e busquem nova vida em um lugar novo, geralmente estranho e, às vezes, hostil.

Ainda sobre a abordagem macro e Histórico Estruturalista da migração, Germani (1974 *apud* SANTOS et al, 2010, p. 11) contribui ao afirmar que:

O modelo que for empregado para análise da migração deve levar em conta não apenas fatores expulsos e atrativos, como também as demais condições sociais, culturais e subjetivas em que tais fatores operam, tanto no que diz respeito ao lugar da residência, como no que diz respeito ao lugar de destino.

Importante considerar esta teoria, pois ela auxilia na compreensão macro dos movimentos de imigrantes, levando em consideração os aspectos citados. No entanto, ao se adotar o propósito de compreender este homem que migra, inserido em um contexto familiar ou em um pequeno grupo, é possível que a teoria não suporte a análise. Primeiro porque não é a prerrogativa de teorias macro explicar individualmente os fenômenos que ocorreram e ocorrem, ainda que em nível coletivo a teoria se alinhe a prática. Segundo que há teorias mais adequadas para esta compreensão. Na presente forma e na ausência de compreensão do micro, as categorias estudadas, o acolhimento, a inserção e a adaptação, que apresentam as sutilezas do movimento migratório, que apresentam detalhes da sequência da vida de um estrangeiro em um novo país, não podem ser percorridas, nem sequer enxergadas pela Teoria das Migrações.

Assim, não é possível prosseguir pelos caminhos de uma teoria macro, embora importante reconhecer seu papel no percurso teórico admitido.

Pensando nesta segunda teoria, parece apropriado que a Teoria da Atividade Histórico-Cultural assuma este papel, pois nela contêm elementos estruturantes como a abordagem Histórico Estruturalista das migrações, mas com uma abordagem mais direcionada, mais situada, que é capaz de enxergar nos sistemas de atividade os elementos que dão forma a este sistema ou sistemas. A TA, em sua terceira geração desenvolveu um modelo de análise que considera os mais variados elementos no sistema, apropriado ao complexo modo de reprodução contemporâneo. Na realidade não se pode afirmar ser a melhor teoria, mas esta contém elementos e preocupações alinhadas com a epistemologia e ontologia. Assim, o percurso teórico é coerente, partindo do macro (Teoria Histórico Estruturalista das migrações) para o micro (Teoria da Atividade), focalizando o sujeito de pesquisa e oportunizando o estudo detalhado que se espera.

A Teoria das Migrações não se preocupa com o micro, desta forma, na perspectiva deste trabalho e em uma construção teórica, é possível argumentar que a Teoria das Migrações vai procurar explicar a saída dos sírios de seu país, ao passo que a Teoria da Atividade se encarregará desta explicação no tocante a chegada – considerando o acolhimento, inserção e adaptação – destes ao Brasil.

2.3 TEORIA DA ATIVIDADE

Considerando a limitação da teoria das migrações, que ao assumir-se macro não é capaz (nem interessada) de explicar o micro, torna-se necessário se amparar em uma outra teoria, que busca a compreensão deste indivíduo, um refugiado que precisa ser observado em suas particularidades, propõe-se, portanto, a Teoria da Atividade, especialmente a sua terceira geração, no que se refere os trabalhos do Professor Engeström (1987, 1999, 2001). Em seu artigo *Activity theory and individual and social transformation* (1999), Engeström questiona o real efeito de fenômenos globais sobre a vida e o cotidiano dos homens enquanto indivíduos. Ele não questiona a magnitude dos fatos em si, e que há alguma relação entre estes fatos (sociais) com os homens (individual); no entanto ele propõe refletir quanto isto é determinante para pensar o indivíduo. O que a lente das teorias macro não enxergam é exatamente o que ocorre com os indivíduos, sua história, suas peculiaridades e particularidades, mesmo que inseridos em uma coletividade. Desta forma, esta sensibilidade para olhar o indivíduo mostra-se importante, necessária e aderente aos objetivos da pesquisa.

A Teoria da Atividade oferece uma perspectiva de análise que considera todas as atividades humanas, coletivas e individuais como possíveis de estudo, leva em consideração os aspectos culturais e históricos e a complexidade da capacidade humana. O objeto é fundamental na compreensão da TA, pois este é construído coletivamente e assim compartilhado, os interesses pelo objeto podem ser distintos dentro de um sistema, mas o objeto é comum. Objetos comuns podem interligar sistemas de atividades, tornando o modelo ainda mais complexo, na mesma medida em que as atividades também são complexas.

Entre as obras de Engeström destaca-se: “*Learning by Expanding: an activity-theoretical approach to development Research*”, publicada em 1987, obra seminal onde foi apresentada a versão expandida da Teoria da Atividade.

Esta versão expandida da Teoria da Atividade inclui outros elementos não trabalhados por Vygotsky, como a divisão do trabalho, a comunidade e as regras (ENGESTRÖM, 1987); no entanto é necessário compreender como a teoria surgiu e quais os elementos formaram o triângulo de análise da Atividade. Um demonstrativo das gerações da Teoria da Atividade pode ser melhor visualizado no quadro que segue:

Quadro 01 – Gerações da Teoria da Atividade

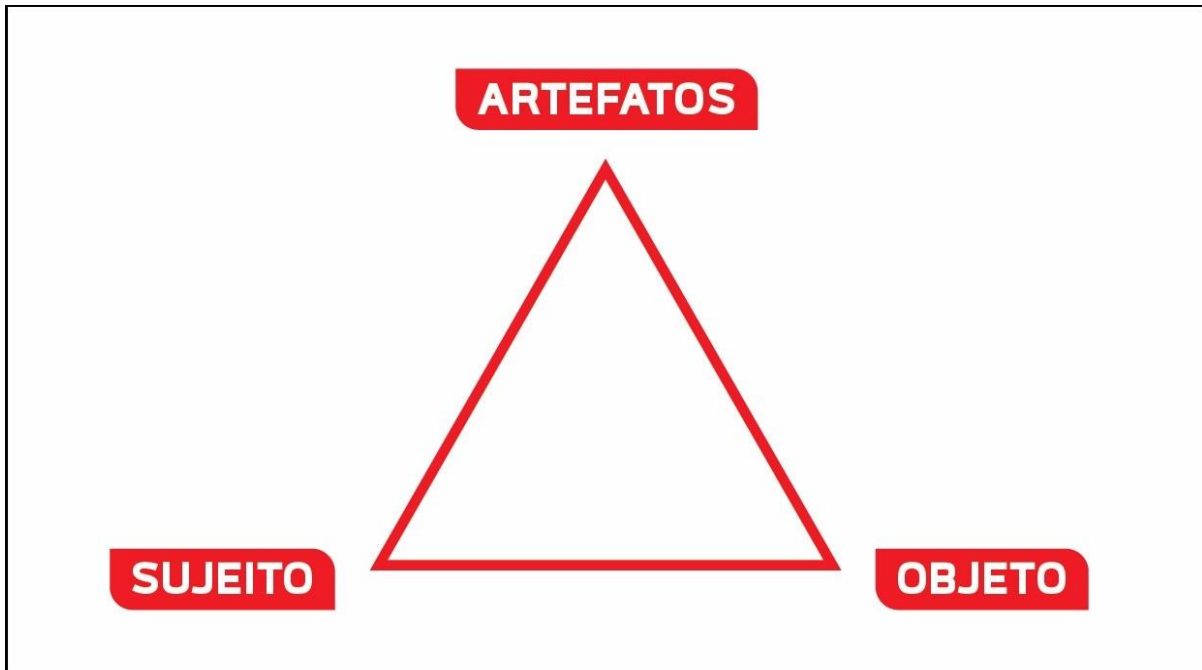
GERAÇÃO	AUTOR SEMINAL	CONTRIBUIÇÃO TEÓRICA
Primeira geração	L. Vygotsky	Fundador da Teoria da Atividade, preocupava-se com a compreensão da aprendizagem infantil. Demonstrou graficamente como o indivíduo se apropria de signos (artefatos) para aprender. Desenvolveu o conceito da Zona de desenvolvimento proximal e a Estimulação Dupla. Seu conceito de atividade estava limitado à análise individual.
Segunda geração	A. Leontiev	Leontiev expandiu o conceito de atividade individual de Vygotsky ao coletivo. Ainda, Leontiev associou de forma decisiva a atividade à existência de um objeto (construído coletivamente).

Terceira geração	Y. Engeström	Engeström amparado nos conceitos centrais de Vygotsky e valorizando a relevância contribuição de Leontiev ao considerar o coletivo tanto no plano da atividade, como na construção do objeto, novamente expande o sistema, inserindo outros elementos da sociedade moderna, como as regras e a divisão do trabalho. Interessa-se também por compreender como as contradições agem no sistema de atividade.
------------------	--------------	--

Fonte: Adaptado de Engeström, 1987.

Desde a primeira geração inaugurada por Vygotsky (ENGESTRÖM, 2001), o sistema de estudo foi o sujeito, o objeto e a mediação, pois para este autor o mundo é conhecido e experimentado através da mediação oportunizada pelos artefatos e, desta forma, as ações que constituem uma atividade, a relação entre o sujeito e o objeto, será mediado por um artefato; isto posto está composto o triângulo ou tríade de Vygotsky. Assim, ele constatou que seria por meio da aprendizagem que o desenvolvimento das atividades psicológicas tanto superiores como inferiores e etc, ocorrem nos indivíduos, uma vez que Vygotsky estava preocupado em compreender o desenvolvimento humano em suas fases iniciais. Assim, a unidade de análise na perspectiva de Vygotsky é a ação mediada (pelo artefato). Outro conceito central em Vygotsky e essencial para compreender o autor é a Zona de Desenvolvimento Proximal, ZDP. A ZDP é o intervalo ou distância entre a capacidade da criança de resolver um problema ou situação de forma autônoma e a efetiva resolução deste problema ou situação auxiliada por um adulto ou um par capaz. É a potencialidade do desenvolvimento presente na criança, que ainda não se reverte em atividade autônoma. Entre as obras de Vygotsky, pode-se citar: *Pensamento e Linguagem*; *Formação Social da Mente e Construção do Pensamento e da Linguagem*.

Figura 01 – Modelo Triádico de Vygotsky



Fonte: Engeström, 1987.

A segunda geração, liderada por Leontiev, apontou que o homem não reage mecanicamente a estímulos do meio, ao contrário, pela sua atividade põe-se em contato com objetos e fenômenos do mundo circundante, atua sobre eles e transforma-os, transformando também a si mesmo (LIBÂNEO; FREITAS, 2013).

No período de 1930-40 Leontiev pesquisou os vínculos entre os processos internos da mente e a atividade humana concreta. Explicou que na relação ativa do sujeito com o objeto, a atividade se concretiza por meio de ações, operações e tarefas, suscitadas por necessidades e motivos. Preocupou-se especialmente com o conceito de internalização e com o papel da cultura no desenvolvimento das capacidades humanas. Para ele, uma atividade distingue-se de outra pelo seu objeto e se realiza nas ações dirigidas a este objeto (LEONTIEV, 1983). Deste modo, a atividade humana não pode existir a não ser em forma de ações ou grupos de ações que lhes são correspondentes. A atividade laboral se manifesta em ações laborais, a atividade didática em ações de aprendizagem, a atividade de comunicação em ações de comunicação e assim por diante (LIBÂNEO; FREITAS, 2013, p.4)

Observa-se que Leontiev, que fora discípulo de Vygotsky, já propõe um primeiro salto em relação a ideia seminal, uma expansão, ao considerar os objetos distintos e, conseqüentemente, as ações dirigidas a estes objetos. E ainda, Leontiev ao expandir o conceito identifica que não são apenas as ações individuais que compõe a atividade, mas também e tão importante quanto são as atividades coletivas, conforme discorre Engeström (1987), muito embora Leontiev não tenha desenvolvido graficamente esta expansão, teoricamente ela pode ser constatada, demarcando segundo Engeström (1987), a segunda geração da Teoria da

Atividade. Sobre as atividades coletivas, Leontiev ensina no seu clássico exemplo da caçada coletiva:

[...] Quando um membro de um grupo realiza sua atividade de trabalho, ele também faz isso para satisfazer uma de suas necessidades. Um caçador, por exemplo, tomando parte em uma caça primitiva coletiva, é estimulado por uma necessidade por alimentos ou, talvez, uma necessidade por roupa, que a pele do animal pode vir a satisfazer. No que foi a atividade do caçador diretamente orientada? Pode ter sido dirigida, por exemplo, a assustar um rebanho de animais e enviá-los para outros caçadores escondidos em uma emboscada. Qual deve ser o resultado da atividade desse homem? A atividade do caçador termina com essa ação. As demais ações são completadas pelos outros membros [...] (LEONTIEV, 1981, p. 210-213).

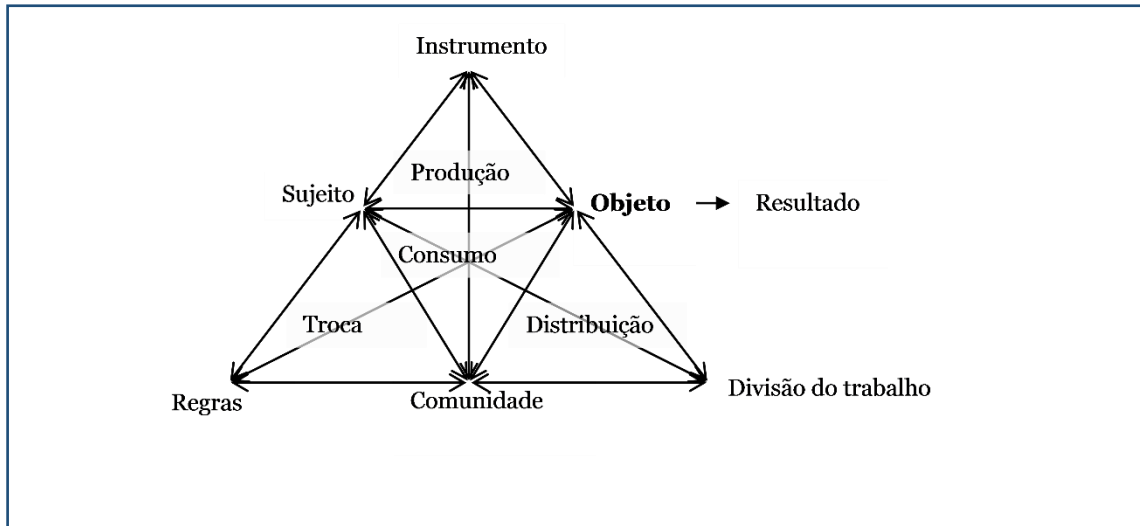
Neste raciocínio, embora os membros da caçada coletiva exerçam atividades aparentemente distintas, elas só podem ser analisadas na atividade coletiva, a caçada, assim, o objeto da atividade para todos os membros é o mesmo, embora a atividade individual pareça não estar relacionada com o objeto.

Engeström, que encabeça a terceira geração aprimorou o sistema de análise, adaptado a real complexidade da sociedade contemporânea, bem como ao sistema de reprodução social e econômica, o capitalismo. Para ele, este novo modelo melhor reflete as múltiplas vozes que orientam, influenciam e são influenciadas na sociedade (ENGESTRÖM, 1987).

O sistema que se pretende conhecer com este trabalho engloba possíveis redes ou cadeias que se articulam para viabilizar a vinda dos estrangeiros para o Brasil, bem como operacionalizam as aproximações do refugiado com sua nova vida no país, proporcionando oportunidades de trabalho, de aprendizagem de português, cursos técnicos, e até mesmo atendimentos assistencialistas mais básicos, como comidas e roupas. O sistema contempla, como percebe-se na Figura 01, os seguintes elementos: o sujeito: que pode referir-se tanto a um indivíduo como a um subgrupo de pessoas, cujas posições e pontos de vista são escolhidos como perspectiva de análise. O objeto: que representa a motivação em torno do qual o sistema de atividade se constitui e organiza. O artefato (ou ferramenta): compreendem todos os instrumentos mediadores da ação dos sujeitos de forma física ou simbólica. As convenções (ou regras): referem-se aos regulamentos, às normas, às convenções relacionadas ao contexto da atividade que se apresentem de forma tácita ou explícita. A comunidade: engloba todos os indivíduos ou subgrupos que possuem o mesmo objeto da atividade em questão. E a divisão do trabalho: que é a divisão de tarefas entre os sujeitos, as relações hierárquicas existentes, os arrolamentos de poder e submissão pertinentes ao grupo, além dos conflitos, manifestações de resistência, de status e outros (CASSANDRE, 2012), inter-relacionados não de forma

cartesiana, tão pouco em fluxo contínuo, mas sim em múltiplas interações, gerando inclusive, tensões e contradições.

Figura 02 – Sistema de Atividade



Fonte: Engeström, 1987.

Um sistema de atividade como o que representa o acolhimento, inserção e adaptação do sírio ao Brasil pode conter contradições quando a identificação dos elementos que compõe o sistema for realizada. As contradições são pensadas enquanto sistema de atividades, mas pode-se afirmar que a própria teoria sendo um sistema de atividade carrega seu grau de contradição. Davydov (1999) apresenta alguns problemas que a própria teoria não consegue dar as respostas, demonstrando haver tensão interna na teorização do modelo (o que se crê é que: para Engeström seja parte aceitável do modelo que ele carregue as contradições que a teoria prevê).

O modelo de Engeström possibilita pensar nas relações entre a atividade estudada e as relações socioculturais que a permeiam, considerando a comunidade onde concretamente as ações da atividade acontecem. As convenções ou regras são as ordens tanto visíveis como invisíveis do constructo social existentes ao redor da atividade, ou seja, são as negociações sociais do que pode e do que não pode em determinado grupo ou sociedade. Certeau (2013) oferece uma boa medida sobre as convenções ao discorrer sobre a conveniência:

A conveniência é grosso modo comparável ao sistema de “caixinha” ou “vaquinha”: representa, no nível dos comportamentos, um compromisso pelo qual cada pessoa, renunciando à anarquia das pulsões individuais, contribui com sua cota para a vida coletiva, com o fito de retirar daí benefícios simbólicos necessariamente protelados. Por este “preço a pagar” (saber “comportar-se”, ser “conveniente”), o usuário se torna

parceiro de um contrato social que ele se obriga a respeitar para que seja possível a vida cotidiana. (CERTEAU; GIARD; MAYOL, 2013, p.39)

E mais, Engeström (1987) admite em seu modelo expansivo da Teoria da Atividade que podem haver vários sistemas de atividades ocorrendo paralelamente, podendo ter objeto de atividade comum em uma interação de aproximação e contradição, complementação e restrição mútuas. Como já relatado, o sistema proposto por Engeström definitivamente não é um monolítico bidimensional com fluxos contínuos de ações ordenadas, pois é na realidade um complexo sistema de atividade com interações entre todos os entes do modelo, socialmente construído, em movimento, dinâmico e que embora seja orientado para o objeto, está em constante transformação.

Engeström (1987) confere ao sistema e atividade também a divisão do trabalho, dada a sua importância para a explicação não somente das relações de produção, mas também de poder, status e hierarquia.

Stetsenko (2015) também contribui para a reflexão sobre a atividade, amparando-se nas abordagens teóricas de Vygotsky para pensar em uma teoria da atividade que vá além da passividade que o mundo oferece. É posicionar o sujeito e a sociedade como agentes transformadores do mundo que habitam, firmando um compromisso de transformação do e para o social. É uma proposta que desloca a sociedade de objeto passivo para agentes ativos.

Baseada na Teoria da Atividade de Vygotsky, a proposta de Stetsenko (2015) é um olhar crítico, influenciada também pelos pensamentos de Marx. A autora reconhece que os estudos críticos avançaram ao abordar temas como raça e feminismo, ainda há muito campo de estudo e esforço crítico pela frente. A autora critica a ingenuidade dos que não reconhecem as forças externas que pressionam ideologicamente os trabalhos de pesquisa, pois é necessário perceber os valores e as pressões dinâmicas que estão presentes no campo científico. Ela critica também os autores, mesmo os vygotskyanos, que relutam em posicionarem-se politicamente, a fim de evitar algum estigma que os marcariam e os amarrariam em abordagens dogmáticas.

Considerando as crises sociais, político e econômicas atuais, retomar o projeto de Vygotsky parece altamente cabível pelo ponto de vista de Stetsenko, uma vez que é um projeto inédito à sua época, englobando elementos filosóficos, políticos, teóricos e metodológicos que eram inovadores.

Stetsenko ressalta as bases das ideias de Vygotsky, que genuinamente são da própria Pedagogia, onde é necessário desenvolver ambientes de ensino que proporcione a investigação e desenvolvimento pela curiosidade, na qual as respostas não estejam prontas, mas que sejam socialmente construídas.

Apropriando-se da Teoria da Atividade como principal referência para a compreensão das redes que se formam para acolher os refugiados, alinhada de maneira racional e ontológica com a abordagem Histórico Estruturalista das migrações, torna-se possível aglutinar mais um pensamento, também coerente com as propostas destas teorias: trata-se das categorias de sentido. As categorias de sentido foram primeiramente também descritas por Vygotsky (e talvez esta seja o ponto de contato mais sólido com a Teoria da Atividade – ambas surgem do mesmo mentor), que são desenvolvidas por Leontiev nos anos que sucederam a morte de Vygotsky. O pesquisador que carrega este legado para este trabalho é o cubano radicado no Brasil González Rey, autor de obras como “O Pensamento de Vygotsky” (2012), “Subjetividade, complexidade e pesquisa” (2005), entre outros.

Quadro 02 – Contribuições e avanços em relação a TA

AUTORES	CONTRIBUIÇÕES	AVANÇOS
L. Vygotsky	Descrever como o sistema de atividade onde o sujeito se apropria de artefatos para aprender (Pedagogia).	Autor Seminal
A. Leontiev	Expansão do modelo Sujeito - Artefato - Objeto. Considerando o sistema de atividade coletivo e a construção do objeto como fundamental para a existência do sistema de atividade.	Atividade consciente para alcançar o objeto. Objeto este construído coletivamente.
Y. Engeström	Expansão do modelo de Vygotsky considerando elementos contemporâneos ao sistema de produção vigente.	Propõe o sistema de atividade como unidade básica de análise.
G. Rey	Recupera as categorias de sentido de L. Vygotsky	Esclarece que para as atividades humanas os sentidos atribuídos a elas é situado, próprio do indivíduo.
A. Stetsenko	Recupera a Teoria da Atividade de L. Vygotsky	Associando Vygotsky e Marx, a autora posiciona o indivíduo como agente ativo, político e transformador da Atividade (visão crítica).

Fonte: Elaborado pelo autor, 2016.

Tomando o quadro acima, por questões didáticas, torna-se mais claro os autores desenvolvidos na Teoria da Atividade e como eles contribuem para a Teoria e para o desenvolvimento do trabalho presente.

3 INDICATIVOS METODOLÓGICOS

Para que os objetivos do trabalho sejam alcançados, é necessário adotar processos metodológicos que estejam em consonância com as teorias empregadas, bem como com a epistemologia e ontologia apontada. Este conjunto presta ao trabalho coesão acadêmica e moral, garantindo minimamente que o percurso do pesquisador seja robusto. Sendo assim, as escolhas metodológicas são o reflexo da visão de mundo deste pesquisador, que, ao buscar captar os sentimentos dos refugiados sírios, lança mão de uma construção teórica e metodológica que permita acessar e captar este sentido, permitindo desenvolver e analisar o sistema de atividade presente nas categorias outrora propostas: acolhimento, inserção e adaptação.

Assim, norteado pela Teoria Histórico Estruturalista das migrações e a Teoria da Atividade, a História Oral de vida e o Testemunho emergem como metodologia aderentes para este fim. Na História Oral de vida não cabe ao pesquisador delimitar o raio de atuação do sujeito ao qual se colhe o testemunho, ao contrário, o testemunho deve percorrer um caminho livre, podendo ir até o limite da memória reconstruída.

A história enquanto representação do real se refaz, se reformula, a partir de novas perguntas realizadas pelo historiador ou mesmo na descoberta de outros documentos ou fontes. A elaboração da história está sempre voltada para o que se expressou ou se manifestou de forma pública ou privada. (MONTENEGRO, 2013, p.19)

O Testemunho será o momento deste sírio refugiado falar, contar sua história recuperada pela memória, expressar seus sentimentos em relação a tudo que lhe é conveniente: como foi sua vida na Síria, como foi seu deslocamento, o acolhimento no Brasil, como está sendo a inserção na sociedade brasileira e a adaptação a esta nova vida. Captados estes momentos, o sistema de atividade estará construído, da realidade para a teoria e posteriormente analisado. A análise, como se verá mais à frente, refere-se tão somente ao sistema de atividade, e não aos testemunhos. Os testemunhos são tomados aqui como a verdade encontrada, não são contestáveis, dispensam de metodologias auxiliares, “triangulações” e/ ou checagens adicionais. O testemunho, ainda que possa carregar alguma imprecisão temporal, histórica ou factual é a revisitação aos fatos ocorridos com o sujeito e, pela própria construção teórica da metodologia é a fonte única de onde o fenômeno é captado e capturado.

Alinhado com a proposta de responder a problemática imposta, o presente trabalho lança mão de procedimentos metodológicos classicamente classificados como qualitativos, e desta forma, Triviños (1987, p.130) corrobora com esta classificação, pois no percurso do desenvolvimento da pesquisa, algumas características devem ser tocadas, demarcando assim,

de forma clara, os elementos qualitativos, a saber: “a pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como fonte direta dos dados e o pesquisador como instrumento chave”; “a pesquisa qualitativa é descritiva”; “os pesquisadores qualitativos estão preocupados com o processo e não simplesmente com os resultados e os produtos”; “os pesquisadores qualitativos tendem a analisar seus dados indutivamente” e “o significado é a preocupação essencial na abordagem qualitativa”.

Ainda para Spindola e Santos (2003), a pesquisa qualitativa preocupa-se com os indivíduos e seus ambientes em suas complexidades, não havendo limites ou controle impostos pelo pesquisador.

Sendo uma abordagem qualitativa, é possível identificar na pesquisa alguns elementos característicos presentes em Stake (2010, p.15):

- a) Interpretativa, ao permitir que os múltiplos significados sejam considerados;
- b) Experiencial, empírica e orientada pelo campo;
- c) Situacional, orientada aos objetos e atividades, as quais são únicas quando se considera um contexto;
- d) Personalizada, ao procurar o particular ao invés do comum, privilegiando a diversidade.

Quadro 03 – Pressupostos da abordagem Qualitativa

PRESSUPOSTOS	QUESTÕES	ABORDAGEM QUALITATIVA
Ontológicos	Qual é a natureza da realidade?	A realidade é subjetiva e múltipla.
Epistemológicos	Qual é a relação do pesquisador com o objeto ou sujeitos de estudo?	O pesquisador interage com o objeto ou sujeitos pesquisados
Axiológicos	Qual o papel dos valores?	São assumidos e compõem o estudo
Retóricos	Qual é a linguagem da pesquisa?	<ul style="list-style-type: none"> • Informal • Definições emergem no processo • Voz pessoal • Ênfase em termos e expressões qualitativas
Metodológicos	Qual é o processo de pesquisa?	<ul style="list-style-type: none"> • Processo indutivo • Inter-relações de fatores Contextualização <ul style="list-style-type: none"> • Padrões e teorias desenvolvidas para o entendimento • Acurácia e consistência mediante verificação e força de argumentação teórica

Fonte: Adaptado de Goulart e Carvalho, 2005.

Considerando os objetivos deste trabalho, um percurso adequado é conhecer a história deste imigrante refugiado sírio, como foi abandonar seu lar, sua pátria, viajar para locais desconhecidos, seu acolhimento no Brasil e como está sendo viver neste país. Desta forma, a história de vida e especificamente a história oral será o procedimento chave adotado, pois julga-se capaz, nas suas propostas teóricas, de atingir na forma micro o sujeito de pesquisa, alinhando assim, com as teorias que serão empregadas durante esta jornada.

Em sua obra intitulada “História oral e memória: a cultura popular revisitada”, Montenegro (2013) dá a dimensão da grandeza e da profundidade que o procedimento permite ao reconhecer o testemunho como a verdade, verdade esta desobrigada de investigações adicionais.

Destarte, pode-se perceber que a história oral permite acessar uma série de fatos, fenômenos, acontecimentos que estão guardados na memória do pesquisado e que podem vir à

tona na entrevista, dando valor e revelando partes fundamentais da vida, que ajudarão a compreender o sujeito.

3.1 HISTÓRIA DE VIDA E HISTÓRIA ORAL

Um importante procedimento metodológico que será utilizado e desenvolvido neste trabalho acadêmico é a História de vida. A História de vida é uma das abordagens inseridas na pesquisa qualitativa, que segundo Appolinário, em seu Dicionário de Metodologia Científica pode ser definida como:

I. Modalidade de pesquisa na qual os dados são coletados através de interações sociais (p. ex. estudos etnográficos e pesquisas participantes) e analisados subjetivamente pelo pesquisador; II. Enquanto a pesquisa quantitativa investiga fatos, a pesquisa qualitativa preocupa-se com fenômenos (MARTINS; BICUDO, 1989, *apud* APPOLINÁRIO, 2011), sendo que um fato é tudo que pode ser objetivamente observado e definido por consenso social, enquanto um fenômeno remete-nos à interpretação de um fato feita por um observador. Ou seja, o fenômeno é a interpretação subjetiva do fato. (APPOLINÁRIO, 2011, p.150)

A História de vida preocupa-se em descrever, de forma fidedigna, o relato descrito pelo pesquisado, apresentando ao pesquisador fragmentos de sua história vivida, sejam elas restauradas por diversas maneiras, como a memória ou por auxílio de artefatos, como diários, agendas, lembretes, ou qualquer outra forma que ative ou colabore para que a história seja recontada.

Spindola e Santos definem bem a História de vida, como segue:

A história de vida é uma das modalidades de estudo em abordagem qualitativa. O termo História de Vida, traduzido de *histoire* (em francês) e de *story* e *history* (em inglês), tem significados distintos. O sociólogo americano Denzin propôs, em 1970, a distinção das terminologias: *life story* (a estória ou o relato de vida) é aquela que designa a história de vida contada pela pessoa que a vivenciou. Nesse caso, o pesquisador não confirma a autenticidade dos fatos, pois o importante é o ponto de vista de quem está narrando. Quanto à *life history* (ou estudo de caso clínico), compreende o estudo aprofundado da vida de um indivíduo ou grupos de indivíduos. Inclui, além da própria narrativa de vida, todos os documentos que possam ser consultados, como dossiês médico e jurídico, testes psicológicos, testemunhos de parentes, entrevistas com pessoas que conhecem o sujeito, ou situações em estudo. Assim, a história de vida trabalha com a estória ou o relato de vida, ou seja, a história contada por quem a vivenciou. (SPINDOLA E SANTOS, 2003. p. 121)

Considerando as definições acima citadas, este trabalho reconhece a história oral de vida como a verdade que norteará a análise, pois não haverá a comprovação externa da veracidade das informações coletadas, bastando tão somente os relatos dos pesquisados. Afirma

Spindola e Santos (2003) que assim, o método de história de vida tem como consequência tirar o pesquisador de seu pedestal de “dono do saber” e ouvir o que o sujeito tem a dizer sobre ele mesmo: o que ele acredita que seja importante sobre sua vida.

Fernandes (1995) aborda a importância de História de vida para a pesquisa nas Ciências Sociais, o que pode ser estendida para a pesquisa qualitativa de modo geral, “para o sociólogo decepcionado pelo empirismo quantitativo de pesquisa por questionários, pela massa de dados separados de seu contexto original, apresentados como cortes transversais onde todas as referências temporais e pessoais eram eliminadas, a “História de vida” parece oferecer informações que, por sua própria natureza, formam um conjunto coerente e enraizado na experiência social.”

A História de vida tem boa aderência com a proposta deste trabalho, pois mostra-se capaz de estabelecer o canal de comunicação necessário para que o outro se exponha, exponha sua vida, seus sentimentos, suas angústias, desejos e anseios; elementos extremamente relevantes para o tema da pesquisa.

Camargo (1984) *apud* Paulilo (1999) discorre que “o uso da história de vida possibilita apreender a cultura ‘do lado de dentro’; constituindo-se em instrumento valioso, uma vez que se coloca justamente no ponto de intersecção das relações entre o que é exterior ao indivíduo e aquilo que ele traz dentro de si”.

Haguette (1987) *apud* Paulilo (1999) também apresenta relevante contribuição a definição da História de vida ao comentar que:

(...)considera que a história de vida, mais do que qualquer outra técnica, exceto talvez a observação participante, é aquela capaz de dar sentido à noção de processo. Este “processo em movimento” requer uma compreensão íntima da vida de outros, o que permite que os temas abordados sejam estudados do ponto de vista de quem os vivencia, com suas suposições, seus mundos, suas pressões e constrangimentos (p. 141).

Sobre a História oral, Bom Meihy e Holanda (2014) definem:

Entre muitas questões, os conceitos e as definições são algumas das que povoam a cabeça de quantos se preocupam em entender o papel da história oral como forma de pensar a sociedade contemporânea. Valendo-se de diálogos gravados, as percepções da vida social são registradas de maneira a se constituir em fontes ou documentos que, contudo, devem ser considerados desde sua origem. O ponto de partida das entrevistas em história oral implica aceitar que os procedimentos são feitos no presente, com gravações, e envolvem expressões orais emitidas com intenção de articular ideias orientadas a registrar ou explicar aspectos de interesse planejados em projetos. (BOM MEIHY, HOLANDA, 2013, p.14)

No Brasil, a História oral surgiu na década de 1970 e desta forma o processo metodológico também despontou pela América Latina:

Na América Latina observa-se o mesmo desenvolvimento nas duas áreas de história política e antropologia. Em 1975 criou-se na Fundação Getúlio Vargas o primeiro programa de história oral destinado a colher depoimentos dos líderes políticos desde 1920. (JOUTARD, 2006, p.47)

A História oral pode não emergir em uma ordem cronologicamente correta, como ela é uma recuperação da memória do sujeito, este processo pode ser um “vai-e-vem” no tempo, que deve ser respeitado e cabe ao pesquisador fazer as perguntas corretas, para facilitar o acesso das lembranças pelos pesquisadores, mediadas pela realidade.

Para Montenegro (2013):

O processo de construção ou de produção opera em uma dimensão em que, partindo do real, do acontecido, a memória – como um elemento permanente do vivido-, atende a um processo de mudança ou conservação. A reação ou resultante do impacto da realidade sobre o indivíduo ou grupo continuará a marca que o caracteriza. Desta maneira, a memória tem como característica fundante o processo reativo que a realidade provoca no sujeito. Ela se forma e opera a partir da reação, dos efeitos, do impacto sobre o grupo ou indivíduo, formando todo um imaginário que se constitui em uma referência permanente de futuro. (MONTENEGRO, 2013, p.19)

A escolha dos entrevistados é uma parte importante do processo de pesquisa, pois eles devem carregar características, ou ao menos o pesquisador deve inferir que carreguem, adequadas e alinhadas aos objetivos da pesquisa. Não seria de grande contribuição colher a história de vida de um migrante alemão (tão pouco japonês, francês ou argentino) que não tem relação com as condições materiais, históricas e sociais dos sírios sujeitos de pesquisa. Suas histórias de vida deverão ser tão ricas quanto, pois sempre guardam fatos e relatos preciosos, mas que não estariam alinhados com as propostas iniciais. Para a história de vida também não é relevante os aspectos quantitativos, ou seja, se a amostra é confiável ou relevante, isto pertence às pesquisas quantitativas. Desta forma Alberti (2013) discorre:

A escolha dos entrevistados não deve ser predominantemente orientada por critérios quantitativos, por uma preocupação com amostragens, e sim a partir da posição do entrevistado no grupo, do significado de sua experiência. Assim, em primeiro lugar, convém selecionar os entrevistados entre aqueles que participaram, viveram, presenciaram ou se inteiraram de ocorrências ou situações ligadas ao tema e que possam fornecer depoimentos significativos. (ALBERTI, 2013, p.40)

Os entrevistados devem estar no bojo do problema de pesquisa, seja como protagonistas, seja como parte fundamental por guardar relação de amizade, confiança, parentesco ou outro relevante que traga luz à pesquisa. Ainda, a história de vida trabalhará com a diversidade, com o outro, com o fragilizado socialmente, fisicamente ou psicologicamente, oportunizado que sua história atinja a superfície e que não permaneça nas profundezas do anonimato. Bom Meihy e Ribeiro (2011) destacam que:

A história oral é um campo aberto à produção de conhecimento sobre diferenças. O trabalho com o diverso, não reconhecido, com os excluídos por motivos plurais ou com os interditados, é um dos mais importantes exercícios presentes em projetos com entrevistas. Isso se coloca na perspectiva da valorização da diversidade social e reforça o caráter democrático, de luta pela inclusão, provocado segundo a agenda social ligada ao conhecimento humanístico. Progressivamente, por exemplo, crescem estudos de gêneros que tratam de questões como a feminilidade e a masculinidade, mas também a homossexualidade e bissexualidade. Na mesma linha, pessoas com deficiência em geral: cadeirantes, cegos, surdos, albinos, anões, integram temas que ao fim conduzem a produção do conhecimento ao desafio da transformação social (BOM MEIHY E RIBEIRO, 2011, p.28)

Um outro ponto importante para se pensar na História oral é o comportamento ético do pesquisador. Retornar aos entrevistados o material transcrito para validação é uma forma ética de agir e respeitosa, pois o sujeito de pesquisa tem um segundo momento de reflexão, onde pode decidir se realmente o que falou é aderente com sua memória e com a realidade, ainda, se ele se sente confortável em ver seus sentimentos, sentidos, sua história tornarem-se públicas, ganhando as filas acadêmicas e as bibliotecas.

Bom Meihy e Holanda vão até mais adiante, na obra “História de vida: como fazer, como pensar” (2014), eles discutem sobre o enredo final, que deve ser “negociado” com os sujeitos de pesquisa, a fim de checar a fidedignidade da transcrição, mas além, chegam ao ponto de refletir sobre a verdadeira autoria do trabalho, pois poderia ser o pesquisador apenas o responsável por formalizar o que outrora fora dito pelo entrevistado. Em suas palavras:

Outro termo relevante na moderna história oral é o da “autoria”. Segundo critérios das antigas práticas de trabalho com entrevistas, a questão da autoria não representava nenhum problema. Para a história oral, contudo, um dos aspectos mais interessantes e polêmicos remete à questão do autor. Basicamente a pergunta que se faz é se o autor é quem contou a história ou quem a redigiu, dando-lhe uma solução formal definitiva? Na prática, esse ponto tem complicado muitos pesquisadores que se perdem ao confundir o trabalho de colaboração na entrevista com a direção compartilhada do projeto. (BOM MEIHY, HOLANDA, 2014, p. 60)

Sobre este ponto sensível da pesquisa, a autoria, Bom Meihy e Ribeiro (2011), também propõe esta reflexão, pois o comportamento ilibado é esperado dos pesquisadores, que devem negociar estes códigos éticos com sua pesquisa e com os pesquisados.

Afinal, pergunta-se: quem é o autor em uma relação dialógica em que existem pelo menos duas partes envolvidas: seria quem conta a história ou testemunha algo, ou quem grava ou comanda o projeto? Essa questão não deve ser desprezada como menor ou considerada “já resolvida”, pois implica complexo relacionamento em que estão presentes problemas éticos e jurídicos. De maneira simples, ilumina-se essa questão exemplificando-se o caso conhecido na relação entre o “pai da psicanálise”, Freud, e dos pacientes que lhe contavam seus sonhos. Seria Freud o autor, por ter escrito *A interpretação dos sonhos*, ou os autores seriam os pacientes que sonharam, revelaram seus devaneios para que ele conseguisse erigir suas reflexões? (BOM MEIHY E RIBEIRO, 2011, p.24)

E recuperando neste momento a questão da validação, ela é elemento relevante do processo de coleta de dados, uma vez que esta é uma oportunidade para que os entrevistados possam apreciar o material coletado, identificar se houveram equívocos, identificar se algum conteúdo lhe gerou desconforto, insegurança ou arrependimentos. No momento da entrevista os sentimentos podem vir à tona, de forma espontânea e verdadeiro, no entanto, no momento da validação podem surgir incômodos por parte dos sujeitos da pesquisa, fazendo com que este ponto da entrevista seja vetado de ir à público. Isso pode frustrar o pesquisador, mas atender a esta reivindicação do pesquisado é a decisão mais assertiva. Assim, Bom Meihy e Ribeiro (2011) discorrem:

Um dos mais complexos e importantes recursos oferecidos pela história oral é a validação. Esta é uma etapa de finalização de todo o processo de interação com o colaborador. Nela confere-se o texto produzido por meio do diálogo, desde o primeiro contato, verifica-se e corrige-se possíveis erros e enganos, legitima-se esse trabalho de interação de forma não hierarquizada e valida-se a possibilidade de produção de conhecimento a partir do documento gerado. (BOM MEIHY E RIBEIRO, 2011, p.111)

Ainda sobre a validação, os autores supracitados esclarecem, para fins metodológicos e éticos, o que se entende por validação em história oral de vida:

Supondo que validar equivale a fazer valer ou à ação de tornar efetivo, o que independe e qualquer parâmetro lógico, racional, coerente ou coeso, o que existe se tem é a relativização do conceito de verdade. Sabe-se que não existe mentira em história oral. Tudo interessa em um relato: a falsidade, a fantasia, o engano, o embuste, a distorção. Numa primeira etapa, fazendo o discurso valer por si, o que deve vigorar não é a busca de evidências e nem mesmo de comprovação de fatos. Lugar expressivo da vontade de quem fala, a subjetividade determina o rumo dos fatos expostos em entrevistas e fixados em acordos acertados na conferência da entrevista. O diálogo, ou

ação dialógica da conversa fica submetido ao pressuposto da vontade soberana do entrevistado (BOM MEIHY E RIBEIRO, 2011, p. 111).

Apropriar-se da história oral para trabalhos na Administração e nos Estudos Organizacionais está longe de ser inédito, mas pode ser considerado relativamente novo, o artigo de Ichikawa e Santos “Vozes da história: contribuições da história oral à pesquisa organizacional” de 2003 aponta para alguns indícios da presença da história oral na pesquisa já no início do século XXI, pois para elas:

Dentro dessa diretriz de potencializar a utilização da entrevista de história oral como método, numa visão de multidisciplinaridade, pode-se incluir a Administração nesse conjunto de disciplinas. Tendo por parâmetro o grande número de pesquisas e levantamentos que vêm sendo feitos na pesquisa em Administração, utilizando a técnica da entrevista gravada, é possível inferir, em primeiro lugar, que parte dessas entrevistas seja de história oral que têm sido feitas sem que se atribua a elas essa denominação e possivelmente sem seguir os preceitos que regem sua execução, o que as tornariam mais robustas do ponto de vista metodológico. (ICHIKAWA; SANTOS, 2003, p. 12)

De forma clara, Ichikawa e Santos (2003) expõe que parte destas entrevistas sejam história oral, mas que ainda estariam no caminho para a história oral do ponto de vista metodológico. Corroborando com isso, Bom Meihy e Ribeiro (2011) esclarecem que:

Não se deve confundir história oral com entrevistas simples, isoladas, únicas e não gravadas. Também não cabe chamar entrevistas comuns de história oral, pois em muitos casos elas se orientam por procedimentos e práticas diferentes, respeitáveis e legítimas, mas em outras chaves explicativas ou outras necessidades. (BOM MEIHY; RIBEIRO, 2011, p.13)

A pesquisa lançou mão de uma estratégia específica da História de vida e da História oral: o testemunho. Com isso se buscou a personalidade, o íntimo, a compreensão e descrição do indivíduo da atividade, o refugiado, com suas angústias e sentimentos complexos.

3.2 TESTEMUNHO

A origem do testemunho está relacionada com as crônicas coloniais e diários de guerra de Simón Bolívar ou José Martí, assim seu desenvolvimento ocorreu, inicialmente, na América Latina (CASSANDRE, M. P.; AMARAL; SILVA, 2014).

O testemunho procura preservar a integralidade do conjunto de elementos complexos pertencentes ao indivíduo da pesquisa, como sentimentos, moral, integralidade e valores. É a

transposição, de forma integral, não interpretativa, uma versão consubstancializada em forma de verbo de todos os elementos que constituem o indivíduo. O testemunho não carece de interpretação, ao contrário, a dispensa como uma alternativa metodológica aos ensaios que, ao interpretarem os discursos, as narrativas, os maculam com o olhar estranho do pesquisador.

Para Bernal, Burciaga e Carmona (2012), o testemunho tem particularidades que o difere da história oral clássica ou mesmo da autobiografia, pois é um momento de exposição da realidade sócio e político de um determinado indivíduo.

Na compreensão de Bervely (1992), testemunho é uma narrativa em primeira pessoa, produzida na forma de um texto impresso, no qual o real protagonista ou a testemunha é quem reconta os fatos.

Sendo em primeira pessoa, o pesquisador transcreve a narrativa original proporcionando ao leitor a possibilidade de captar, em intervenção toda a realidade quanto possível do pesquisado, sem interferência, sem “mas”, sem “porém”.

Bervely (1992), considera que o testemunho representa uma afirmação de uma questão individual, mas em conexão com um grupo ou classe marcada por situações de marginalidade, opressão e luta, sendo o autor um ativista que é diretamente ligado àquilo que luta.

Para Bom Meihy e Ribeiro (2011), a história oral testemunhal ou o testemunho traz algumas particularidades que lhe atribuem elementos particulares e coletivos, especialmente para coletivos que carregam marcas profundas de transformações sociais, pois assim definem:

A história oral testemunhal se faz impiedosa em caso de entrevistas com pessoas ou grupos que padeceram torturas, agressões físicas relevantes, ataques, exclusões, marcas que ultrapassam a individualidade. Por afetar gerações ou interferir no andamento das relações sociais, esses eventos merecem tratamentos especiais e justificam o “trabalho de memória”, que ganha condição de dever social (BOM MEIHY E RIBEIRO, 2011, p.86).

Ainda, questões como segredos, pausas e mesmo o silêncio devem ser respeitados, pois, os sentimentos podem sobrepor a racionalidade do entrevistado, uma vez que a entrevista pode ser facilitadora e mediadora de uma memória esquecida ou que não têm sido acessadas por diversos fatores.

3.3 PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS

Este procedimento para coleta de dados, inspirada no testemunho como estratégia da história de vida foi denominada diálogos testemunhais (CASSANDRE, M. P.; AMARAL;

SILVA, 2014), pois através do diálogo entre o pesquisador e o portador da história de vida, o testemunho, ou seja, a expressão verbalizada da história de vida é oferecida à audiência.

Os contatos iniciais foram realizados com entidades civis que auxiliam na chegada e no acolhimento dos imigrantes no Brasil, como Mesquitas, Associações filantrópicas religiosas, órgãos públicos que atuam no respaldo legal aos imigrantes e refugiados, como o CONARE – Comitê Nacional para os refugiados, órgão federal, vinculado ao Ministério da Justiça; CERMA – Conselho Estadual dos direitos dos refugiados, migrantes e apátridas do Paraná; ADUS – Instituto de reintegração do refugiado – Brasil; Etnias no Brasil, CASLA – Casa Latino-Americana, Projeto Oásis Solidário, Projeto Linyon, Projeto Mais no Mundo, Embaixada e Consulados da República Árabe Síria; e demais organizações que atuam como membro parte desta cadeia ou rede, amparando com recursos materiais, legais e logísticos os refugiado para que continuem sua vida no Brasil.

Inicialmente se chegou a considerar a possibilidade de, ao estabelecer a aproximação com os migrantes no Brasil, estabelecer contato com migrantes que ainda iniciariam sua jornada rumo ao Brasil, partindo de campos de refugiados no Líbano, Jordânia e Turquia, por exemplo, com a finalidade de acompanhar toda a trajetória desde os campos até a chegada no Brasil e as distensões desta vinda (trabalho, idioma, educação, etc.).

Muito rapidamente uma pesquisa desta amplitude foi descartada (ou talvez postergada) considerando todos os fatos e variáveis que serão descritos no decorrer das linhas que seguem.

A distância entre pesquisador e sujeito de pesquisa demonstrou ser maior que o previsto inicialmente. Primeiramente porque o pesquisador vive em Maringá-PR, e após várias consultas em distintos órgãos e associações, como a Mesquita de Maringá, Sociedade Beneficente Muçulmana de Maringá, Cúria Metropolitana e etc, observou-se que os migrantes sírios, em sua condição jurídica especial de refugiados, não foram para Maringá-PR. Mesmo em órgãos como o DEDIHC – Departamento de Direitos Humanos e Cidadania, responsável pelo tema no Estado do Paraná e o Consulado da República Árabe da Síria em Curitiba não tinham informações oficiais sobre a presença de sírios em Maringá. Desta forma, foi descartada a possibilidade de encontrá-los por lá. Convenientemente não seria necessário abortar a pesquisa, ou melhor, apontar para outros sujeitos de pesquisa, mas era preciso reconhecer que a logística seria mais complexa, exigindo deslocamentos mais extensos, para além dos limites do município.

Através destes mesmos órgãos e outros citados foi possível identificar a presença dos migrantes em outras localidades, como São Paulo capital, Foz do Iguaçu-PR e Curitiba-PR. Se ao menos sabia-se onde estavam, a distância geográfica impedia, ou na melhor das hipóteses

“limitava”, a aproximação. Uma alternativa encontrada foi procurar por estes migrantes nas redes sociais, especialmente o *Facebook*, pois uma rede desta amplitude certamente deveria incluir esta população que se forma no Brasil dia-a-dia. E de fato eles estão nela, atuando, agindo, se expressando, relatando algumas dificuldades, outras conquistas, fazendo o que as pessoas fazem em redes sociais, a representação parcial da vida real. E nesta exposição surgiria uma oportunidade de aproximar de potenciais sujeitos de pesquisa. Observe que os sujeitos de pesquisa certos viraram potenciais, pois a realidade do campo impôs limites que eram ignorados outrora.

Ledo engano, a rede social que parecia tão aberta, uma oportunidade absolutamente óbvia para se estabelecer contato e firmar a aproximação não era a porta de entrada que aparentava ser. Os perfis procurados foram de – forma genérica – aqueles que aglutinavam sírios que estavam no Brasil e simpatizantes, em sua maioria brasileiros. E dentro destes perfis, muitos perfis de pessoas que se enquadravam aos objetivos da pesquisa: sírios que vieram para o Brasil neste último ciclo de migração (cujo estopim foi a guerra civil deflagrada em 2011). Alguns contatos chegaram a ser estabelecidos via *Facebook*, cerca de cinco ou seis, mas esta abordagem que parecia ser um sucesso também se converteu em fracasso. O contato de um estranho, via rede social, abordando um migrante, pedindo que participasse de uma pesquisa acadêmica sobre sua migração ao Brasil era objeto de desconfiança. Este migrante, que em não poucos casos, sofreu na mão de “coiotes”, sofreu em campos de refugiados, sofreu ao abandonar sua casa e sua vida na Síria, não iria relatar sua diáspora à um estranho. E desta maneira as conversas que se iniciavam esperançosas logo eram abandonadas.

De certa maneira, podem ser percebidas nestes atos de estranhamento e suspeita dos sírios, uma face de suas práticas culturais, pois além da desconfiança, havia um comportamento “fechado”, fazendo com que eles se voltassem para suas comunidades. Sobre este conceito de prática cultural Certeau o define:

Pode-se então compreender melhor o conceito de “prática cultural”: esta é a combinação mais ou menos coerente, mais ou menos fluida, de elementos cotidianos concretos (*menu* gastronômico) ou ideológicos (religiosos, políticos), ao mesmo tempo passados por uma tradição (de uma família, de um grupo social) e realizados dia a dia através dos comportamentos que traduzem em uma visibilidade social fragmentos desse dispositivo cultural, da mesma maneira que a enunciação traduz a palavra fragmentos de discurso. “Prático” vem a ser aquilo que é decisivo para a identidade de um usuário ou de um grupo, na medida em que essa identidade lhe permite assumir o seu lugar nas redes de relações sociais inscritas no ambiente (CERTEAU; GIARD; MAYOL, 2013, p.39-40)

Foi necessário reconhecer que na tentativa de estabelecer a aproximação entre pesquisador e sujeito faltava legitimidade, ou seja, faltava um ente que poderia mediar a aproximação, que fosse reconhecido pelo pesquisador, mas que fosse principalmente reconhecido pelo sujeito de pesquisa. Sendo este ponto considerado, as buscas se voltaram para outro *front* que já fora visitado: as instituições de acolhimento e os órgãos públicos – religiosas de todas as denominações civis e públicas que já foram citadas.

Deste modo, algumas novas oportunidades surgiram, pois as pessoas envolvidas com as iniciativas citadas eram, de forma geral, aptas para mediar a aproximação com os migrantes. Não que todas as pessoas abordadas concordaram, a maioria não se negou a ajudar, mas diante de uma agenda carregada, a burocracia e o cotidiano, não poderiam assumir um compromisso que poderia não ser cumprido. Ainda assim, alguns destes contatos se dispuseram a mediar a aproximação e de fato eles ocorreram, convertendo potenciais sujeitos de pesquisa em sujeitos de pesquisa, com história de vida riquíssimas que estão contribuindo para a construção do citado trabalho.

É importante ressaltar e destacar a temporalidade dos fatos, pois embora sejam narrados de forma breve, as tentativas, contatos, declínios, negativas e aceites ocorreram no decorrer de aproximadamente um ano, uma vez que são iniciativas que não se resumem a dicotomia do sim e do não. As pessoas querem conhecer melhor o projeto de pesquisa, para isso são longas ligações telefônicas, conexões de *Skype*, e-mails detalhando os objetivos, as justificativas; argumentos que sensibilizem os mediadores e que toquem aos migrantes também, já que muitas pessoas se sentem desconfortáveis em falar de suas vidas, alguns, inclusive, sentem vergonha de sua história recente de vida, pois perderam seus bens materiais, perderam seus amigos e parentes e ainda, estão no Brasil em trabalhos considerados inferiores aos que eram exercidos na Síria.

Procura-se também identificar como este estrangeiro será inserido no mercado de trabalho brasileiro, ou seja, quais as condições e quais os nichos de trabalho estarão ao alcance dos sírios. Que tipo de organizações oferecerão trabalho ao novo imigrante. Ou ainda, verificar se os possíveis êxitos na validação de certificados escolares se revertem na prática no real exercício de suas reais profissões.

3.4 AS TRANSCRIÇÕES DOS TESTEMUNHOS

As transcrições dos testemunhos devem ser fidedignas ao conteúdo original, preservado a história oral que outrora o pesquisador se dispôs a coletar e o entrevistado a conceder. Bom Meihy e Ribeiro (2011) apresenta alguns indicativos sobre esta etapa:

[...] cabe indicar algumas questões relevantes: quem transcreve deve ser o autor das entrevistas ou pode ser outra pessoa? Comumente recomenda-se que seja a mesma pessoa. Em muitos casos, porém, há a possibilidade de outros fazerem o trabalho. Existem inclusive profissionais que cuidam disso. É absolutamente importante, porém, que no caso da transcrição feita por terceiros, ela seja verificada cuidadosamente pelo entrevistador. A responsabilidade pela transcrição é sempre do diretor do projeto (BOM MEIHY E RIBEIRO, 2011, p.108)

Para estes autores, os erros de gramática, vícios de linguagem e outros devem ser mantidos em doses suportáveis e indicativas do controle da língua do entrevistado. Jamais se deve comprometer o teor das ideias em favor da “fidelidade” à norma culta da língua.

Refletindo sobre os cuidados ao ouvir as gravações e antes de iniciar as transcrições, Alberti (2013) aponta que:

É muito importante, antes de começar a transcrição propriamente dita, que o transcritor ouça um trecho da gravação, para se acostumar com o ritmo da entrevista e o falar característico de entrevistado e entrevistadores. Se ouvir a gravação durante uns cinco minutos, ela já se torna relativamente familiar, sendo mais fácil reproduzi-la (ALBERTI, 2013, p. 284)

Embora o apontamento da autora remeta-se a um terceiro como responsável pela transcrição, é razoável que o indicado seja aderente para casos onde o transcritor seja o próprio pesquisador.

3.5 COLETA DE DADOS OU TESTEMUNHOS

No desenvolvimento do processo de coleta de dados, pode-se perceber que as possibilidades orbitam em torno das relações entre as instituições e os sujeitos de pesquisa. No presente momento trabalha-se com algumas possibilidades que preservam o mesmo sujeito de pesquisa, o refugiado sírio, com algumas distinções, são pessoas que se dispuseram inicialmente a contribuir com o desenvolvimento da pesquisa, relatando sua história de vida, com especial atenção aos tempos recentes de vida na Síria e vida no Brasil.

Como relatado, algumas organizações que atuam como mediadoras entre os refugiados sírios e o acesso aos recursos (idioma, habitação, trabalho...) têm se mostrado dispostas em serem mediadoras nesta relação entre pesquisador e sujeito de pesquisa. Uma delas é o Oásis Solidário, localizado em São Paulo, ele surgiu da vontade e necessidade de um migrante sírio de outros tempos, o Senhor Amer Mohamad Masarani, em trazer membros de sua família ao Brasil, pois eles lá já sofriam com a guerra civil instalada. O reflexo da ajuda se estendeu a mais pessoas e assim surgiu o Oásis Solidário, que recebe migrantes e refugiados de qualquer nacionalidade, embora seja reconhecida como uma casa de acolhimento à imigrantes de origem árabe.

Uma segunda possibilidade tem sido o Projeto Linyon (situado em Curitiba-PR este projeto desenvolve as relações entre o mundo do trabalho e refugiados, os aproximando), na figura de sua diretora, Marcela Milano, tem atuado como mediadora entre pesquisador e alguns sujeitos que são contatos do presente trabalho.

Um terceiro Projeto que tem contribuído na mediação é o Mais no Mundo, idealizado pela Igreja Sofredora, localizada em Colombo-PR, que realiza o acolhimento de muitos refugiados, especialmente aqueles que são perseguidos devido às suas crenças religiosas. O Pastor Igor – desta Igreja - tem contribuído como trabalho ao estabelecer contato entre o pesquisador e os refugiados outrora assistidos.

Foram tomados três testemunhos ao longo do desenvolvimento do presente trabalho e seus nomes reais foram preservados e substituídos por nomes fictícios. O número “três” não é fruto do planejamento racional da dissertação, mas sim o número de pessoas que após contatadas, concordaram em dar seus testemunhos, cientes da metodologia empregada, da finalidade da coleta, e que seus testemunhos fossem publicados. Ou seja, a quantidade de testemunhos se deu pela conveniência, dentro das possibilidades oferecidas pelo campo.

O conhecimento que o pesquisador adquiriu no estágio de preparação e ao longo da formulação do projeto será determinante para que possa entrar no campo e fazer a identificação de casos ou sujeitos cujas características permitam a compreensão do fenômeno. Estudos que usam a história de vida como estratégia para a coleta de dados, por exemplo, podem recorrer a um único sujeito, desde que sua experiência seja suficiente para sustentar argumentos e levar a resultados consistentes. (GOULART; CARVALHO, 2005, p.130)

Não é a quantidade que define ou direciona a pesquisa, mas sim a intensidade e a capacidade de percorrer todas as manifestações do fenômeno, ou seja, as características da pesquisa qualitativa repousam na riqueza do conteúdo. Desta forma, limitada pela conveniência, os três testemunhos foram considerados satisfatórios por preservarem as

características da pesquisa qualitativa ao percorrerem pela história de vida de alguns refugiados sírios que vieram ao Brasil; e estas histórias de vidas preservam a essência das muitas histórias de vida de muitos outros refugiados sírios que aqui estão. Foi grande a dificuldade encontrada para colher os testemunhos, pois há a desconfiança por parte dos refugiados, que se encontram no Brasil em situação de alta vulnerabilidade.

Os sírios que confiaram seus testemunhos ao trabalho foram: Maria, 26 anos, estudante de Arquitetura e Urbanismo (UFPR), vinda de Aleppo (Halab), Síria, atualmente morando em Curitiba-PR. Silvia, 22 anos, Design Gráfica, Aleppo (Halab), Síria, atualmente morando em Curitiba-PR. E a terceira pessoa é José, 33 anos, Engenheiro Mecânico, vindo de Homs (Hims), Síria. Atualmente morando em Londrina-PR.

3.6 ORGANIZAÇÃO DOS DIÁLOGOS TESTEMUNHAIS À LUZ DA TEORIA DA ATIVIDADE

Respeitando as características dos procedimentos metodológicos, História de vida e a estratégia do Testemunho, não houve tratamento e análise dos dados, uma vez que memória dos entrevistados será a verdade a ser transcrita de maneira fidedigna no trabalho. Não cabe ao autor analisar ou tratar os dados, julgá-los ou colocá-los a prova por outros métodos de coleta, como a própria história.

Rouso (2006) assim se manifesta:

A questão ritual das diferenças entre história e memória parece agora um tanto ultrapassada. Primeiro porque hoje é pacífico (ou assim esperamos) que opor de um lado a reconstrução historiográfica do passado, com seus métodos, sua distância, sua pretensa cientificidade, e de outro as reconstruções múltiplas feitas pelos indivíduos ou grupos faz tão pouco sentido quanto opor o “mito” à realidade. (ROUSSO, 2006, p.97)

Isto é, o que é apresentado como recuperação da memória dos entrevistados será a verdade buscada, pois mesmo que traga elementos imaginários que desviem de uma verdade maior é ela que interessa a pesquisa, ainda que passível de influência de elementos psíquicos que reconstruam no imaginário uma realidade diferente da realidade.

Sob a luz da Teoria da Atividade, foram cumpridos alguns passos que a própria teoria delinea, quais sejam: a) realizar as entrevistas com os sujeitos de pesquisa, coletando suas histórias de vida, será possível ter uma visão do sistema de atividade a partir do sujeito; b) identificar o objeto das ações que constituem a atividade ou o sistema de atividade ou, ainda, os sistemas de atividades (ENGESTRÖM, 1987), objeto este que sendo identificado é

fundamental para o sistema de Atividade (QUEROL; CASSANDRE; BULGACOV, 2014) e auxiliará no delineamento dos demais elementos do sistema; e c) estudar os nódulos onde possam haver as tensões e conflitos do sistema, identificados assim como as contradições, que são os pontos extremos do sistema de atividade, onde os sujeitos necessitam desenvolver alternativas para além das atividades cotidianas, são oportunidades para reflexão sobre parte do sistema ou mesmo o sistema como um todo.

O agravamento dos problemas leva à busca de soluções. Essas soluções podem ou não incluir o objeto. Essas mudanças podem ser simplesmente ajustes nos elementos do sistema de atividade, como uma nova tecnologia ou uma maneira diferente de fazer algo. Se a crise é grave o suficiente, as pessoas podem desafiar todo o sistema, inclusive o propósito de toda a atividade (objeto). (QUEROL; CASSANDRE; BULGACOV, 2014, p.410)

Engeström (1987) identifica que as contradições são importantes oportunidades de desenvolvimento, ao proporcionarem desafios novos e questionadores aos sujeitos da atividade.

E por fim d) análises das formas de intervenção e interação, procurando identificar as formas como os múltiplos elementos do sistema de atividade se conectam entre si, gerando interação e intervenções, emplacando o dinamismo e lógica do sistema de atividade.

O conceito de objeto da atividade é baseado em quatro princípios:

O primeiro princípio refere-se ao motivo e origem de uma determinada atividade, e a razão para sua existência está relacionada a uma necessidade que existe na sociedade (LEONTYEV, 1978, p. 62 *apud* QUEROL; CASSANDRE; BULGACOV, 2014, p.408). Entre os seres humanos, as necessidades não são puramente biológicas, mas evoluem em atividades humanas e também são mediadas por artefatos que são definidos culturalmente no curso da história (LEONTYEV, 1978 *apud* QUEROL; CASSANDRE; BULGACOV, 2014).

O segundo princípio é que o objeto é duplo, epistêmico (ideal) e objetivo (material). O objeto de uma atividade é, portanto, tanto ideal como material, imaginado e percebido (QUEROL; CASSANDRE; BULGACOV, 2014, p.409). A transformação não é apenas mental e discursiva, mas também objetivada em um sistema híbrido composto por seres humanos e artefatos, bem como elementos biológicos (MIETTINEN, 1998, p. 424 *apud* QUEROL; CASSANDRE; BULGACOV, 2014, p.409).

O terceiro princípio sobre o objeto da atividade pode ser definido assim:

O terceiro princípio é que o objeto está em constante mudança. Contrário a uma ação cujo objetivo é ancorado a um lugar e tempo, o objeto de uma atividade é mais sustentado e aberto. Essa mudança ocorre não apenas no aspecto material do objeto, mas também no seu aspecto ideal, que inclui a conceituação de uma coisa, o

conhecimento dessa coisa e os métodos para produzi-la. (QUEROL; CASSANDRE; BULGACOV, 2014, p.409)

E o quarto princípio discorre sobre a construção coletiva do objeto:

O objeto só pode ser alcançado coletivamente. Nas sociedades modernas, a maioria dos objetos não podem ser produzidos por indivíduos isolados, sem a participação de outros sujeitos nos processos de produção, logo as atividades, por sua vez, são coletivas, ou seja, feitas em conjunto com outros sujeitos. (QUEROL; CASSANDRE; BULGACOV, 2014, p.409).

A presença destes quatro princípios é fundamental para a caracterização do objeto da atividade, pois neste movimento de construção e compreensão do sistema de atividade, compreender o objeto é peça central, e a partir disso, compreender os demais elementos do sistema.

4 ANÁLISE DO SISTEMA DE ATIVIDADES: A VIDA DOS SÍRIOS NO BRASIL

De acordo com a Teoria da Atividade, toda atividade humana é passível de ser estudada (ENGESTRÖM, 1987), assim sendo, a atividade de migração na condição de refugiados dos sírios ao Brasil foi analisada sob a perspectiva do corpo teórico proporcionado pela Teoria da Atividade, bem como uma lente que possibilita observar as interações no interior do sistema de atividade. Recupera-se aqui as limitações da Teoria das Migrações, impostas por ela mesma por não se ocupar em analisar o micro, o que ocorre nos desdobramentos dos deslocamentos massivos de pessoas de um lugar para outro. Reconhecido isto, a Teoria da Atividade assume à frente no corpo e no referencial teórico, possibilitando esta análise.

Como já discorrido anteriormente, a coleta de dados foi realizada através da história oral de vida, com opção estratégica o testemunho de três pessoas, voluntárias, que se encontram exatamente na condição estudada: refugiados sírios no Brasil. A eles foi explicado a natureza acadêmica do trabalho, bem como a divulgação em nível de dissertação de mestrado. Foi decidido pelo colhimento dos testemunhos para que a percepção da atividade fosse de dentro para fora, ou seja, dos próprios refugiados discorrendo e refletindo sobre sua vinda ao Brasil e como estão se desenvolvendo nos diversos níveis da estrutura social. Desta forma, evitou-se o viés do pesquisador, e ainda, o viés de quaisquer outros atores que não o refugiado sírio. Isto dá um caráter pessoal ao conteúdo da coleta de dados, pois o testemunho é situado, local, datado, corroborando com as já citadas categorias de sentido de González Rey (1995). O sentimento de cada refugiado é único, verbalizado na forma de testemunho e transcrito com a fidedignidade necessária para preservar todo o conjunto de sentidos que estes atribuem à atividade. Devido as dificuldades de agenda e distância, os três testemunhos foram tomados pela internet, via *Skype*, realizadas nos dias 02/08/16 com Maria, 25/09/16 com Silvia e em 24/10/16 com José. Todos estavam cientes dos propósitos, receberam as devolutivas com a transcrição para revisão e validação e conseqüentemente o retorno positivo validando e autorizando que o conteúdo avançasse para esta versão definitiva e pública. Eles compreenderam que seria uma oportunidade válida de levar a academia a realidade vivida por eles no Brasil, especialmente no tocante ao acolhimento, inserção e adaptação deles ao Brasil, as categorias delineadas nesta dissertação.

Nos três testemunhos, de aproximadamente 40 minutos cada, os refugiados sírios descrevem como suas vidas foram transformadas recentemente, desde a eclosão da guerra civil na Síria (2011), todas as dificuldades em deixar o país, encontrar um novo país que os acolhessem, e ainda, como se dão os desdobramentos da vida no Brasil, passando pela

aprendizagem do português, o dia-a-dia do Brasil, a busca por trabalho, as interações sociais, e entre tantas coisas.

Embora com particularidades, os três testemunhos guardam muita semelhança entre si, o que, ainda que não seja uma preocupação aqui presente, dá sutis sinais que o percurso e as dificuldades dos refugiados sírios no Brasil, de um modo geral, também guardam algum grau de semelhança, não obstante efetivamente desconhecidos. A partir dos testemunhos é possível identificar algumas situações que são referências para o delineamento do sistema de atividade dos refugiados sírios no Brasil. Todos eles descrevem que começaram a procurar por um novo país para viverem, devido a vida na Síria ter se tornado muito difícil, seja por escassez de comida, de energia elétrica, seja pela insegurança e risco a vida proporcionados pela guerra civil. Adicionalmente aos riscos citados, os três sírios são cristãos, vivendo em um país predominantemente muçumano. Eles relatam que até antes da guerra, a convivência entre cristãos e muçumanos era totalmente pacífica, coexistindo em paz e respeito. Mas, atualmente, devido à um dos entes do conflito, o Estado Islâmico (ISIS) ter como bandeira a criação de um grande califado islâmico na Região, os cristãos passaram a ser perseguidos, suas igrejas destruídas e vidas ameaçadas.

Conquanto por caminhos distintos, todos tiveram o mesmo destino, o Brasil. Como já discorrido, o governo brasileiro abriu formalmente suas fronteiras, recebendo os migrantes sírios na condição de refugiados, que garante a eles uma série de direitos, reconhecidos internacionalmente e ratificados pelo Brasil. Todos os refugiados descrevem que ao Brasil, enquanto Estado, falta muito apoio estrutural para a chegada dos sírios. De fato, as fronteiras estão abertas, mas não há uma política definida e estruturada para recebê-los. Assim, o acolhimento formal ocorre somente com a recepção daqueles que vem ao país, mas sem apoio estruturado para lidar com a burocracia legal, bem como os elementos necessários para a inserção na sociedade, como o aprendizado do português ou a validação de diplomas e certificados para o exercício de suas profissões por aqui. Desta forma, o governo exerce um papel inicial muito importante no sistema de atividade, ou seja, ele impulsiona o sistema ao autorizar que os sírios venham para o Brasil, compondo um papel na comunidade do sistema de atividades, mas em um segundo momento ele perde força, pois é omissos em relação aos demais elementos do sistema, como pode ser identificado nos testemunhos, que denunciam a ausência do governo nas categorias estudadas: acolhimento, inserção e adaptação.

O sistema de atividade é composto pelo objeto, que é coletivamente construído, os sujeitos (indivíduos ou a coletividade), os artefatos (que são os mediares entre os sujeitos e o objeto, a comunidade onde o sistema está inserido, as convenções, regras ou leis, que são parte

do constructo social da comunidade, podendo ser tácitas ou explícitas e a divisão do trabalho, que demarca a posição de status e poder dos membros balizados pelo modo de produção do capital.

4.1 ACOLHIMENTO

É identificado nos testemunhos dos refugiados sírios que eles reconhecem no governo brasileiro um sinal de boa fé e ajuda humanitária ao abrir as fronteiras formalmente para que os imigrantes venham para o Brasil e que possam recomeçar suas vidas. Mas também é fato que os três testemunhos denunciam que o Brasil não tem uma estrutura burocrática assistencial e legal suficiente para isto. Nas palavras de Maria: “Quando nós chegamos não tinha estrutura para a gente, não tinha nada, o Brasil não estava preparado para receber os refugiados, onde a gente vai ninguém sabe quais os nossos direitos, então estas são nossas dificuldades que a gente não sabe o que nós podemos fazer aqui”. Embora nos últimos anos o modelo tenha avançado qualitativamente, com a criação de secretarias e departamentos exclusivos para tratar as dificuldades dos refugiados, como no Paraná, com a criação do CEIM – Centro Estadual de Informação para Migrantes, Refugiados e Apátridas do Paraná, que foi inaugurada em outubro de 2016 e tem como objetivo auxiliar na confecção de documentos, busca de empregos e ações que possam garantir sua inclusão social. No entanto, é nas entidades religiosas de múltiplas denominações, ONGs, e população que eles declaram receber maior apoio e acolhimento. Em testemunho, os sírios relatam claramente que o povo brasileiro é acolhedor. São vários os projetos no Brasil que tratam de mitigar o sofrimento e as dificuldades dos migrantes. Entre eles podemos citar o Oásis Solidário, na figura do Senhor Amer Mohamad Masarani, o projeto Lynion, encabeçado pela Marcela Milano, a Cáritas, braço acolhedor da Igreja Católica, o projeto Renovare - Mais no Mundo, da Igreja Sofredora do Paraná (Colombo-PR), além de pessoas comuns, anônimas, que contribuem de alguma forma para que os sírios refugiados sejam acolhidos no Brasil.

4.2 INSERÇÃO

A inserção ocorre de múltiplas maneiras, seja pelo trabalho, pela arte, pelas relações sociais e outras formas foram destacadas em testemunho. O aprendizado do português, que poderia proporcionar um trampolim para que outras competências fossem afloradas não é aprendido de maneira formal. Embora nos três testemunhos eles citem o aprendizado formal, a

dificuldade de conciliar um emprego (às vezes dois e até três) e as aulas de língua portuguesa acabou afastando eles desta via de aprendizagem. Assim, eles acabaram por aprender (e ainda aprendem) informalmente, no dia-a-dia, ouvindo, repetindo, lendo, lançando mão das mais variadas táticas de aprendizagem e ferramentas tecnológicas (google tradutor) para aprender e se comunicarem com os brasileiros. É observável que no caso do idioma, a aprendizagem informal ganha uma musculatura que a equipara, e até mesmo supera, a aprendizagem formal.

Há uma tendência forte para perceber a aprendizagem informal e formal como separadas. Isto resulta frequentemente numa polarização entre elas; [...] a visão dominante na literatura é buscar identificar atributos e características que possam separar radicalmente aprendizagem formal da informal. Esta é uma abordagem equivocada, pois o mais importante é identificar sua integração. Desta forma, o desafio está na verdade em reconhecer e identificar os atributos e entender suas implicações (ANTONELLO, 2004, p.3).

Somente Maria seguiu aprendendo formalmente a língua portuguesa, pois ela foi selecionada na UFPR –Universidade Federal do Paraná para continuar sua graduação em Arquitetura e Urbanismo, iniciada na Síria, mas interrompida pela guerra. Sem um suporte legal, ela acabou descobrindo uma legislação existente no Brasil que acolheria refugiados nas Universidades Federais, e assim ela se auto intitula a “primeira refugiada” a lançar mão desta lei. E ao ser matriculada na UFPR, ela teve acesso também ao CELIN – Centro de Línguas e Interculturalidade, da UFPR. Assim, conseguiu manter-se no aprendizado formal, conciliando graduação e idioma. Silvia também conseguiu uma vaga no CELIN para o estudo de português por estrangeiros, vaga esta obtida pela permuta por aulas de inglês que ela oferecera em troca. Ainda assim, ela conseguiu concluir apenas os três níveis básicos, pois estava trabalhando em três lugares distintos e foi impossível conciliar tudo isso, como ela mesma define: “Comecei trabalhar nestes três empregos que eu falei para você, três coisas. E aprendi todo o português na raça depois, tipo: só fiz o básico no CELIN e continuei sozinha porque não tive mais tempo”. Uma forma encontrada para a inserção no Brasil foi através da cultura, manifestada pela arte e pela culinária. Os familiares de Silvia e Maria trabalham em um projeto de comida árabe, onde oferecem os mais variados pratos da comida tradicional árabe. Esta é uma forma de inserção, que gera trabalho, renda e interações dentro do sistema de atividade e entre sujeitos fora do sistema. A arte é manifestada pela música, Maria canta, seu marido – Abed - toca Alaúde – instrumento musical da família dos cordofones e Silvia toca Kanun – instrumento de cordas. Junto eles montaram um grupo musical chamado Alma síria. Eles se apresentam em diversos eventos, levando a cultura e a música síria para a população de Curitiba-PR. Elas consideram

este “trabalho-hobby” muito importante, pois faz com que muitos brasileiros conheçam um pouco da cultura síria, que é milenar e muito rica. Nas palavras de Silvia:

E a gente formou uma minibanda que se chama Alma síria. E agora começamos também, tipo: utilizando todos talentos que a gente tem no Brasil. Primeiro para sobreviver, segundo também para transmitir nossa cultura que é muito distante, muito diferente do que é a cultura brasileira. É uma cultura muito rica e muito antiga. Daí foi legal que a gente conseguiu trazer muitos talentos e mostramos aqui. Arte, pintura, dança, música, comida...”.

O trabalho tem sido também um meio para a interação entre os sírios e a sociedade brasileira. Muito embora as dificuldades para encontrar trabalho, devido à crise financeira que o Brasil enfrenta recentemente, sejam grandes; somado ao fato de eles não conseguirem trabalho nos cargos e áreas que exerciam na Síria, os refugiados tem conseguido trabalhar. E isto auxilia, além da óbvia necessidade material, na inserção e adaptação, pois gera interações que possibilitam a aprendizagem (já citada) da língua, bem como da cultura e dos valores da sociedade brasileira. José aponta em seu testemunho que trabalhando em uma empresa de aquecedores no Rio Grande do Sul pôde aprender e avançar muito na língua portuguesa executando seu trabalho cotidianamente, muito embora ele não possa exercer sua formação de Engenheiro Mecânico formalmente, ele pode aplicar o conhecimento adquirido e acumulado no exercício de qualquer função; isso associado ao fato do linguajar ser comum à área (nomenclaturas técnicas, ferramental, etc..), foi o que impulsionou seu aprendizado. Em um segundo momento, José teve alguns problemas de relacionamento no Rio Grande do Sul (não detalhados), que o fizeram voltar para o Projeto Mais no Mundo. Assim, surgiu uma segunda oportunidade, desta vez para o Município de Londrina-PR. Em Londrina, impossibilitado de “ser” Engenheiro Mecânico, ele acabou por abrir duas frentes de trabalho: é porteiro em um condomínio, onde é registrado formalmente (CTPS), trabalhando de terça-feira a domingo e vem transformando um hobby em profissão: a culinária. Com a ajuda de seus novos amigos, membros da igreja e voluntários, ele tem conseguido divulgar seu trabalho de chef de cozinha – especializado em comida árabe – nos canais locais de televisão. Ele começou fazendo pães sírios, coalhadas, produtos típicos para as pessoas experimentarem. Com esta nova perspectiva, ele não possui um restaurante, nem sequer um local fixo para preparar, mas oferece seus conhecimentos prestando serviço de chef em festas particulares, eventos entre outros, que tenham como cardápio a comida típica árabe.

A inserção dos adultos na sociedade brasileira tem sido mais difícil, como testemunham Maria e Silvia, eles têm resistência ao novo, ao diferente. Para elas, é mais fácil

para os jovens se inserirem, pois, tem mais facilidade em aprender, em negociar com as novas regras sociais. Além disso, o trauma da mudança é muito mais profundo para os mais velhos, pois quanto mais velho, mais tempo de vida na Síria; mais tempo de vida na Síria, mais profundas foram as raízes a serem extraídas. Para José a tarefa de abdicar de ser Engenheiro Mecânico para ser porteiro não é nada fácil (e não há demérito algum por parte do autor em relação aos trabalhos, somente o reconhecimento que o tempo de trabalho socialmente necessário para reproduzir a mão de obra de um engenheiro mecânico é maior que para formar um porteiro de condomínio), e como ele mesmo relata, referindo-se a possibilidade de revalidar seu diploma e poder exercer seu ofício: “... tem a profissão, se não tem ajuda de governo, de ONU, mas por causa de profissão... Eu estudei minha vida, eu trabalhava com isso, você vai ganhar um engenheiro, um engenheiro, um advogado, arquiteto, isto é bom para o país mesmo e para nós... Eu sou Engenheiro e trabalhava na área... Eu limpo chão aqui no Brasil... Eu vou limpar! Não sou metido... Eu vou limpar, eu faço de tudo, não tem problema... Mas o que é melhor? Então... para todos nós...”. Não menos fácil é para uma pessoa mais velha, como é o caso do pai de Silvia, que era joalheiro, dono de joalheria na Síria, que perdeu tudo lá e agora será empregado no Brasil. Diz ela: “por exemplo meu pai era joalheiro, tinha a joalheira dele. E perdeu tudo. Para recomeçar como funcionário... é tenso! ”.

José e Silvia estão no meio do processo de validação dos diplomas no Brasil, mas sem uma data certa para o resultado e tão pouco uma clara chance de serem exitosos. Maria, como está concluindo sua graduação em Arquitetura e Urbanismo na UFPR (está no último ano, concluindo estágio e TCC) terá o diploma nacional e já reconhecido, possibilitando a ela o acesso ao mercado de trabalho na sua área acadêmica.

4.3 ADAPTAÇÃO

Os três, Maria, Silvia e José se consideram adaptados ao Brasil. Como dizem, o português ainda é uma limitação, mas a cada dia eles melhoram, conhecendo novas palavras, treinando a pronúncia, convivendo e conversando com os brasileiros. Sobre o português, Silvia disse: “agora tem muitos brasileiros que me acham brasileira 100% (risos), ainda tem sotaque, mas eles não percebem se eu não falei”. E ainda sobre a questão da adaptação, assim ela se expressa: “eu acho que sim (está adaptada), em Curitiba sim, mas você ainda não sente aquele lar que você perdeu, sabe? E demora anos, anos e anos para sentir aquela mesma coisa. [...] E agora, depois que eu me achei um pouco, vamos repensar na vida, vamos repensar nos sonhos, claro que é muito mais difícil. Por causa financeiramente eu não posso deixar minha família,

daí é outra realidade. Tipo a vida que eu tinha lá na Síria nunca vai voltar mais. Agora eu estou outra Silvia, outra vida, tem coisas que são mais fortes que você”.

Em relação ao futuro e ao retorno para a Síria, os três têm posições diferentes: todos concordam que na atual situação voltar para a Síria é impossível, a guerra ainda continua ceifando vidas diariamente e a instabilidade prevalece. No entanto, Silvia pensa que mesmo que um dia a guerra acabe, ela não gostaria de retornar, como ela diz: “voltar para ruínas!?” E o sentimento é de continuar reconstruindo a vida no Brasil ou em algum outro país. José não soube como se manifestar em relação a este ponto “não dá para pensar agora, sabe? Porque ninguém sabe a situação, não tem como falar...ainda nem sabe nada, ainda não dá para imaginar o que aconteceu. Então... já dois anos passou, mas não sei, onde vou voltar? Estou começando nova vida aqui, vou voltar para cá, para começar de novo: nossa quanto tempo tenho nesta vida para fazer tudo isso? Então não sei, não tenho esta resposta para este, sobre isso... só Deus sabe”. Por fim, o testemunho de Maria, que afirma o desejo de retornar tão logo fosse possível, para ajudar a reconstruir o país, “... cada país tem coisas boas, tem coisas ruins, mas onde se nasce, é naquele lugar que seu coração fica para sempre, não dá... qualquer país que você vai, a Síria fica no nosso coração, não sai, não podemos tirar ela... com todas as coisas ruins que ela têm, com todas as dificuldades, com todas as pessoas que a gente não gosta, mais ou menos, a gente gosta da nossa terra. Acho que a maioria das pessoas, que assim, pensam... vai demorar muito tempo para voltar, mas temos que acabar tudo logo e voltamos...”.

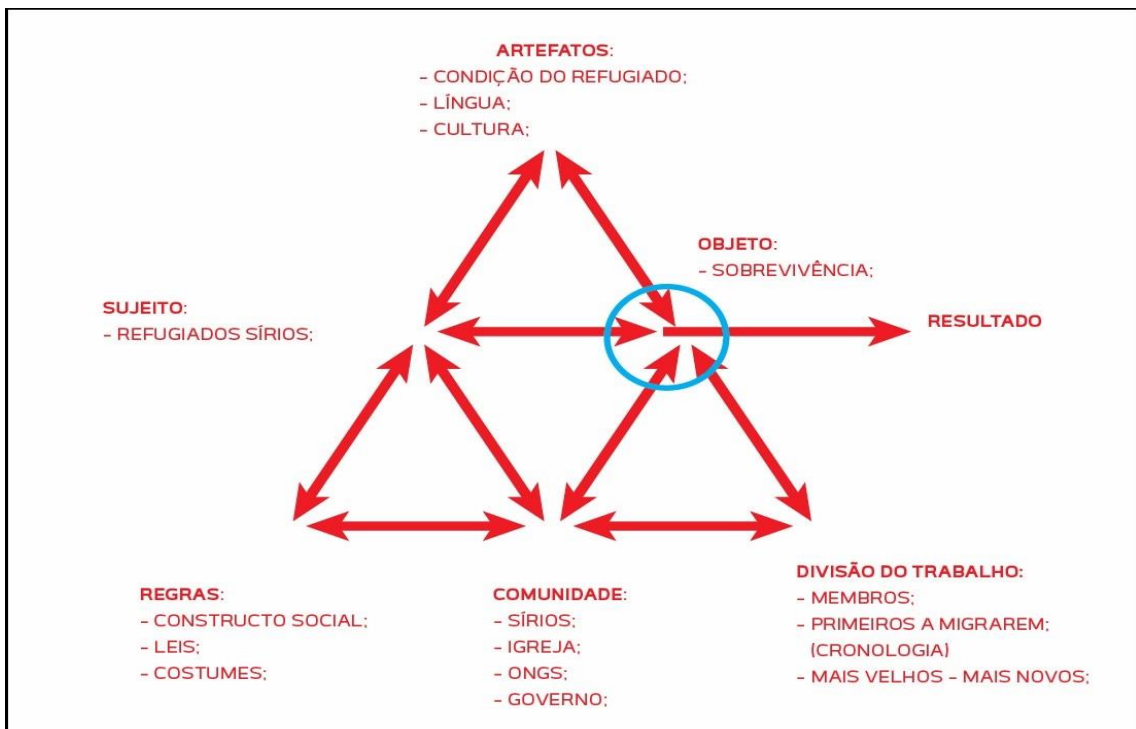
4.4 CARACTERIZAÇÃO DOS ELEMENTOS DO SISTEMA DE ATIVIDADE

Identificar os elementos do sistema de atividade e qual o papel que eles desempenham é o ponto de partida para a análise deste sistema (Engeström, 1987).

O sistema de atividade dos refugiados sírios tem como objeto comum a vida, ou mais precisamente a sobrevivência. Considerando os testemunhos dos refugiados, o que os trouxeram ao Brasil foi a segurança de continuidade da vida, onde eles possam ter as mínimas condições humanas de reprodução da vida, interagindo com esta nova sociedade que agora eles pertencem, convivendo em paz e com tranquilidade.

Para Leontiev (1978), a principal característica da ação é sua orientação consciente para um objeto, que é determinado por um tempo e um lugar. Não há atividade, e conseqüentemente sistema de atividade sem objeto. É pelo e para o objeto que a atividade existe. Desta forma, o primeiro elemento a ser caracterizado é o objeto, aqui chamado de sobrevivência.

Figura 03 – O sistema de atividades dos refugiados sírios



Fonte: Adaptado de Engeström, 1987.

Os refugiados sírios têm consciência que suas vidas correm risco na Síria, desta forma procuram alternativas para sobreviverem, e o Brasil surge como uma opção. Embora eles tenham ciência também que há dificuldades – um deles comenta em testemunho que antes do Brasil, jamais ouvira uma sequer palavra em português – deixar o país era necessário e na condição de refugiado não há muitas opções, mas a decisão é sustentada pela busca da sobrevivência. Assim buscam coletivamente, no Brasil, sobreviverem.

É importante lembrar que o conceito do objeto da atividade se baseia em quatro princípios. O primeiro princípio é que o verdadeiro motivo e razão da existência do objeto está relacionado a uma necessidade da sociedade. O segundo princípio discorre que o objeto é duplo, epistêmico (ideal) e objetivo (material). (QUEROL; CASSANDRE; BULGACOV, 2014, p.409). O terceiro princípio diz que este objeto está em constante mudança, ou seja, sua compreensão vai além da materialização do objeto, mas também contempla os desdobramentos teóricos sobre ele. E o quarto princípio é que o objeto só pode ser alcançado coletivamente. Uma vez que os indivíduos vivem em sociedade, um sistema de atividade e seu objeto só pode ser alcançado em sociedade.

Os sujeitos no sistema de atividade são os próprios refugiados sírios, já caracterizados, buscam no Brasil fugir da guerra e encontrar melhores condições de vida; desta maneira,

procuram sobreviver. Os seus pontos de vista, tomados a partir da história oral de vida e do testemunho será o ponto de partida da análise do sistema de atividade. Embora possam pertencer a outros sistemas de atividade, identificados nos seus cotidianos de trabalho, estudo, etc., os refugiados sírios são os sujeitos do sistema de atividade homônimo, pois constituem um agrupamento homogêneo em relação ao objeto e em relação aos demais elementos do sistema de atividade.

Os instrumentos ou artefatos são os mediadores da ação dos sujeitos. Podem ser identificados como físicos ou simbólicos e que permitem aos sujeitos pesquisados atingirem o objeto do sistema de atividade (Engeström 2001). Os artefatos aqui foram identificados a) pela condição de refugiado. Embora o termo refugiado já garante uma particularidade jurídica de uso do termo, ele vai além disso, ele aglutina e identifica os sírios refugiados dos demais, e até mesmo dos demais povos que ao Brasil vem. Para um sírio que vem ao Brasil nesta leva recente de migração ser um “refugiado sírio” é um instrumento para atingir e mediar com o objeto, que foi classificado como a sobrevivência destes sujeitos. Embora pareça redundante, a condição de refugiado atribui ao sírio este ferramental, não somente legal (material), mas também simbólico que o aproxima, através da mediação, com o objeto do sistema de atividade; b) pela língua, limitador e aglutinador. Limitador pelo fato da maioria deles, e nos testemunhos todos, não dominarem o português plenamente os limita no mercado de trabalho e na busca por melhores condições; da mesma forma o árabe os une, pois é a língua comum e referencial de segurança. Por fim c) a cultura: a cultura em suas múltiplas determinações são artefatos aos quais os refugiados sírios lançam mão para sobreviver em um primeiro momento e desenvolverem-se em um segundo momento, manifestada através do oferecimento de comida típica, das apresentações musicais e do ensinamento da língua árabe.

A comunidade compreende não somente os indivíduos que possuem o mesmo objeto da atividade, mas também todos os indivíduos que agem no sistema, como as ONGs, o Governo, as Universidades No sistema de atividade em questão a comunidade é o contingente de migrantes refugiados sírios no Brasil. Ainda que estejam atuando no sistema de maneiras distintas, eles compartilham socialmente do sistema de atividades; o poder público, aqui identificado como governo, que estabelece as regras formais sobre a presença dos refugiados sírios no Brasil, as ONGs e Projetos sociais que auxiliam no acolhimento, inserção e adaptação ao Brasil, as Igrejas, que desempenham papel semelhante às ONGs, as Universidades e instituições que promovem a troca cultural e intelectual entre nativos e refugiados, e a própria sociedade civil brasileira, considerada pelos sírios como acolhedora.

As regras ou convenções são outro elemento do sistema de atividade. A legislação vigente aplicável sobre o refugiado pode ser um conjunto de regras que facilitem o sujeito a atingir o objeto. Estas leis, de maneira geral, procuram simplificar a burocracia governamental em busca de documentos e condições que permitam ao refugiado viver no Brasil. É materializada na equiparação de alguns direitos sociais garantidos aos brasileiros, que são estendidos aos sírios refugiados, na dispensa de alguns documentos para a obtenção de novos, como carteira de trabalho, PIS, CPF, carteira de identidade e outros. Mas as regras ou convenções também podem ter um viés negativo. O preconceito com refugiados pode ser percebido através da convenção de alguns grupos nacionalistas, que enxergam na presença dos refugiados sírios uma ameaça aos empregos e segurança dos brasileiros. As convenções também podem ser associadas ao constructo imaterial da sociedade e pode ser outra barreira que os refugiados sírios podem encontrar: o dia-a-dia do Brasil não é o mesmo que o dia-a-dia da Síria pré-guerra. Outra manifestação das regras que tem imposto dificuldades aos sírios é a validação de diplomas e certificados profissionais no Brasil: dos três sírios que testemunharam, dois tem cursos superiores obtido na Síria: Silvia é Design Gráfica e José é Engenheiro Mecânico, mas nenhum dos dois conseguiram até as datas de seus testemunhos revalidarem os diplomas no Brasil, e conseqüentemente, pleitearem empregos em suas formações acadêmicas originais. Com isso, eles se candidatam a cargos menos qualificados, com menores salários.

Ainda é percebida as regras da tradição e da composição da família síria. Ainda que não tenham sido relatadas de forma explícita, é percebido uma relação hierárquica entre os mais jovens e mais velhos dentro da família. Esta constatação se dá no constrangimento relatado em testemunho ao fato dos pais, originalmente mantenedores do lar apresentarem dificuldades em conseguir trabalho para obter renda e manter este status familiar e que acaba por ser assumido pelos mais jovens.

A divisão do trabalho é um elemento do sistema de atividade. Adicionado por Engeström (1987), ele traz ao sistema a complexidade da sociedade capitalista, reconhecendo que há hierarquias, status e poder no sistema de atividade. A presença da divisão do trabalho no sistema de atividade dos refugiados sírios no Brasil é mais sutil. Mais evidente é perceber a hierarquia e poder exercido dos membros externos, a sociedade brasileira, sobre o os sírios, manifestada por meio da condição de estrangeiro, sem poder de comprovar suas qualidades técnicas e intelectuais, e ainda que comprovadas na prática, não são munidos dos documentos legais necessários (revalida). Mas ainda assim, é possível notar hierarquia e poder. Aparentemente os primeiros migrantes exercem influência sobre os demais, pois segundo eles “a vida é muito mais fácil para os que chegam depois (nos anos seguintes a 2011)”, porque os

primeiros já tiveram o trabalho de descobrir a lógica e a dinâmica da sociedade brasileira, já sabem onde aprender português, já lidam com a alimentação e costumes locais. Isto facilita a vida dos que vieram depois e os que estão por vir. Outro paralelo que pode ser traçado é relacionando os sírios refugiados mais velhos e mais novos (em questão de idade biológica). Os mais novos têm mais facilidade em aprender o português, inserir-se na sociedade e adaptar suas competências profissionais aos trabalhos oferecidos. Os mais velhos têm mais dificuldade, proporcionada pelo avanço da idade, mas também por um apego, um sentimento de tristeza maior, pela terra que fora sua e que ficou para trás. Sendo assim, os refugiados mais novos assumem os papéis de provedores de renda e sustento. Segundo um testemunho, o sentimento que predomina nos mais velhos é de divisão, eles ficam em uma espécie de “purgatório”: suas cabeças ficam na Síria e seus corpos no Brasil, gerando assim um bloqueio que dificulta a aceitação da nova realidade, atrasando ou bloqueando a inserção e a adaptação às suas novas condições de vida no Brasil.

4.5 AS CONTRADIÇÕES NO SISTEMA DE ATIVIDADE

As contradições são inerentes ao sistema de atividade e são elas que dão movimento ao objeto (Engeström, 1987). Para este autor, as contradições podem ser de quatro tipos, a saber:

- a) As que surgem em cada elemento da atividade;
- b) As que ocorrem entre dois elementos;
- c) As que emergem quando um novo elemento é introduzido em um sistema;
- d) As que ocorrem entre sistemas, quando há mudança substantiva na atividade de cada um deles.

As contradições podem ser compreendidas como tensões que ocorrem no sistema de atividade, nos pontos acima discorridos e ocorrem, pois, o sistema não é estático, muito ao contrário, é dinâmico, em constante movimento, e neste movimento surgem as possibilidades de contradições. No sistema de atividade dos refugiados sírios não é diferente, e as contradições começam a emergir praticamente com o surgimento ou delineamento do sistema de atividade. Ao refletir sobre a relação entre os sujeitos: os refugiados sírios e o artefato, que fora caracterizado pela própria condição de refugiado, percebe-se que o artefato foi delineado para possibilitar aos sujeitos um conjunto mínimo – legal e legítimo – de condições para que suas

vidas pudessem ser continuadas no Brasil. Para que uma vida “normal” fosse possível e que a reprodução da vida, em suas mais amplas determinações, se realizasse. No entanto, esta condição de refugiado situada acaba por estigmatizar este migrante, limitando sua capacidade de ter uma vida normal, uma vez que a própria condição de refugiado garante e restringe a possibilidade de uma vida normal, como de um cidadão brasileiro comum, que trabalha, que estuda, paga impostos, se diverte e etc. A condição de migrante refugiado possibilita este acesso, mas também é o limitador de sua condição de cidadão, eles serão sempre os migrantes refugiados sírios, e só estão no Brasil por esta condição, que ora aproxima do sujeito, ora distância, mas nunca se anula, pois esta é – simbólica e concreta – sua condição.

Outras contradições podem ser percebidas dentro dos elementos do sistema de atividade. Na divisão do trabalho, foram identificadas algumas esferas desta divisão. Uma esfera é a relação entre os migrantes refugiados que já estão no Brasil a mais tempo e aqueles que chegaram e chegam mais recentemente. A outra esfera se dá na relação entre os migrantes mais velhos e mais novos. O fato dos mais jovens terem mais facilidade de aprendizagem, de inserção e adaptação lhes possibilita acesso ao mercado de trabalho e assim passam a ser os provedores da renda e do sustento familiar. Isto gera, de certa forma, uma contradição indesejada e não intencional no seio da família tradicional síria, onde os seniores, particularmente os homens, são os garantidores do sustento da família. Isto, somado ao estado de choque da mudança de país (e na condição de refugiado), agrava e amplia o abismo entre os sírios mais idosos e a perspectiva de continuidade da vida no Brasil.

Uma outra contradição pode ser observada no objeto da atividade: o sistema emerge para proporcionar aos refugiados sírios condições mínimas de vida, a sobrevivência. É o objeto comum do sistema e é em torno dele que todo o sistema se movimenta. No entanto, da mesma forma que por meio dos testemunhos é possível identificar e delinear este objeto, também é possível notar que em um segundo momento, após o sistema de atividade movimentar-se em direção a este objeto, o objeto contradiz à sobrevivência. Ele tende a transformar-se, a mudar, a virar outra coisa, com outras características. Com o sistema em marcha a sobrevivência transforma-se na busca por uma vida comum, cotidiana. Os sonhos e os planejamentos de vida, que foram suprimidos pela busca pela simples sobrevivência voltam a pauta do dia destes refugiados sírios, que não pensam mais em “somente sobreviver”, mas sim em construir algo maior, mais perene, através do trabalho, da educação e das interações sociais. A sobrevivência, tão elementar e tão buscada por um refugiado que deixa uma guerra civil para trás se transforma na retomada dos traços da vida. Neste novo momento, os sírios buscam pelo desenvolvimento

e qualidade de vida que lhe foram furtados pela guerra, mas que agora, superada a fase da sobrevivência, são retomados.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao considerar os testemunhos dos refugiados sírios, foi possível estabelecer os elementos que compõem o sistema de atividades destes no Brasil. Assim, a hipotética aderência entre a Teoria da Atividade, enquanto corpo teórico e a História de Vida, como procedimento metodológico, se converteram em uma lente de análise capaz de compreender o micro, o situado, os elementos do sistema. Por meio do testemunho, os refugiados sírios contaram sua história de vida, como deixaram o seu país, e como está sendo sua nova vida no Brasil. Percorrendo as categorias pré-estabelecidas: o acolhimento, a inserção e a adaptação, foi possível identificar o objeto, que motiva todo o sistema, bem como os demais elementos que o compõe. Também foi possível compreender as contradições inerentes ao sistema, destacando a contradição do próprio objeto, que se transforma em outra coisa assim que o sistema se coloca em movimento, uma vez que para estes refugiados sírios a luta pela sobrevivência, uma vez superada, desencadeia uma busca por um novo objeto, relacionado a estabilidade, ao desenvolvimento humano, ao crescimento e etc.

A presente dissertação buscou responder a indagação e aos objetivos que se impôs, compreendendo este movimento migratório por intermédio da compreensão do seu sistema de atividades, descrevendo este movimento e interpretando-o. Foi preservado, como reza a metodologia, os testemunhos outrora tomados, procurando reproduzir de forma integral as palavras de todos eles. Para isso, o nível de expressão e compreensão da língua portuguesa por parte deles foi fundamental, pois de outra forma talvez o desenrolar das atividades fossem comprometidas.

Este conjunto de escolhas: sírios refugiados como sujeitos de pesquisa e o aporte teórico da Teoria da Atividade podem ampliar as possibilidades de análises dos movimentos migratórios, e talvez contribuir para que o acolhimento, a inserção e a adaptação de migrantes e refugiados ao redor do mundo seja mais digno e humano. Aqui é importante recuperar os trabalhos da finlandesa Marianne Teräs, que aplicou metodologias intervencionistas por meio do Laboratório Cultural (TERÄS, 2010), para compreender como os estrangeiros adaptavam-se à sociedade local oportunizando ao mesmo tempo conhecer o novo: língua, cultura, leis e costumes e ao mesmo tempo preservar estes elementos de seus países de origem. A Teoria Histórico-cultural é utilizada no desenvolvimento do Laboratório, e destacada pela autora, uma vez que é uma teoria capaz de compreender os indivíduos como histórico, socialmente datados em um local, tempo e espaço.

Observa-se que a Teoria da Atividade pode contribuir muito mais para os trabalhos com e sobre os migrantes que se espalham pelo mundo, principalmente os que se deslocam involuntariamente: os refugiados. Esta dissertação não é suficiente para afirmar que a Teoria da Atividade é a melhor teoria para compreender os refugiados, mas tão somente que é uma teoria densa o suficiente e com propósitos que se alinham às características dos sujeitos, sendo ela é capaz de detalhar as propriedades existentes entre os vários elementos que compõe a atividade de refugiar-se em um outro espaço geográfico que não o próprio.

Outrossim, salienta-se a importância do olhar nas relações que se travam no espaço situado, singular, específico e único que cada sujeito traz consigo nas suas interações entre aquilo que é novo e aquilo que é próprio da sua ontogênese. Neste ponto cabe destacar o estabelecido por Clot (2007) em que considera a existência de três polos da atividade dirigida: os conflitos no objeto, sobre o conflito do outros e os próprios conflitos do sujeito. Para Clot (2007) agir é se impedir de fazer aquilo que requerem isoladamente as pré-ocupações pessoais, a tarefa ou o outro, não se podendo explicar a atividade do sujeito a partir dela mesma; é importante considerar que a ação do sujeito tem sua fonte nas atividades contrariadas: as dos outros e as suas. Ao se estabelecer o objeto de análise desta dissertação o acolhimento, a inserção e a adaptação do povo sírio ao Brasil, deve se revelar diretamente os esquemas sociais que estes termos encerram, não só desses sujeitos com este fim, mas também da relação dos outros com o objeto constitutiva da atividade de cada um dos sujeitos, os intercâmbios deles com os outros anima a vida do objeto e, por fim, a atividade dos outros também é modelada pelas relações de cada sujeito com o objeto;

Assim, contemplar o acolhimento, a inserção e a adaptação é uma situação que convoca a repensar não apenas a partir da compreensão manifesta, mas contemplando as sutilezas presentes na relação dos sujeitos em análise com os outros, não sírios. Concomitantemente, o olhar a si mesmo, ao objeto de seu trabalho e a seus instrumentos de ação e, por fim, aos esperados genéricos de sua atividade, logo a análise da atividade dirigida desemboca num desenvolvimento possível dos objetos, dos artefatos, do sujeito, dos instrumentos do sujeito e da atividade coletiva. Nesse sentido, o real não é apenas tudo aquilo que foi possível obter de cada um dos sujeitos do testemunho, mas também i) tudo aquilo que não se pode saber pelas várias razões, ii) aquilo cada um intencionou dizer sem conseguir, iii) os fracassos não revelados, iv) aquilo que se teria querido ou podido dizer, e v) aquilo que se pensa ou que se deseja poder dizer.

Finalmente, da mesma forma que esta dissertação contribuiu para o desenvolvimento intelectual e humano do pesquisador, possa contribuir em qualquer grau para pesquisadores que

buscam na Teoria da Atividade o arcabouço teórico para compreender o mundo sob uma ótica que reconheça o dinamismo do mundo moderno, mas que se preocupa também com o local, o situado, com minorias e vulneráveis.

REFERÊNCIAS

ACNUR. **Deslocando-se através das fronteiras.** Disponível em: <http://www.acnur.org/t3/portugues/quem-ajudamos/refugiados>. Acesso em 27/02/2016.

ACNUR. **Tendências Globais sobre refugiados e pessoas de interesse do Acnur.** Disponível em: <http://www.acnur.org/t3/portugues/recursos/estatisticas/>. Acesso em 27/02/2016.

ALBERTI, V. **Manual de história oral.** 3 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

ALVES, Rubem. **Filosofia da ciência:** introdução ao jogo e suas regras. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

ANDRADE, Maria Margarida de. **Como preparar trabalhos para cursos de pós-graduação.** 7 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

ANTONELLO, C. S. As formas de aprendizagem utilizadas por gestores no desenvolvimento de competências. In: **ENCONTRO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO – ENANPAD, 28.** 2004, Curitiba.

APPOLINÁRIO, Fabio. **Dicionário de metodologia científica.** 2. Ed. São Paulo: Atlas, 2011.

BBC BRASIL. **Governo Temer suspende negociações com Europa para receber refugiados sírios.** Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/brasil-36556393>. Acesso em 19/08/2016.

BBC BRASIL. **Oito capítulos para entender a crise na Síria, que já dura quatro anos.** Disponível em: http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/10/151012_crise_siria_entenda_rb. Acesso em 27/02/2016.

BERNAL, D. D; BURCIAGA, R; CARMONA, J. F. Chicana/ Latina Testimonios: Mapping the Methodological, Pedagogical, and Political. **Equity & Excellence in Education**, 45(3), p.363-372, 2012.

BEVERLEY, J. The margin at the center: on testimonio (testimonial narrative). In: SMITH, S.; WATSON, J (Eds). **De/colonizing the subject: The politics of gender in women's autobiography.** Minneapolis: University of Minnesota Press; 1992.

BOM MEIHY, José Carlos Sebe; RIBEIRO, Suzana L. Salgado. **Guia prático de história oral.** São Paulo: Contexto, 2011.

BOM MEIHY, José Carlos Sebe; HOLANDA, Fabíola. **História oral:** como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2014.

BRASIL. Ministério da Justiça. **Cartilha para Refugiados no Brasil.** Brasília: Duo Design, 2014.

BRASIL. Ministério da Justiça. **Migrantes, apátridas e refugiados: subsídios para o aperfeiçoamento de acesso a serviços, direitos e políticas públicas no Brasil**. Brasília: Ipea, 2015.

BRASIL. Ministério da Justiça. **Parceria entre Brasil e Acnur vai aprimorar concessão de vistos a refugiados**. Disponível em <http://www.justica.gov.br/noticias/parceria-entre-brasil-e-acnur-vai-ra-aprimorar-concessao-de-vistos-a-refugiados>. Acesso em 25/02/2016.

CASSANDRE, M. P. **Metodologias intervencionistas na perspectiva da Teoria da Atividade histórico-cultural: um aporte metodológico aos estudos organizacionais**. Universidade Positivo: Curitiba, 2012.

CASSANDRE, M. P.; AMARAL, W. R.; SILVA, A. Eu, Alex, da Etnia Guarani: O testemunho de um estudante indígena de Administração e seu duplo pertencimento. **Cadernos EBAPE.BR (FGV)**, v. 14, n. 4, artigo 9, 2016

CERTEAU, M; GIARD, L; MAYOL, P. **A invenção do cotidiano: 2. Morar, cozinhar**. 12 ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

CLOT, Y. **A função psicológica do trabalho**. Petrópolis, RJ. Vozes, 2007.

DAVYDOV, Vassily V. The content and unsolved problems of activity theory. IN: ENGSTRÖM, Y.; MIETTINEN, R.; PUNAMÄKI, R. **Perspectives on activity theory**. New York: Cambridge University Press, 1999.

EL-GUINDY, Moustafa M. **Metodologia e Ética na Pesquisa Científica**. São Paulo: Livraria Santos Editora, 2004.

ENGSTRÖM, Y. Activity Theory and individual and social transformation. In: ENGSTRÖM, Y.; MIETTINEN, R.; PUNAMÄKI, R. L. (Eds.), **Perspectives on activity theory**. Cambridge: University Press, 1999a. p. 19–38.

_____. Expansive Learning at Work: Toward an activity theoretical reconceptualization. **Journal of Education and Work**, Vol. 14, No. 1, p. 133-156, 2001.

_____. **Learning by Expanding: an activity-theoretical approach to development research**. Helsinki: Orienta-Konsultit, 1987.

FERNANDES, Maria Esther. A “História de vida” como instrumento de captação da realidade social. **Cadernos CERU** n. 6, série 2, 1995.

FERREIRA, AURÉLIO B. DE HOLANDA. **Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: J.E.M.M. Editores Ltda, 1988.

GONZÁLEZ REY, F. As categorias de sentido, sentido pessoal e sentido subjetivo: sua evolução e diferenciação na teoria histórico-cultural. **Psic. da Educação**, São Paulo, 24, 1 sem 2007. p. 155-179.

_____. **Las categorías de sentido, sentido personal y sentido subjetivo en una perspectiva histórico-cultural: un camino hacia la nueva definición de subjetividad**.

GOULART, S.; CARVALHO, C. A. O pesquisador e o design da pesquisa qualitativa em administração. In: VIEIRA, M. M. F.; ZOUAIN, D. M. (orgs). **Pesquisa qualitativa em administração**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

ICHIKAWA, E. Y.; SANTOS, L. W. dos. Vozes da História: Contribuições da História Oral à Pesquisa Organizacional. In: **Encontro Nacional da Associação dos Programas de Pós Graduação em Administração**, 27, 2003.

JOUTARD, Philippe. História oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). **Usos & Abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2006.

KHOURI, JULIANA MOUAWAD. **Pelos caminhos de São Paulo**: a trajetória dos sírios e libaneses na cidade. 2013, 281 p. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Judaicos e Árabes do Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo (USP), 2013.

LARAIA, R. B. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

LEONTIEV, A. N. Activity, consciousness, and personality. Hillsdale: PrenticeHall, 1978.

_____. Problems of the development of the mind. Moscou: Progress, 1981.

LIBÂNEO, J. C.; FREITAS, R. A. M. M. **Vygotsky, Leontiev, Davidov - Três aportes teóricos para a Teoria histórico-cultural e suas contribuições para a didática**. Goiânia, UCG, 2013.

MASSOUH, Siham. **Siham**: memórias de uma síria brasileira. Brasília: Thesaurus, 2014.

MCHUGO, J. **Syria**: a history of the last hundred years. New York: The New Press, 2015.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História oral e memória**: a cultura popular revisitada. São Paulo: Contexto, 2013.

NAÇÕES UNIDAS. **Síria, uma crise inaceitável que precisa acabar**. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/video-siria-uma-crise-inaceitavel-precisa-acabar/>. Acesso em 27/02/2016.

ORTELINDA GONÇALVES, M. **Migrações e Desenvolvimento**. Porto: Fronteira do Caos, 2009.

PAES DE PAULA; A. P. Para além dos paradigmas nos Estudos Organizacionais: o Círculo das Matrizes Epistêmicas. **Cad. Ebrape.Br**, v.14, n.1, artigo 2, p.24-46, jan/mar. 2016.

PAULILO, Maria Angela Silveira. A pesquisa qualitativa e a história de vida. IN: **Serviço Social em Revista**, Londrina, v.2, n. 2, p. 135-148, Jul/Dez, 1999.

PORTAL BRASIL. **Brasil prorroga por dois anos emissão de vistos especiais para refugiados sírios**. Em <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2015/09/brasil-prorroga-por-dois-anos-emissao-de-vistos-especiais-para-refugiados-sirios>. Acesso em 14/02/2016.

QUEROL, M. A. P.; CASSANDRE, M. P.; BULGACOV, Y. L. M. Teoria da Atividade: contribuições conceituais e metodológicas para o estudo da aprendizagem organizacional. **Gestão & Produção**, v. 21, n. 2, p. 405-416, abr./jun. 2014.

ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). **Usos & Abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2006.

SANTOS, Mauro Augusto dos; ET AL. Migração: Uma revisão sobre algumas das principais teorias. Belo Horizonte: **UFMG/ Cedeplar**, 2010.

SPINDOLA, Thelma; SANTOS, Rosângela da Silva. Trabalhando com a história de vida: percalços de uma pesquisa(dora?). **Revista Escola de Enfermagem**, USP, 2003. p. 119-126.

STAKE, R. E. **Qualitative Research: studying how things work**. New York: The Guilford Press, 2010. 244 p.

STETSENKO, A. Theory for and as social practice of realizing the future: Implications from a transformative activist stance. **The Wiley Handbook of Theoretical and Philosophical Psychology: Methods, Approaches, and New Directions for Social Sciences**, First Edition. John Wiley & Sons, 2015.

TERÄS, MARIANNE. **Cultural diversity in work and education** – Perspectives of the first and second generation immigrants. Helsinki, 2010.

THOMPSON, Alistair. Memória e tradição. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). **Usos & Abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2006.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Editora Atlas, 1987.

TRUZZI, Oswaldo Mário Serra. Redes em processos migratórios. **Tempo Social**, v. 20, n.1, 2008.

_____. Sírios e libaneses e seus descendentes na sociedade paulista. In: FAUSTO, Bóris (Org). **Fazer a América: a imigração em massa para a América Latina**. São Paulo: Edusp, 2000.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.

WEBER, Max. A objetividade do conhecimento nas Ciências Sociais. IN: COHN, Gabriel. **Sociologia: Weber**. São Paulo: Editora Ática, 2003.

ZENI, Kaline; FILIPPIM, Eliane Salete. Migração haitiana para o Brasil: acolhimento e políticas públicas. Belo Horizonte: **Revista Pretexto**, v.15, n.2, p. 11-27, 2014.

APÊNDICE A TESTEMUNHO MARIA

Alexandre- Olá!

Maria- Tudo bem?

Alexandre- Tudo joia?

Tudo bem.

Maria- Tudo bem, que bom que deu certo.

Alexandre- Como te falei, como falei para você “ali” (Facebook), e a Marcela (Linyon) também tinha falado um pouco, eu estou tentando terminar meu Mestrado e eu me propus escrever sobre esta questão que para a gente é nova, é diferente e tudo mais.

E aí depois assim, para Maringá, aqui para a cidade não veio fluxo de pessoas, foi onde eu acabei vendo Marcela, vendo os projetos e tudo mais, onde ela fez o contato e tudo mais. Foi quando vocês falaram: a gente topa! E legal.

Maria- Então. Você quer que a gente fale sobre (tipo) um pouco a história nossa? Ou no geral como que é os refugiados que mora aqui em um país diferente?

Alexandre- Não, sua história mesmo.

Não é uma questão de perguntas e respostas, você entendeu? É... Eu tenho eixos, exemplo, como era sua vida lá, e quando você resolve vir, resolve ou acaba tendo que vir para cá, e a adaptação.

Entendeu?

Antes, deixa eu te falar: eu posso gravar o áudio? Depois eu vou transcrever tudo isso e assim, antes de colocar em trabalho tudo mais eu te envio isso por escrito para você me dar validades, que eu transcrevi de forma correta.

Maria- Está certo!

Alexandre- Está bem?

Maria- Tranquilo.

Alexandre- Tudo bem.

Maria- Tá! Então eu vou começar de 2012 (suspiro) naquela época (risos) para trás, tá!

Como você sabe que começou a guerra em 2011 lá na Síria, e começou nas cidades laterais e não chegou para nossa cidade que é Aleppo, e depois a gente ficou muito tempo dentro de Aleppo dentro de guerra, ficamos um tempo porque a gente não queria sair, e faltava comida, às vezes, faltava luz, faltava muitas coisas e eu não conseguia continuar meu curso lá, é Arquitetura, porque também caiu bomba na minha faculdade. Daí eu resolvi mudar, sair da cidade para

Kuwait, onde minha família mora. E eu fiquei, naquela época eu era Com meu marido agora, eu fiquei lá 6 meses lá no Kuwait e não consegui notícias sobre a família do meu marido. E fiquei muito tempo em que as ligações entre o Síria e os de fora não estavam adequadas para muitas pessoas. E passei muito tempo sem nenhuma notícia sem nenhuma ligação e este tempo acabou me ficando assim: muito nervosa muito curiosa para saber o que está acontecendo.

E depois deste tempo, meu marido, Aber, conseguiu sair da cidade com muita dificuldade, com muitos perigos nos caminhos, porque saiu de ônibus e passava com vários... E cada barreira ele não ia passar do próximo, então neste tempo estava assim muito risco para a gente porque a gente estava... Morreria naquele tempo. E depois a gente ficou junto ele conseguiu ir para o Kuwait conseguimos ficar um pouco tempo lá, fora, tipo distante da guerra, e depois este tempo nós decidimos para casar. E para casar lá no Kuwait não podemos porque a família dele não pode participar e voltar para a Síria fazer o casamento muito perigoso também, então resolvemos ir para outra cidade na Síria, que chama Lataquia, casamos lá e ficamos um pouco tempo, e depois fomos para Líbano, pedimos nosso visto para Brasil, e pegamos o avião, viemos para cá, no final de 2013, e assim começou nossa vida, bastante disso eu perdi uma parte da minha vida que antes de começar a guerra na minha cidade eu estava estudando em Lataquia, outra cidade. E lá naquele tempo, a guerra começou lá em Lataquia e conseguiu transferência para Aleppo, e naquele tempo eu lembrei que estava morando, eu e minha irmã, e tinha um tempo em que os rebeldes estavam em minha rua e todos os meus vizinhos estavam gritando para ninguém sair da casa, ninguém tivesse este risco para morrer. Eu lembrava que eu peguei todos os sofás e as mesas, puxei para a porta para ninguém abrir porque estava muito ruim e as notícias.... Acompanhando as notícias na televisão, e todos estavam falando que os rebeldes estavam entrando a força para as casas e os apartamentos que estavam na minha rua. E naquele tempo eu senti o perigo da vida, senti o valor da vida que a gente às vezes não sabe quando a gente morre...

Alexandre- Entendi.

Maria- E agora neste tempo quando nós chegamos aqui para o Brasil, começamos nova vida com muitos tipos de dificuldade para começar porque a língua não é nossa, a cultura não é nossa, tudo muito difícil para começar. Difícil também achar emprego sem língua. Então passamos um tempo, especialmente o começo, tipo 3 ou 4 meses, assim, muitos perdidos, não sabemos nada, não conseguimos fazer aulas de português porque estava muito.... Tudo estava fechado na época de Natal, e ficamos assim um pouco parados sem poder fazer nada, gastando o dinheiro nosso e assim, depois aconteceu um milagre na (risos) minha vida. Como eu falei para você que eu não consegui continuar meu curso na Síria, eu tentei aqui achar uma vaga na

faculdade, na Federal assim, e todo mundo falava para mim que era muito difícil achar a vaga porque para passar na Federal tem que passar no vestibular, e vestibular muito difícil para as pessoas, já é para os brasileiros, então imagina para uma estrangeira que faz um vestibular aqui. Então desisti, não fui... Não tentei porque fiquei com medo, todo mundo falava isso, então não dá. E daí fui para a Puc, perguntei lá na Puc se eu consigo continuar meu curso, e elas não me aceitaram porque eu não falo a língua e não dá para acompanhar.

Então desisti, eu não vou continuar meu curso. E um dia a gente estava andando na rua e ele falou “vamos tentar uma vez na Federal, às vezes, talvez vai dar certo”. Falei não, não dá, porque todo mundo fala isso.

Mas não sei o que aconteceu, a gente entrou na Federal, estava no final de dezembro, de novembro de 2013, e entrei e não tinha nenhuma pessoa, só meu coordenador, Paulo Kieza, e a gente entrou na sala dele, não falamos nada de português, falamos em inglês com ele, pouquinho assim: tipo “oi, tudo bem?”. Só com ele, que a gente tinha aprendido naquele tempo. Eu falei para ele no inglês que eu sou da Síria, refugiada, queria continuar meu curso, assim, eu não tenho meu documento, não consigo trazer tudo, eu preciso...eu gostaria de continuar meu curso se tem possibilidade para mim.

Ele falou: “trouxe” o que você tem de documento e eu vou tentar fazer alguma coisa.

Falei tá bom, deixei meu número. Depois assim, uma semana, duas semanas mais ou menos assim, ele me ligou, disse, você está aprovada na Federal, parabéns!

Eu não sei como, sem vestibular, sem prova, sem nada. E depois comecei a ter aulas em fevereiro de 2014. E no começo eu perguntei para ele, como você me aceitou na Federal? Eu não falo a língua, nada, não fazia uma aula, eu comecei as aulas de português com as aulas da faculdade junto. Eu aprendo o alfabeto de manhã, eu aprendo Arquitetura a tarde, muito confuso.

Daí eu perguntei: como você me aceitou?

Ele falou que na Federal tem uma lei que permite os refugiados estudarem na Faculdade, mas esta lei não estava funcionando porque não tinham refugiados, tinham imigrantes, mas não tinham refugiados. Daí eu sou a primeira refugiada que estuda na Federal, que abriu esta situação e agora tem muitos refugiados que conseguiram esta vaga.

E graças a Deus deu certo e eu agora estou continuando meu curso, estou no final, estou fazendo monografia agora, e fazendo estágios também, trabalhando. E assim é a minha vida (risos).

Alexandre- Que bacana, que legal.

Maria- E também a minha família, a família do meu marido conseguiram trabalhar em um projeto de comida árabe, e a gente está fazendo comida árabe em eventos, em feira, assim, e estamos ajudando eles no fim de semana, mais ou menos.

Alexandre- Legal.

Maria- E falando também, cozinhando e falando... (Risos).

Alexandre- Seu português já está excelente.

Maria- Falta muito, mas graças a Deus está muito bem.

Alexandre- Está ótimo. Como você disse para um curto espaço de tempo e fazendo este monte de atividade, está melhor que o de muitos brasileiros.

Maria- Quando eu comecei as aulas de português, quando eu comecei a falar, 24 horas minha cabeça está ligada em qualquer palavra, “eu preciso aprender!” Eu quero conhecer tudo, estava muito difícil. Eu lembro que na mesma aula eu escuto, os professores falam em português, meus amigos traduzem tudo, tudo, para mim em inglês e eu anoto tudo no caderno no árabe. Daí três línguas no mesmo momento, e chego a noite para casa assim “ não quero mais, chega! (Risos).

Alexandre- A cabeça fica lotada, cheia.

Maria- As nossas dificuldades aqui no Brasil... Que.... Quando nós chegamos não tinha estrutura para a gente, não tinha nada, o Brasil não estava preparado para receber os refugiados, onde a gente vai ninguém sabe quais os nossos direitos, então estas são nossas dificuldades que a gente não sabe o que nós podemos fazer aqui.

Alexandre- Entendi.

Maria- Sabe, então só isso... Fazer coisas para idosos, nós temos idosos aqui, na família tem, eles têm 85 anos mais ou menos, eles precisam de muitas coisas de saúde, de salário, aposentadoria, várias coisas que nós ainda não conseguimos porque o governo nunca permite os refugiados terem esses direitos, então nossas dificuldades são com documentos mais ou menos, com direitos assim, mas graças a Deus com muito lento está indo (risos)

Alexandre- Deixa eu te fazer uma pergunta, voltando um pouco, quando vocês vêm para o Brasil, já tinha algum parente, algum amigo aqui? Como que o Brasil apareceu para vocês?

Maria- Apareceu porque a gente queria viajar para fora, mas naquele tempo nenhum país abriu as portas para os sírios. Bom, no geral. Então não tinha outros que abriam as portas para sírios, então não tinha outra escolha, tinha isso, Brasil, Brasil.

E a gente tinha um amigo, que morava aqui há 40 anos mais ou menos, ele que indicou para a gente que Curitiba era melhor que outras cidades, daí a gente pesquisou um pouquinho na internet e vimos que tá, tudo bem, tranquilo! Não faz mal para a gente (risos) tudo bem, qualquer cidade.... Está bom! E então por isso a gente escolheu o Brasil.

Alexandre- Entendi.

E hoje aqui está você, seu marido, e quais outros parentes que também estão aqui?

Maria- A família dele, mãe, pai, e a Silvia, minha cunhada. E os avós dele, e tem um tio e tia, e a família do tio e a família da tia.

Alexandre- Bastante pessoas

Maria- Somos 15!

Alexandre-15 pessoas!

Maria- Ahan!

Alexandre- Entendi.

E o curso já está no finalmente já, último ano do curso, fazendo estágio...

Maria- Sim, fazendo estágio, fazendo monografia, um monte de coisas... (risos) ... E amanhã vou dar aula de árabe, primeira aula (risos).

Alexandre- Vai dar aula de árabe?!

Maria- Vamos ver!

Alexandre- Para alunos brasileiros?

Maria- Já dei aula de árabe, de inglês também, em um instituto de inglês. E assim, tem que ter várias profissões para que qualquer uma.... Vai!

Alexandre- Muito bem, muito bom...

E os parentes, os familiares que ficaram, vocês conseguem contatos com eles? Tem contato com eles?

Maria- Na verdade a família inteira estava mais ou menos todos fora, só tinha uma família e quando nós conseguimos falar com eles, só quando tem energia para ter internet, mas quando não tem, não conseguimos, não podemos falar com eles, mas de vez em quando a gente consegue ter as notícias.

Alexandre- Entendi, a guerra ainda está intensa por lá, não é?

Maria- Sim, muito. Esses dias sim, bastante. A gente tem vários amigos, conhecidos, na guerra e então por isso a gente fugiu para não ter que perder mais próximos.

Alexandre- Entendi.

Hoje você acha que para as pessoas que vieram da Síria também, mas posterior a vocês, depois de vocês, é..... Está um pouco mais fácil vir para o Brasil? Está igual à quando vocês vieram? Ou piorou, está mais difícil para vir? Digo de estrutura, de acolhimento do Brasil, como você disse, o Brasil não estava preparado, e hoje está um pouco mais? Como você pensa isso?

Maria- Todas as pessoas que vieram depois, foi melhor, porque quando nós chegamos a Curitiba fomos os primeiros a chegar e estava muito difícil porque nós que estávamos na frente, a gente

que corremos atrás de tudo, agora está melhor, porque as pessoas que estão chegando depois está tudo muito resolvido. Mas a acolhida do governo, ele acolhe aqui tranquilo: bem-vindo! Mas quando você chega aqui, se vira, não tem nada, nada de ajuda. Quem ajuda, assim, os grupos, é, as igrejas, as pessoas, quando eles chegam, de casas, imóveis, de fazer documentos, os grupos da igreja, assim, são os que ajudam são ONGs. Mas o governo não faz nada, só o bem-vindo.

Alexandre- Entendi. E deixa eu perguntar: você profere alguma religião?

Maria- Somos cristãos!

Alexandre- E a música?

Maria- Ah a música! (Risos).

Meu marido toca Alaúde e a Silvia toca Kanun, e eu canto. E cada um lá na Síria pretende esta profissão..., mas não é uma profissão, é tipo um hobby! Tipo a gente canta na igreja, nas apresentações... E quando nós começamos a trabalhar com comida árabe aqui, os clientes gostaram muito desta ideia de tocar e transmitir nossa cultura, nossas músicas... E começamos fazendo uma mini banda, da família, e a gente começou a tocar em eventos, nos jantares, nos eventos que a gente faz e dia a dia assim crescemos e começamos fazer apresentações e a última apresentação que você viu, na Igreja Luterana, e graças a Deus todo mundo gostou e tinham 250 pessoas.

Alexandre- Que legal!

Maria-Ahan! Estava muito bacana.

Alexandre- Muito legal, ainda vou ter oportunidade de assistir.

Maria- Sim... Ahan.

Alexandre- E deixa eu te falar: vocês como cristãs, vivendo em um país predominantemente muçulmano, antes da guerra, antes deste período mais difícil, vive tranquilo, pode proferir a fé?

Maria- Muito tranquilo, muito, muito tranquilo.

Alexandre- E neste período de guerra? Ficou mais difícil para um cristão na Síria? Ou quanto a isto a questão religiosa não é o ponto do problema, não seria isso o determinante para sair...

Maria- Piorou, piorou muito.... Porque as barreiras quando você sai da cidade, as barreiras são controladas por muçulmanos e eles não vão passar você. Este perigo que a gente passou, mas entre nós, essa questão lá na Síria estava muito tranquila..., mas como as pessoas começaram as guerras, começaram a destruir as Igrejas, para matar os cristãos, mudou o sentido o motivo da guerra e virou uma bagunça ninguém entende porque.... Então resolvemos sair e a maioria dos cristãos fugiram... Se antes da guerra tinha 20% de cristãos, agora não tem 5% mais ou menos, digamos assim. Muito, muito pouco agora.

Alexandre- Entendi.

E futuro, você pretende fazendo todas estas atividades que você está fazendo aqui no Brasil, continuar por aqui? Tem vontade de retornar em uma outra situação política? Ou não pensa nisso no momento?

Maria- Eu estou fazendo monografia de centro de acolhimento dos refugiados, então estou assim: quero fazer, quero fazer alguma coisa (risos).

E a gente tem vontade de voltar para Síria e reconstruir nossa cidade, nosso país, temos essa vontade ainda... Mas quando a gente vai voltar, não sabemos ainda. Mas temos essa vontade muito forte.

Alexandre- Entendi. Todos?

Maria- Todos! (Risos). Cada país tem coisas boas, tem coisas ruins, mas onde se nasce, é naquele lugar que seu coração fica para sempre, não dá.... Qualquer país que você vai, a Síria fica no nosso coração, não sai, não podemos tirar ela.... Com todas as coisas ruins que ela têm, com todas as dificuldades, com todas as pessoas que a gente não gosta, mais ou menos, a gente gosta da nossa terra. Acho que a maioria das pessoas, que assim, pensam...

Vai demorar muito tempo para voltar, mas temos que acabar tudo logo e voltamos...

Legal, penso a gente conseguiu falar de bastante...

Bastante anos!

Alexandre- Bastante anos, muito anos, não é? Talvez anos não tão bons, assim, difíceis, mas assim, de superação...

Maria- Sim, quando eu comecei a falar com.... nossa eu senti: eu estou falando desde 2012! Então quando chego para 2030 eu vou falar: naquela época, quase 20 anos atrás.... Os anos estão passando muito rápido, a gente não está sentindo...

Que faz 3 anos, 4 anos que a gente está fora do país, quase, não sei (risos).

Alexandre- Que legal, mas como falei, seu português está muito bom. Porque tem esta barreira, não é? As vezes de uma língua, do próprio inglês, que não é uma língua latina, mas ao menos o alfabeto é igual, e no caso do árabe para o português é nada...

Maria- O alfabeto, ainda bem que tem o alfabeto, porque a gente fala inglês, escreve inglês, mas a língua nunca ouvimos português na nossa vida.... Quando chegamos para cá achamos que era chinês, então nunca sabemos...

E estava muito difícil, porque a gente começou com aplicativo de celular a aprender, tipo: a gente vai para o mercado: quero tomate! A gente escreve: tomate no celular.... Queremos isso, queremos aquilo.... Muito bom, mímica as vezes, mas dava certo...

Alexandre- Falando de língua, ainda há resquício da época francesa na Síria? Assim, costume? Língua? Ou não ficou mais nada?

Maria- Bom, ficou bastante coisa, a gente falava duas línguas, era obrigatório nas escolas. As duas línguas.... Na minha época...

Alexandre- Entendi, pensei que não tivesse uma influência tão grande...

Maria- Influência é muito grande. Antes, 20 anos todo mundo falava inglês, mas no começo de internet, google, a geração virou para.... Não, falava francês, antes, e quando começou a internet, a tecnologia, mudou para o inglês...

Alexandre- Bastante influências?

Maria- Nossa! Imagina as pessoas que foram para a Europa e cada um aprendeu uma língua e se eles voltar para a Síria, cada um vai pronunciar a língua que aprendeu, e a Síria vira um país internacional, que todo mundo fala língua dele.

Alexandre- E este encontro vai acontecer sim, se é o desejo de vocês, em um futuro ele vai acabar acontecendo de novo!

Maria- Amém!

Alexandre- Amém!

Acho que conseguimos falar de bastante anos, estou supercontente, queria agradecer você ter parado este tempinho para a gente poder conversar, vai enriquecer muito meu trabalho, porque a gente senta e começa a escrever, e aí é você e o computador, e não faz muito sentido se a gente não conversa com quem vive, com quem sente o que a gente está tentando escrever. Então fico muito agradecido.

Maria- Não! Obrigada, obrigada você

E quando você vai apresentar o trabalho?

Alexandre- Na verdade eu tenho até o final do ano para terminar, então eu tenho até o final de agosto para fazer a qualificação e aí provavelmente ali na banca vão me dizer quantas mais entrevistas ou histórias de vida eu vou precisar ter.

Como é um trabalho qualitativo, para meu trabalho quantidade não é importante, então é diferente daqueles trabalhos que precisa de amostra. Se der certo eu termino em dezembro...

Maria- Ah, que bom!

E também eu lembrei de uma coisa, quando eu comecei a estudar Arquitetura Brasileira, e os edifícios aqui do Brasil e especialmente em Curitiba eu fiquei muito orgulhosa, porque tem muita influência dos árabes aqui em Curitiba. Daí gostei muito, que bom que os árabes fizeram uma coisa muito boa aqui. Cada edifício tem influência de um cara árabe, eu fiquei muito orgulhosa porque a gente...

E espero que a gente mantenha essa influência boa para o futuro, para outras gerações saibam, tenham esse sentimento pelos árabes e o que fizeram no Brasil, eu gostaria que mantivesse isso...

Alexandre- Com certeza sim. A comunidade que já veio para cá em gerações anteriores a sua.... De árabes e especialmente sírios e libaneses, são raízes profunda. São Paulo, Foz do Iguaçu, são comunidades grandes. Aqui em maringá mesmo, tem bastante sírios, mas são dessas gerações que vieram nos anos 50, 60, 70.... Eu até conversei com eles, mas como eles não estavam neste perfil, que é o seu perfil, e que veio nesta geração, como refugiado, então eles não enquadraram, mas com histórias belíssimas também.

Está bem então, muito obrigado, e vamos conversando...

Maria- Claro, qualquer coisa pode perguntar, não tem problema.

Alexandre- Boa noite para vocês, muito obrigado.

Maria- Obrigada

APÊNDICE B

TESTEMUNHO SILVIA

Alexandre- Tudo bem?

Silvia- Tudo bem, graças a Deus, e você?

Alexandre- Tudo bem também, deixa eu te falar, primeira coisa: eu posso gravar o áudio? Depois eu vou transcrever, depois eu te envio para validar e tudo mais.

Silvia- Ok

Alexandre- Então, obrigado de novo por estar contribuindo, é muito importante para mim está sua contribuição e tudo mais.

Então, as três categorias que eu busco trabalhar é o acolhimento, a inserção e a adaptação.

Na verdade, eu quero te ouvir, desde a Síria, quando as coisas começam e obrigam vocês a se deslocarem.

Silvia- Sim, claro...

Daí dois anos e meio atrás a gente estava na Síria morando na guerra há dois anos também, em Aleppo, na Síria.

Daí não tinha mais como ficar mais na cidade, porque não tinha luz, não tinha água, nem gás, nem comida, nem nada, tipo só ar com cheiro de bomba, e uma vida tipo horrível, daí eu decidi mandar documentos para fora da Síria para tentar continuar minha vida, e não deu certo, nenhum país aceitou, sempre cancelado e sempre...

Tipo: mandavam os documentos cancelados sabe? Eles não aceitaram sírios entrando nos países deles legalmente. Você tem que entrar ilegalmente pagando 10 mil reais.... Não, 10 mil dólares para cada pessoa para entrar. E é loucura e muito arriscado e ilegal. Pode morrer no mar, no caminho, sabe?

Então... Depois de 6 meses de tentativas, que todos não funcionaram, eu mandei meus documentos para o Brasil e em uma semana o Brasil aceitou.

Eu fiquei com medo, porque era o único país que aceitou e tão fácil.... Eu falei parece que tem algum problema, tipo a vida tão difícil lá, e eles estão aceitando...

Eu fiquei com medo, dúvidas... E porque o Brasil aceitou tão rápido.

Mas não tinha muitas opções, daí eu aceitei... Tipo até se o Zimbábue me aceitar eu vou... (risos)

Eu cheguei para cá sozinha, no final de 2013, e comecei minha vida na raça (risos) Aprendendo português, trabalhando em três empregos por dia. Também depois de dois meses toda minha família chegando, eu e meu primo arrumamos uma casa para eles morarem, porque

o Brasil abriu a porta para os sírios, abriu as portas para todo mundo, para todas as nacionalidades, ele não tem problema com ninguém. Daí ele abriu a porta “seja bem-vindo”, mas você entrar e dorme na rua.

Não tem cuidado do governo, não tem nada, tipo salário, casa, tua saúde, qualquer coisa que.... Refugiado que saiu do país dele sem nada, e chegando para cá sem nada, o que precisa é acolhimento. O país só abriu as portas, isto que ele fez, daí você entra e começa o sofrimento aqui dentro, porque você não conhece ninguém, não fala a língua, dorme na rua 100%.

Daí quando minha família chegou eu consegui alugar uma casa e deixei todo mundo dormindo junto no começo só para eles se estabelecerem e se alugam uma outra casa..., mas foi tudo engraçado, porque não falava português, daí para alugar, para fazer garantia de casa, para limpar casa, não sabia nem o que significa “oi”

Alexandre- Entendi.

Silvia- Foi tenso assim.

Daí durante a guerra, quando a gente morava lá há dois anos não tinha luz né...

Eu sou design gráfica, daí eu parei de trabalhar, eu perdi trabalho, porque agencias fecharam e foram embora. Eu formei meus estudos e não tem mais o que eu faço, eu também sou formada em Design Gráfico Comunicação Visual, daí sem internet, sem computador, tipo a gente para né, o que eu vou fazer agora?

Então eu fui para minha avó e pedi para ela me ensinar crochê. Porque não precisa de eletricidade, e ela me ensinou a fazer crochê, e eu voltei para casa, coloquei aquelas luminárias de emergência, que a gente tinha, e colocava assim ao lado e trabalhava no escuro, e vendia para meus amigos e outras pessoas, acessórios de crochê que eu fiz.

Daí quando eu cheguei para o Brasil né, eu trouxe alguns destes crochês comigo e trabalhei aqui para sobreviver. E me ajudaram muito para pagar meu aluguel, além de que eu trabalhei também como professora de inglês, eu trabalhei também como free lancer de Design Gráfico, daí vários cargos no mesmo dia para recomeçar do zero.

Um dia eu encontrei uma pessoa que ele acreditou que eu tenho talento nestes trabalhos de crochê que eu faço, e ele disse: Silvia, você não tem interesse em aprender a fazer joias com pedras e perolas em outro nível assim?

Eu disse: claro, vamos tentar.

E eu comecei trabalhar com ele, tipo era uma etapa muito grande de crochê até joias e perolas, assim design de joias, é muito lindo!

Assim eu descobri um outro talento no Brasil que eu não descobrira na Síria, que é design de joias também (risos).

E comecei a produzir não mais do que oitenta peças exclusivas e depois de um tempinho eu conseguia até vender meu produto. Daí eu desenho, monto, vendo, todo o processo sozinha...

E agora estou montando minha marca.... Um dia eu vou ser uma design de joias famosas (risos).

Alexandre- Com certeza!

Silvia- E além das coisas que a gente também trouxe da Síria, tipo: instrumentos! Mais importante que a roupa, daí a gente trouxe meu instrumento de oitenta cordas, chamado Kanum, meu irmão toca alaúde, também trouxe, e minha cunhada canta, Maria.

E a gente formou uma minibanda que chama “alma síria”, e agora começamos também, tipo utilizando todos talentos que a gente tem no Brasil, primeiro para sobreviver, segundo também para transmitir nossa cultura que é muito distante, muito diferente do que é a cultura brasileira. É uma cultura muito rica e muito antiga. Daí foi legal que a gente conseguiu trazer muitos talentos e mostramos aqui. Arte, pintura, dança, música, comida.... Minha mãe também faz um projeto que oferece comida árabe.... Daí bastante coisa.... Vamos produzir! ... (risos).

Estamos fazendo bastante coisas no Brasil...

E agora cada dia melhora um pouco, você sente que a situação está melhorando, mas não é fácil começar em um país muito distante, distante de cultura, distante de língua, que nunca escutamos português antes, por exemplo.

E o pior ainda é que você chegando para cá não é uma opção sua, você não exigiu chegar para cá sabe?! Pensa, tipo “eu sou obrigada a estar aqui, eu sou obrigada a falar a língua, eu sou obrigada a trabalhar e integrar... É muito puxado psicologicamente”. Não é turistas passeando aqui, “gostamos do país”, não é uma opção!

E a nossa vida na síria era muito “elegância” (risos), muito melhor que nossa vida no Brasil, qualidade de vida, é.... Tipos de trabalho... O dia a dia assim do sírio é muito mais tranquilo que a correria aqui deste Brasil.

Mas, graças a Deus que estamos vivos, pelo menos, e estamos recomeçando aqui com vocês, morando no país que acolheu todo mundo, e o que que eu lembro do Brasil é o povo né, que acolheu!

Tipo sem o povo a gente morria de fome, de não ter lugar, de muitos detalhes que eles apoiaram a gente...

Então acho que é isso, resumindo...

Alexandre- As pessoas ainda estão vindo para o Brasil, você acha que está mais fácil, está igual ou mais difícil para quem está vindo recente?

Silvia- Ah mais fácil! Porque há dois anos e meio atrás o Brasil, nem o povo sabia o que estava acontecendo na Síria, quando eu falo que sou da Síria, eles falam “da Líbia?!” Não, é outro país!

Síria que tem guerra.... Você já escutou?!

Ninguém conheceu muito o que estava acontecendo. Depois a mídia passou mais e mais fotos e imagens, e daí o povo sentiu um pouquinho mais...

O povo Brasileiro não sabe o que significa guerra! Daí ele não vai imaginar o que está acontecendo. Mas até a mídia que está passando no Brasil é muito filtrada, filtrada pelos americanos sabe?!

Então não é a realidade... Passa aqui uma visão, um filtro, mas cada história tem várias realidades, daí a gente tem que olhar de vários lugares.

Alexandre- Entendi.

Silvia- Depois... As pessoas que agora estão chegando e agora são 20 ONGs que ajudam refugiados... Em Curitiba não tinha nenhuma ONGs... Eu ligava para as ONGs de São Paulo porque lá tinha dois anos atrás... E infelizmente eles sempre me responderam que “desculpa, nós não podemos ajudar refugiados em Curitiba, porque não temos este poder para ajudar outras cidades”.

Eu sinto muito mal, a gente precisa da ajuda de vocês, mas eles não tinham esta.... Agora dois anos depois fizeram Adus de São Paulo, fizeram Adus de Curitiba, mais de São Paulo, fizeram mais de Curitiba, e várias outras ONGs estão começando lá e fazendo mais uma filial aqui. Porque é precisam também aqui né?!

Tem muitos sírios que estão chegando por Curitiba indicando de outros sírios, porque aqui é melhor financeiramente que São Paulo, porque é mais barato um pouquinho né (risos), e você pode recomeçar a vida em um cidade que é boa, e você pode também viver em boa qualidade de vida também boa. Muitas pessoas falam para mim “ah que bom que você não ficou para outras cidades no Brasil”, tive sorte de chegar para Curitiba. Eu não conheço, daí eu não sei se é verdade ou não, mas todo mundo fala para mim que foi uma escolha boa... Não era uma escolha também, mas graças a Deus (risos) ...

Daí é isso.

Alexandre- Entendi.

Como foi o aprendizado do português?

Silvia- No começo, na primeira semana que eu entrei aqui eu fui para a escola Celin, da Federal. Eu fui pedindo troca com eles, ajuda, eu entrei e falei com o gerente lá que eu não posso pagar porque o curso básico de português para o estrangeiro: 1.100,00 reais, absurdo caro; tipo olha

eu não posso pagar este valor, nem menos até, mas eu posso trocar como Design, posso fazer troca porque eu preciso de língua para sobreviver no Brasil, pelo menos a língua... Daí eles disseram para “tudo bem, você pode entrar”. Fiquei muito feliz no começo porque eu estou aprendendo língua.

Mas minha família não estava estudando, só eu. Só eu que ganhei esta vaga para estudar. E eu falei: Por favor, você não podem dar mais vagas para minha família? Eles disseram: Quantas pessoas são? Eu disse: dezesseis! (Muita coisa, eu sei...) O máximo de um curso no Celin são 10 pessoas, daí eles precisam reservar dois cursos só para minha família, impossível! Tem muitos sírios também...

Eu fiquei 5 meses falando, falando com Celin, e todos os professores de lá, até que uma professora falou que ela vai ser uma voluntária e dar curso para os sírios. E era o primeiro curso gratuito para os refugiados sírios. E eram só 20 vagas. Falei: Nossa! É muito pouco ainda! Porque até eles abrirem o curso, chegaram outras famílias que precisam muito. Daí eu fiz a lista de todos os jovens da família, que precisam mais do que os velhos. Daí todos os jovens, eu fiz a lista até a idade dos meus pais também, que precisam, e eles entraram para estudar. Tipo de cada família, 6 pessoas, só para conseguir. Tipo uma ensina a outra pelo menos para recomeçar. Este curso é tipo uma ou duas vezes na semana, uma hora; é muito pouco para aprender uma língua. No meu caso não, eram todos os dias, 3 horas, eu aprendi muito melhor. Mas eu fiz só 3 cursos básicos e parei porque preciso trabalhar, pagar meu aluguel, ou não morrer de fome. Estudar é muito bom, mas infelizmente você não pode só estudar, você precisa estudar se o governo não te dá salário, mas estudar e ficar sem dinheiro não funciona também, e sem português você não pode trabalhar, então é uma coisa infinita, loucura assim.

E eu saí assim da escola, 4 meses só que eu estudei, saí e comecei trabalhar nestes três empregos que eu falei para você, três coisas. E aprendi todo o português na raça depois, tipo só fiz o básico no Celin e continuei sozinha porque não tive mais tempo.

Alexandre- O seu português é muito bom!

Silvia- Ah, obrigada!

Agora tem muitos brasileiros que me acham Brasileira 100% (risos), ainda tem sotaque, mas eles não percebem se eu não falei.

Alexandre- Legal.

E você considera que já está adaptada? A vida em Curitiba? O cotidiano?

Silvia- Olha (risos), eu acho que sim, em Curitiba sim, mas ainda você não sente aquele lar que você perdeu, sabe? E demora anos, anos e anos para sentir aquela mesma coisa.

E ainda estou com muita dificuldade para revalidar o diploma, agora só revalidando meu diploma para conseguir continuar meus sonhos, porque faz todo este tempo que eu desloquei da Síria, que eu cheguei para cá e recomeçar e adaptar aqui eu perdi este tempo que eu queria estudar como um jovem normal né, que termina a faculdade, quer terminar mestrado, fazer outras coisas, mas quando eu terminei a faculdade começou a guerra. Daí não tem mais sonhos (risos) e agora depois que eu me achei um pouco, vamos repensar na vida, vamos repensar nos sonhos, claro que é muito mais difícil. Por causa financeiramente eu não posso deixar minha família, daí é outra realidade. Tipo a vida que eu tinha lá na síria nunca vai voltar mais. Agora eu estou outra Silvia, outra vida, outros sonhos e tipo você não pode mudar isto.

Tem coisas que são mais fortes que você

Alexandre- E um dia quando esta guerra acabar, quando esta situação, esta incerteza toda na Síria passar a vontade é voltar?

Silvia- Não sei (risos).

Primeiro porque não sei quanto tempo vai demorar isto, anos, talvez um mês, talvez 10 anos, ninguém sabe...

Não sei se eu vou voltar para a Síria antiga ou outra Síria, uma Síria nova, porque não tenho mais amigos lá, não tenho nada mais lá, só parente, só casa, tipo pedra, será que você vai voltar só para pedra?

Não era a minha casa, era a casa dos meus pais. Eles com certeza voltam, com certeza, meus avós, meus pais com certeza porque construíram toda a vida lá, eu vivi na Síria 22 anos, eles viviam na Síria 60 anos... Claro que eles querem voltar para onde eles...

Mas eu vou recomeçar a vida em qualquer lugar, aqui, em outros países, em qualquer jeito, eu sou uma pessoa que gosta de viajar e conhecer o mundo, mas não era planejado este jeito de viajar (risos)

Então é isso mesmo...

Alexandre- E de todos da família, que precisam trabalhar, todos conseguiram? Estão conseguindo trabalhar?

Silvia- Todos, tipo.... Não!

Quem não fala português não achou trabalho ainda. Eu, meu irmão, minha cunhada, mais jovens arrumaram, conseguimos. Também a crise está difícil, estamos perdendo, voltando, achando outro.... Não está fácil, assim, nem para o brasileiro. Mas meus pais, meus avós, outros na idade do meu pai está muito difícil para eles, pois estão com dificuldade em falar português, dificuldade em trabalhar porque não falam e também está dor que tem dentro, tipo, eles

perderam tudo e por exemplo meu pai era joalheiro, tinha a joalheira dele, e perdeu tudo, para recomeçar como funcionário.... É tenso!

Então não fala português, mas graças a Deus ele conseguiu, faz quase duas semanas só que ele está trabalhando. A gente está aqui 3 anos quase e ele acabou de trabalhar agora só e ele ainda não fala português muito bom, porque de dentro ele não quer, sabe? Ele quer voltar. Daí tem coisas que bloqueiam a gente.... Psicologicamente, sabe?

“Não quero ficar aqui, não quero morar aqui para sempre, a minha casa é lá, meu coração é lá”, mas você fica vivendo esperanças, daí você não está nem aí, nem lá, fica no meio.

E este é um sentimento muito ruim, mas muito está passando isto com refugiado, que não sabe se vai ficar toda a vida no Brasil, não sabe se vai voltar, não está vivendo em nenhum dos dois lugares. Mas logo vai saber, tipo, melhorando Síria, voltou, não melhorou nunca, esqueceu a utopia, tirou da cabeça e ficou aqui

Alexandre- Parece que este é o sentimento do refugiado. Físico ele está aqui, o coração está lá e vive este dilema, este jogo.

Silvia- Exatamente, tipo você não tem o lar seu, você não tem memórias, sentimentos, teu coração está 100% lá, mas você está obrigado a esta aqui no momento. É uma loucura estar sabe? Isso mesmo... A gente precisa escrever um livro né Alexandre? (Risos)

Alexandre- Pois é (risos). É muito rica a história, é triste, mas é rica, riquíssima, e assim, o português como você disse é uma língua que você nem ouvia, o alfabeto também...

Silvia- É! A gente escreve da direita para a esquerda o alfabeto (risos).

Alexandre- Isso, entre outras sutilezas.

Legal, eu penso que era isso, a gente pegou um panorama bem legal da história, fico encantando com isso, não pela parte da tragédia, claro, mas pela superação. A parte da música também!

Silvia- É bem legal!

Alexandre- Sim, eu ainda vou a Curitiba para a gente prestigiar vocês, com certeza

Silvia- Ah! Obrigada! (Risos)

Alexandre- Muito rico, muito rico mesmo!

Silvia- Obrigada! Então bom trabalho para você então.

Alexandre- Então, muito obrigado, eu vou transcrever tudo que a gente conversou, te mando....

Alguma coisa que eu posso não compreender, mas o português de você está muito bom. E você me fala se sim, se está correto e até o final do ano, até dezembro eu termino o trabalho e envio para você também a versão final.

Silvia- Então está bem. Obrigada.

Alexandre- Eu que agradeço e a gente conversa em breve.

Silvia- Falamos em breve, obrigada, beijo.

Alexandre- Beijo para vocês e bom domingo.

Silvia- Obrigada, tchau!

Alexandre- Tchau!

APÊNDICE C

TESTEMUNHO JOSÉ

José- Olá!

Alexandre- Olá, tudo bem?

José- Tudo bem?

Alexandre- Tudo bem, e você?

José- Tudo bem!

Alexandre- Primeiro eu queria agradecer pelo seu tempo...

José- Nada!

Alexandre- Muito obrigado mesmo, é bem legal você ter topado e vai ser muito importante para o trabalho que é levar um pouco para a academia conhecer melhor o que acontece.

Eu vou gravar o áudio, depois eu vou transcrever toda a conversa, mandou para você, para você ler e ver se eu entendi algo errado ou alguma coisa e você me fala assim “está ok”.

Antes disso eu não divulgo, depois eu trabalho com este material.

José- Está bom!

Alexandre- Então assim: a proposta é um formato de testemunho, então não é pergunta e resposta. Eu queria ouvir de você assim: como era sua vida na síria, como começou todo o problema, como o problema afetava sua vida, como você vem para o Brasil e como está sendo sua vida no Brasil.

José- Ahan, aqui você quer que eu conto para você minha história?!

Alexandre- Correto.

José- Então, o nome? Começa assim?

Alexandre- Sim.

José- Então, meu nome é José, eu sou Engenheiro Mecânico, lá no meu país, eu sou sírio. Engenheiro mecânico, tenho 33 anos. Eu morava na cidade que se chama Homs, centro da Síria. Foi totalmente destruída esta cidade, por causa de guerra, terroristas e as coisas assim. Nós deixamos a cidade por causa de terroristas né? Ficaram na rua tudo, então sai da cidade. A maioria do povo, de nós, deixou tudo lá e saiu sem nada. E foram para outras cidade, que cada pessoa foi a outra cidade. E ficaram fora da cidade mais ou menos três anos ficaram terroristas lá dentro da cidade. O povo desta cidade ficou refugiado, foram para outras cidades, outros países, talvez pessoas ficaram lá na Síria mesmo, e outro países, como Líbano, Jordânia, assim, mas perto.

Então eu fiquei em Damasco, capital da Síria, depois fui para o Líbano, fiquei lá 7 meses também, depois de Líbano eu vim para cá, vim para o Brasil.

Alexandre- É.... Por que Brasil?

José- Foi um convite da organização que se chama Mais, chamada Mais do Brasil, essa organização trabalha com uma Igreja Sofredora e com refugiado. E com todo mundo que sofre por causa de religião, por coisa assim. Mais trabalha assim...

Tem amigo meu lá na Igreja na Síria, ele tem contato com não sei quem... Assim e foi jeito de Deus para ter este convite para vir para cá, para o Brasil...

É... Mas lá na Embaixada brasileira, quando você vem para cá, quando você pede visto, tem que ter convite ou tem que ter dinheiro. Para eles aceitarem, para dar para você visto.... Então tinha este convite, eles aceitaram, eu vi para cá para o Brasil...

O mais tem projeto que apoia os refugiados se for um refugiado, projeto de um ano. Apoia um ano dando tudo, mas não é eles, eles têm contato, eles fazem contato com igrejas aqui no Brasil. Igrejas que apoiam este povo, esta família, este refugiado, por um ano. Aprender a língua, alugar casa, alimentação, as coisas assim...

Papel, tudo, fica pronto!

Ali a situação foi um pouco mais difícil porque eu fui para o Rio Grande do Sul, e não deu certo lá com a Igreja, falta de sentimento, de projeto lá, então.... Não deu certo e eu voltei para o Mais. Fiquei lá também, depois foi o convite de Sim do Brasil, para vir para cá, para Londrina. Londrina, Paraná.

Tem aqui uma organização que chama Sim do Brasil, uma organização que na verdade trabalha com missionários.

Agora eles têm também projeto para ajudar o povo da África, também tem lá, aquele povo com doença, acho que sida, não sei o que.... Com o projeto que chama acolhe. “Acolhe” é um projeto de apoio a refugiado. Então eu fui o primeiro refugiado aqui em Londrina que eles convidaram para vir para cá, e eles me apoiaram por um ano, eles não deixaram faltar nada, falta nada, então foi muito bom aqui em Londrina, o povo aqui é muito bom e tudo dá certo, tudo, graças a Deus!

Alexandre- Entendi.

José- Então, o que mais eu falo? (Risos)

Alexandre- A questão do acolhimento, você foi bem acolhido, já que eles te ajudaram...

José- Isso!

Alexandre- O português, como você aprendeu, está aprendendo o português?

José- Então, quando eu cheguei ao Brasil eu nem sabia uma palavra portuguesa sabe (risos), é.... Eu falo inglês, sabe, por causa de ser Engenheiro mecânico, trabalhava com a Siemens de

Alemanha, tenho certificado com eles, então a gente usa na área de trabalho usa o inglês né. Então quando eu fiquei no Rio grande do Sul, eu comecei trabalho lá, mais ou menos depois de um mês que eu fiquei no Brasil eu comecei o trabalho, sem saber falar nada, então a comunicação com as pessoas.... Entendeu? Ouvir, ver eles fazerem as coisas, se esforçando para entender.... Eu fiz duas ou três aulas no....

Até aqui em Londrina eu fiz duas ou três aulas com uma professora também, mas não tem.... Nem tinha como continuar também.... Então relacionamento com as pessoas foi o meio de aprender as coisas, mas falta muito né, mas pelo menos dá para a gente entender as coisas que falam...

Alexandre- Quanto tempo que você está no Brasil?

José- Dois anos, dia primeiro de dezembro eu farei dois anos.

Alexandre- Para dois anos de Brasil seu português está muito bom.

José- Foi muito bom, graças a Deus.

Alexandre- E o trabalho, eu sei que você já falou, mas fala mais um pouco, o que você trabalhava na síria e com o que você está trabalhando aqui no Brasil?

José- Então, trabalho.... Este é um problema, grande problema.... Porque eu sou Engenheiro mecânico lá, eu trabalhava lá com supervisão de um projeto grande lá de produção de energia, eu trabalho na área de turbinas que funciona a gás ou vapor. Eu tenho certificado de Siemens de Alemanha, então a vida super legal lá, estava a minha vida.

Então eu vim aqui, perdi até minha profissão. Já perdi, certo?!

Tenho que fazer documento, até você aprender língua, meu diploma ainda não funciona aqui, não funciona. Então eu trabalhava lá no Rio grande do Sul em uma oficina de aquecedores, aqueles aquecedores de água, que deixa água quente, que esquenta água.

Então eu fui lá na oficina de um senhor muito legal, muito gente boa, e eu nem sabe falar português, ele estava até com um rapaz falando comigo em inglês, ele falou para mim “olha isso, faz para mim esta coisa, você sabe? ...”. Eu nunca vi aquecedor, sabe?! (Risos)

Mas fiz... Engenheiro né, tem as coisas que.... A gente tem cabeça e vai dar certo... Então eu fiz as coisas assim, ele falou “vem aqui amanhã a trabalho”...

Graças a Deus foi bom, eu trabalhei com eles, ele gostou do trabalho, mas não deu certo lá com a Igreja, as coisas, então eu voltei para o mais e vim aqui para Londrina.

Aqui em Londrina para começar o trabalho também muito difícil sabe... O Brasil, o povo fala em crise, então acho que o país ainda muito bom, a crise não está, mas o povo sente isso, quando eu tenho certeza, “não dá para fazer isso”, “não dá pra fazer isso”, nunca vai fazer, mas quando eu posso fazer, eu posso fazer, já vai fazer, entendeu?!

Então o povo fala... A gente.... As pessoas falam que aqui nós temos crise, nós temos crises.... Ah olha! Vocês não têm nada!

Olha gente lá na Síria, antes de guerra um dólar quase 40, 45 libras sírias, agora um dólar quase 600 (libras sírias), entendeu?

Então se você compra uma Coca de 10 reais, agora você paga 200 reais para comprar uma Coca. Então não é crise, mas o povo quem faz isso...

Alexandre- Entendi.

José- Então, comecei aqui em Londrina.... Eu gostaria de cozinhar, porque na minha área não sei.... Não sei como, por causa de meu diploma não funcionar foi difícil eu entender.... As pessoas não me deixam na minha área...

Mas eu gostaria de cozinhar.... Eu fiquei aqui com amigos da Igreja, eu cozinhei para eles, eles experimentaram a comida: ah você faz comida! Vende!

Eu comecei fazendo pão sírio, coalhada, as coisas para as pessoas experimentarem, para ganhar um pouco de dinheiro sabe?!

Ganha dinheiro e também para passatempo, porque não tem nada para fazer e também é problema, entendeu?!

Assim comecei cozinhar, fui na televisão em programas também, amigos de igreja que arrumou para mim sair na televisão, fiz comida na televisão assim... E depois tem um rapaz aqui, amigo também que trabalha em manutenção de prédio, é..... Eu fui trabalhar com ele dia a dia sabe? Por dia, trabalhador, tira lixo, tira sei lá o que, limpa chão, faz assim... Agora pouco daqui há dois meses arrumei um emprego, um amigo arrumou para mim, um emprego em um prédio como vigia... Como segurança, não dentro de condomínio, eu estou trabalhando lá agora, fui registrado na carteira de trabalho. Isto foi meu trabalho aqui no Brasil. Já coloquei os documentos lá na faculdade, para mudar meu diploma, até eles não sabem como fazer, pois, é coisa nova para eles, coisa nova para eles, dei todos os documentos para eles e eles agora estudando minha situação, eles darão resposta para mim, acho que em novembro eles falaram para mim, tomara que dê certo.

Então isso é muito importante porque aqui em Brasil não tem corpo para ajudar.

Não tem nada de ajuda de governo.

Alexandre- A ajuda que você tem parte das pessoas, não parte do governo?

José- Exatamente! Isto mais difícil... Quando você vive, graças a Deus, eu sou grato a eles, agradeço todo mundo, todo mundo, até só quem pensa em ajudar e não fez nada eu agradeço. Coisa mais difícil entendeu? Sentimento, porque a gente não tem costume de pedir ajuda, entendeu? Difícil, difícil mesmo. Então por causa disto as pessoas, todos os refugiados vão a

Europa. Na Europa quando você chega você vai ter salário, vai ter apoio concreto, não falta nada, por causa de ONU né?!, ONU, governo, vai ter escolha para mim, você não vai trabalhar nada, aqui você vai aprender língua, então você todo dia vai à escola, porque você tem salário para viver bem, tem casa, tem tudo, você tem que aprender língua. Só isso agora. E depois quando você aprende e fazem exame e depois começa trabalho. Tudo melhor.

Aqui no Brasil é difícil porque o Brasil é um país grande, aqui no Brasil também tem um povo também que precisa de ajuda, então não é aquele país rico, é..... Falta muito aqui, então, por isso a Embaixada lá não aceita as pessoas, não aceita se não tem convite, se não tem pessoas que vai receber esta família ou este rapaz refugiado, eles não aceitam. Não aceitam por causa disso, eles não quer mais.

Entendeu?

Alexandre- Entendi.

José- Esta coisa também... Quando você vai vir para cá para Brasil, você vai ver quais documentos, tudo claro, tudo com certeza... Lá na Europa as pessoas chegam lá sem documentos, sem passaporte, sem nada, só com a mala, fala lá “eu sou refugiado” você já tem apoio, mas quem está como refugiado lá? Terrorista, povo de Deus, povo de não sei o que? Ninguém sabe.

Então lá na Europa agora tem bastante terroristas e muitas coisas é difícil lá.... Vai ter problema lá... Aqui no Brasil menos esta coisa porque os terroristas não vão ter este passaporte, vai ter documentos para ele sair da Síria, sair e entrar em outro país...

Alexandre- Entendi.

José- Então deste jeito protege o Brasil, para não ter terroristas.

Alexandre- Entendi. Sua religião?

José- Eu sou cristão, eu nasci na família cristã, eu nasci cristão, eu sou cristão, mas cristão significa aqui.... Quando fala cristão significa evangélico.... Cristão é quem acredita em Jesus Cristo. Lá a maioria da Ortodoxa, mas tem Católica e tem Evangélica também.

Eu nasci na família Ortodoxa.

Alexandre- E como é a vida de um cristão na Síria antes da guerra e depois da guerra?

José- Então, cristão lá... A gente vive bem, tem a nossa liberdade para fazer nossas festas, as nossas vidas, a gente.... Tem livre, livre para fazer o que a gente quer, Igreja lá bem antigas, por causa que nosso país foi o berço da civilização, se você sabe...

A Síria é berço da civilização, primeira capital do mundo, tem pessoas que vivem lá.... Mais ou menos 9000 anos antes do nascimento de Jesus Cristo. Então lá cristão tem liberdade, tem igrejas bem grande, catedral, tem tudo o que a gente pode fazer, fazer festa na rua, na Santa

Ceia, na Sexta Santa, no Natal, na Páscoa. Na Páscoa a gente também anda na rua, governo ajuda, fecha as ruas, a gente anda, faz festa, ninguém faz mal com nós. Até mulçumano desce na rua, fica com nós, eles assistem esta festa, ficam com nós

A gente vive juntos, mulçumanos, cristãos juntos com amor. De repente as pessoas que fazem a guerra, mulçumanos radicais, pessoas muito radicais, eles que são terroristas, para mim quando pessoas ficam radicais, se for mulçumano, se for cristão, se for não sei o que, se ficam radicais, eles serão terroristas, quem é radicais para qualquer coisa não é bom nesta vida.... Eu acho.

Então cristão lá tem a vida nossa... Tem também a cidade lá que chama Ma'alula perto de Damasco, o povo dele ainda fala aramaico, hebraico, a língua de Jesus.

A nossa língua estava a mesma também, siríaca, antes de árabe entrar no nosso país, estava isso, depois mudou com o tempo para ficar árabe.

Alexandre- Mas hoje tem cristão que ficou na Síria. Consegue proferir a fé ou nas cidades que estão os radicais ficou difícil?

José- Então, nos lugares que tem terrorista é bem difícil, nas cidades mais seguras ainda tudo funciona normal: as Igrejas, o povo, tudo.... Até a igreja lá ajuda as pessoas, entendeu?

Cada vez dá alimentação, por causa de ajuda de fora de país.

Então tudo começa, as igrejas ajuda a família, até família mulçumana vai lá para a igreja e ela tem ajuda de igreja.

Alexandre- Entendi. E você veio sozinho? Veio com a família? Ou sua família ficou? Ela está em outro lugar? Fala um pouco sobre a família...

José- Eu vim para cá sozinho, por que sozinho? Eu tenho situação de exército, eu tenho que ir para o exército. Me chamou para ir ao exército, porque eu terminei a minha faculdade.... Eu demorei a minha faculdade para não ir para o exército. Quando eu terminei minha faculdade tem que ir para o exército, obrigatório. Então eu não quis, eu não gosto de guerra, e não gosto de matar ninguém, não dá! Para mim não dá! Nem matar um bicho...

Então, quando foi assim... Tem a lei lá.... Tem que sair do país, ficar quatro anos fora do país, depois paga para país, não sei quanto agora, mas acho que estava 15.000 dólar, não sei se baixou, o que.... Depois você pode voltar, paga e volta lá normal...

Então esta é minha situação especial que foi comigo... Fora de perder tudo lá na minha cidade, minha casa, tudo né? Este é mais coisa para minha história... (risos), foi assim...

Eu sou separado, tenho filho de quatro anos, ele está com a mãe dele lá.

Alexandre- Como chama seu filho?

José- Alexandre!

(Risos) ... É!

Alexandre- Que legal!

José- Ahan, seu nome!

José- É..... Tenho dois irmãos que são casados, cada um tem dois filhos também, tenho pais e mãe. A família inteira está lá, mas em outros lugares, não na minha cidade, cada um em um lugar.

Alexandre- Entendi.

José- Agora estou tentando trazer a família do meu irmão para cá. Nós esperamos os vistos saírem da embaixada do Brasil, eles virão para cá...

Alexandre- Vai dar certo, com certeza!

José- Sim, com certeza!

Alexandre- E..... Seu desejo é voltar? É ficar no Brasil? Você pensa nisso? Alguma coisa...

José- (Risos)...

Não dá para pensar agora sabe? Porque ninguém sabe a situação, não tem como falar.... Ainda nem sabe nada, ainda não dá para imaginar o que aconteceu.... Então.... Já dois anos passou, mas não sei, onde vou voltar? Estou começando nova vida aqui, vou voltar para cá, para começar de novo: nossa quanto tempo tenho nesta vida para fazer tudo isso?

Então não sei, não tenho resposta para este, sobre isso... Só Deus sabe!

Alexandre- Sua vida é bastante bonita e triste.

José- Bonita para você! Hahahahahahaha.... Mas para mim não...

Alexandre- Não! Eu digo pela superação sua, entende? A história é triste...

José- Hahaha.... Eu estou brincando para você.... Mas para mim foi bem pesada, mas não posso te dizer.... Vai continuar, não vai parar!

Um dia vai dar tudo certo, Deus nunca deixa nas mãos...

Porque se você... Só Deus vai ter, ninguém, ninguém sabe... Deus usa pessoas na nossa vida para ajudar irmãos, mas ele... Não é as pessoas, se não tem ele é problema!

Então não é todos os árabes que são terroristas, não são todas árabes que usam burca, usam não sei o que na cabeça...

Alexandre- Nem todos usam barba.... Você não usa, eu uso...

José- Hahahaha

Então... Só de falar árabe, eles já têm medo, não, não...

Povo muito legal, a gente vem da mesma coisa, como vocês hoje tem na internet, cada um entra e vê como a vida estava lá antes de guerra, como foi depois da guerra, tem tudo lá hoje. Então. É difícil para quem não sabe tudo...

As pessoas têm que saber tudo, no nosso país, berço da civilização, foi a primeira capital do mundo, tem a vida lá... Foi a primeira música, foi lá, o primeiro alfabeto “a, b, c, d....” Foi lá... Não vai falar que este país é de árabe, de terrorista, deixa nós triste. As pessoas pensam assim. Não é assim não. Quem usou o povo, estes radicais, estes perigosos... Quem corta cabeça, quem come coração, este nem sabe quem é Deus... Deus nunca... Colocar religião, colocar Deus não para matar, comer coração das pessoas, cortar cabeça... Deus é amor, amor, só fala sobre amor, nunca foi matar outros. Então acho estas pessoas nem sabem o que é Deus.

Não pode assim, Deus não é....

Eu tenho relacionamento com Deus, só eu e Deus quem sabe, você nunca vai saber o que eu tenho com Deus, eu nunca vou saber... Até se eu for na igreja, na mesquita... Este tudo e nada... É você e Deus, ninguém vai saber...

Então esta coisa de você, muito especial, não dá para falar: você é cristão, eu não; você é muçulmano, eu não! Cada um sabe seu relacionamento dele com Deus, não obrigar você para ficar comigo no meu Deus, Deus é um.

Então a minha religião é certa, a sua não?! O que é isso? Assim não, só serve para separar as pessoas, cada religião.... Evangélico, ortodoxo, católico, em nenhuma palavra (bíblia) fala isso.... Não dá para a gente ficar separado assim, deste jeito. Para mim não é bom, se a gente continuar assim vai ter guerra, dentro de cristãos mesmos.... Espero que não... (risos)

Alexandre- Legal conhecer você, José!

Muito legal você ter contribuído, eu vou enviar tudo escrito para você e você me fala se eu transcrevi certo, nenhuma palavra que eu tenha entendido errado.

Obrigado, agradeço pelo seu tempo no seu dia de folga.

José- Tudo bem.

Alexandre- Vou transcrever tudo e mandar para você.

José- Pelo menos ajuda.... Tem a profissão, se não tem ajuda de governo, de ONU, mas por causa de profissão.... Eu estudei a minha vida, eu trabalhava com isso, você vai ganhar um Engenheiro, um Engenheiro, advogado, arquiteto, isto é bom para o país mesmo e para nós... Eu sou Engenheiro e trabalhava na área.... Eu limpo chão aqui no Brasil... Eu vou limpar! Não sou metido.... Eu vou limpar, eu faço tudo, não tem problema.... Mas o que é melhor? Então.... Para nós todos...

Mas está bom...

Se você precisa de algo mais, você fala comigo

Alexandre- Legal, muito obrigado, mas acho que você me deu uma aula, sobre a história da síria, sobre sua história, como é a realidade do refugiado sírio no Brasil... Ninguém sabe melhor contar do que vocês...

Eu estou fazendo muitas palestras na igreja, nas escolas, deixar as pessoas saber, as pessoas saber sobre meu país, sobre as coisas, porque tem que saber.... As pessoas têm que saber...

É isso!

Alexandre- Muito obrigado!

José- Boa sorte para você!

Alexandre- Obrigado.

José- A gente se fala.

Alexandre- Falamos sim, abraço e bom descanso.... Até mais!